



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARACANÃ: ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES ENTRE TORCEDORES DE
FUTEBOL

RAFAEL WILLIAN CLEMENTE

Sob a orientação do Professor
Edson Miagusko

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em **Ciências Sociais**, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Agosto de 2016

302

C626m

T

Clemente, Rafael Willian, 1985-

Maracanã: espaço e representações entre torcedores de futebol / Rafael Willian Clemente - 2016.

163 f.: il.

Orientador: Edson Miagusko.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Bibliografia: f. 148-152.

1. Representações sociais - Teses. 2. Futebol - Torcedores - Teses. 3. Futebol - Aspectos sociais - Teses. 4. Estádio do Maracanã - Teses. I. Miagusko, Edson, 1972-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

RAFAEL WILLIAN CLEMENTE

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM / /

Edson Miagusko. Doutor. UFRRJ (Orientador)

Flávia Braga Vieira. Doutora. UFRRJ

Victor Andrade de Melo. Doutor. UFRJ

À Any e Helena.
Compreensão e carinho. Sempre!

AGRADECIMENTOS

Imensos e sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ, principalmente na pessoa transparente, paciente e eficaz do meu orientador, Professor Edson Miagusko, sem o qual esse trabalho não ocorreria. Também à Professora Sílvia Fernandes por ter propiciado a teoria “do campo” em Ciências Sociais e ter reforçado a minha convicção, de que o conhecimento se constrói mais fora das salas de aula do que propriamente nelas. À Professora Flávia Braga Vieira, pelas preciosas dicas e pela prontidão no aceite, sempre. A todos os pesquisadores que dedicaram grande parte do seu tempo produzindo pesquisas e literatura sobre o futebol e os esportes, principalmente aos Professores Gilmar Mascarenhas de Jesus, Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo e Gilberto Agostino (*in memoriam*).

Por fim, a vida na pós-graduação pode ser dividida em etapas. O convívio semanal com os colegas e professores nas disciplinas é interrompido em pouco tempo – a eles, esses agradecimentos. Surge, então, a necessidade da solidão da escrita e do estudo. Entretanto, graças aos amantes do esporte mais popular do mundo, minha trajetória como pesquisador foi menos marcada pela ausência. Agradeço a cada um que aparece nessas páginas. Sem eles não haveria meu campo. Sem eles não haveria “Maraca”.

Resumo

CLEMENTE, Rafael Willian. **Maracanã: espaço e representações entre torcedores de futebol.** 2016, 165p Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

O presente trabalho foi construído tendo a relação de torcedores de futebol no estádio do Maracanã como ponto principal. Na esteira do chamado “futebol moderno”, aquele atingido diretamente pelos processos de globalização e mercantilização dos bens culturais, pretendemos identificar determinados processos e possíveis fenômenos capazes de afetar o *modus* torcedor. Uma das maneiras está diretamente ligada às modificações do espaço – seja em escala macro ou micro, do urbano ao *locus* esportivo – propiciadas e incentivadas a partir dos grandes eventos. Dessa maneira identificamos a entrada da cidade do Rio de Janeiro na “era dos grandes eventos”, a partir do Pan-Americano de 2007. Sendo assim, o estádio do Maracanã – nosso recorte físico de observação – passou por consideráveis modificações estruturais ao longo dos anos, em cada megaevento esportivo que abrigara. Desde sua inauguração no ano de 1950, até o presente momento, às vésperas dos Jogos Olímpicos, o que foi considerado “maior do mundo” é hoje um estádio com instalações físicas “modernas”, confortáveis e adaptadas aos padrões da Federação Internacional de Futebol (FIFA), considerados necessários para o espetáculo do futebol. Dessa maneira, procuramos identificar as representações que novos e “velhos” torcedores fazem desse novo-velho espaço. Símbolo incontestável do futebol brasileiro e monumento que por vezes se confunde com a própria cidade que o abriga. Para tanto, além de uma análise teórica que procura analisar o debate entre as cidades e os megaeventos procuramos fazer tanto das entrevistas quanto dos arquivos jornalísticos nosso campo de pesquisa. O periódico carioca *Jornal dos Sports* foi verificado para analisarmos como a construção do estádio do Maracanã, outrora Estádio Municipal, ocorreu. Bem como todo o debate em torno de sua construção. Entrevistando os torcedores pudemos concluir e apontar as nuances que esses indivíduos e suas agremiações torcedoras enfrentam na constante inserção no futebol modernizado.

Palavras-chave: Maracanã. Torcedores de futebol. Representações.

Abstract

CLEMENTE, Rafael Willian. **Maracanã: space and representations for the football fans.** 2016, 165p
Dissertation (Master Social Science) Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

This work was built with the relationship of football fans at the Maracana stadium as the main point. In the wake of the "modern football", that directly hit by globalization and commodification of cultural goods, we intend to identify certain processes and possible phenomena can affect the fan modus. One way is directly linked to the changes of space - whether macro or micro scale, the urban sports locus - propitiated and encouraged from major events. Thus we identify the entrance of the city of Rio de Janeiro in the "era of mega events," from the Pan-American games of 2007. Thus, the Maracana stadium - our physical clipping observation - has undergone significant structural changes over the years in every sporting mega event that housed. Since its opening in 1950, until now, on the eve of the Olympic Games, which was considered "world's largest" it is now a stadium with physical facilities "modern", comfortable and adapted to the standards of the International Football Federation (FIFA), deemed necessary for the spectacle of football. Thus, we seek to identify the representations that new and "old" fans make this new-old space. incontestable symbol of Brazilian football and monuments which are sometimes intertwined with the city that houses it. Therefore, in addition to a theoretical analysis that seeks to analyze the debate between the cities and mega events we try both the interviews and journalistic files our research field. The newspaper Jornal dos Sports has been verified to analyze how the construction of the Maracana stadium, formerly Municipal Stadium, occurred. As well as the whole debate around its construction. Interviewing fans we concluded and point out the nuances that these individuals and their associations cheerleaders face the constant insertion in modernized football.

Key-words: Maracanã. Football fans. Representations.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ADEM – Administração dos Estádios Municipais

CBD – Confederação Brasileira de Desporto

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CEEM – Comissão Executiva de Estádios Municipais

Cr\$ - Cruzeiro

FERJ – Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

JS – Jornal dos Sports

JB – Jornal do Brasil

R\$ - Reais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1 CAPITALISMO, ESTÁDIOS E MEGAEVENTO	08
1.1 Espaço, esporte e capitalismo	
08	
1.2 O evento <i>business</i> : o futebol como negócio	09
1.2.1 Uma paixão na TV	16
1.2.2 Torcer entre sol, suor e cerveja	20
1.3 O <i>lócus</i> e a empresa capitalista. O estádio, a cidade no capitalismo tardio	28
1.4 O esporte espetáculo	38
2 O ESTÁDIO MUNICIPAL. DE COLOSSO DO <i>DERBY</i> A MARACANÃ	49
2.1 A ideia do Estádio	53
2.2 Surge o <i>Colosso do Derby</i> . O <i>Jornal dos Sports</i> e a campanha pelo Gigante.	55
2.3 A Copa do Mundo de Futebol 1950. O primeiro evento do Gigante.	87
2.3.1 A derrocada de um projeto nacional ou o surgimento do “país do futebol”?	87
2.3.2 O Maracanã antes dos megaeventos. Tempos áureos (?)	91
2.3.3 Modernizações no estádio: a era dos megaeventos.	97
2.4 O Pan-Americano de 2007.	98
2.5 A Copa do Mundo de Futebol e o <i>New Maracanã</i> .	101
3 NOVOS E VELHOS PERSONAGENS	112
3.1 Torcer e torcedores. Representações e memórias.	112
3.1.2 Nostálgicos ou saudosistas? Que saudade do velho Maracanã!	113
3.1.3 Jovens nas organizadas e movimentos torcedores.	124
3.1.3.1 Organizadas	124
3.1.3.2 Movimentos Populares de torcedores	142
3.2 Famílias e mulheres. O estádio de todos?	144

4 CONCLUSÃO 145

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 148

6 ANEXOS 153

A – Tabelas

B – Caderno de imagens

C – Questionários

Introdução

Foi como aluno da disciplina de Brasil República no curso de Especialização em História do Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF)¹, que decidi estudar futebol, ou algum tema relacionado a esse assunto. O professor, que por consequência do destino, só ministrou aquela aula devido a uma falta inesperada do docente titular, caminhava pela perspectiva teórica da relação entre um clube de futebol, as tradições inventadas e sua afetação no imaginário popular. Lembro-me que a todo instante havia provocações em sala, visto que o clube estudado pelo respectivo docente era diferente, ou melhor rival – para usar o vocabulário apropriado – de grande parte dos alunos presentes naquela sala. Entretanto, foi daquele momento em diante que optei por modificar meu objeto de estudo – até então me concentrava na “música popular brasileira” e sua relação com a Ditadura civil-militar no Brasil. Foi uma mudança a princípio drástica. Novas bibliografias, novos contatos na academia e um caminho teórico novo a percorrer na construção e descobrimento do objeto. As arquibancadas, já conhecia bem, faltava agora encontrar sua relação com os estudos acadêmicos e científicos.

Todo tema, todo objeto, é uma imensidão. Com o futebol não é diferente, é um objeto onde as paixões humanas têm grande presença e na pesquisa aproximam o pesquisador e o próprio objeto. Então seria preciso achar dentro desse campo uma abordagem propícia, um subtema – ou melhor – um problema, sem o qual não haveria um projeto, uma pesquisa. Foi tateando por várias possibilidades, desde as torcidas organizadas a violência no futebol que me deparei com um possível recorte. Por que não estudar aquele considerado “o maior do mundo”, sua relação com a cidade na qual está encravado fisicamente e afetivamente? Ele seria capaz de englobar várias outras temáticas nas quais gostaríamos de permear. Mas, então, qual seria o problema? Passávamos por um momento ímpar na vida esportiva da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, pois, sediávamos a segunda Copa do Mundo de Futebol e em dois anos sediaríamos as Olimpíadas. O campo de pesquisa estava em um momento muito propício e de certa forma “aquecido”, muitos textos acadêmicos já eram produzidos como resultado – ao menos parcial – do impacto que os megaeventos vinham tendo no Brasil em geral e em nosso caso específico no Rio de Janeiro. Na

¹ A respectiva Especialização *lato-sensu* foi cursada entre os anos de 2009 e 2011 no Programa de História da Universidade Federal Fluminense em Niterói.

imprensa esportiva a produção textual e analítica aumentara consideravelmente a ponto de toda grade televisiva passar grandes alterações para atender à demanda, principalmente do futebol.²

Relacionar os megaeventos esportivos e todas as consequências para a cidade era uma chave interessante de pesquisa. Mas seria necessário um pouco mais: trazer a perspectiva do torcedor de futebol, saber da relação dos torcedores e frequentadores do Maracanã após as reformas de modernização e descaracterização do estádio, se mostrava viável. Ora, aí estava um objeto e seu problema. O próximo passo era o de tornar a ideia um projeto viável para a pesquisa. Sua realização se daria por meio de fontes documentais e orais, entrevistas, pesquisa de campo.

Pensar na cidade do Rio de Janeiro e associá-lo ao futebol nos parece uma construção mais que consolidada, tanto no campo do senso comum quanto nas opiniões mais intelectualizadas. A crônica esportiva, desde Mário Filho e Nelson Rodrigues no *Jornal dos Sports* até o diário *Lance*, concede grandes análises a este espaço. A literatura acadêmica tem sido ampliada consideravelmente no que diz respeito à observação não só deste estádio, mas percorrendo a própria cidade, muito por causa da sua relação com os megaeventos, como fez Curi (2012) ao analisar os espaços torcedores tendo como pano de fundo o Estádio Olímpico Nilton Santos (popularmente conhecido como Engenhão). Desde a análise das torcidas jovens organizadas (Buarque de Holanda, 2010; Teixeira, 2003), do próprio início do futebol carioca na virada do século XIX para o XX (Pereira, 2000), bem como da cidade esportiva que o Rio de Janeiro foi se tornando (Melo, 2008) até a construção do Maracanã (Moura, 1998), um símbolo maior dessa associação, ou que a melhor representa - no geral, talvez só perca para a estátua do Cristo Redentor - a história da cidade parece se confundir com o esporte e arrisco a dizer com seus próprios aparelhos esportivos.

Com essa imbricação precisávamos olhar um evento que ocorreria em breve em muitas cidades do Brasil. A Copa do Mundo de futebol ocorreria em poucos meses, mas já produzia nas capitais escolhidas como cidades sede grandes modificações. As estruturas urbanas passavam por mudanças substanciais, projetos de mobilidade, reformas em aparelhos esportivos, deslocamento de populações de suas moradias, tudo tendo como por argumento os grandes eventos como oportunidade de uma nova cidade. Dali a dois anos o Rio de Janeiro também sediaria os jogos

² Um bom exemplo foi a grade de programação da *ESPN Brasil* - franquia local de um dos maiores canais esportivos das Américas. Às vésperas da Copa do Mundo de 2016 o programa de maior audiência exibido originalmente duas vezes ao dia, passou a ter 5 edições diárias, sendo todas as incursões ao vivo.

olímpicos e a cidade precisaria se preparar para tal momento. A princípio nos aproximamos de uma literatura que dizia respeito às cidades nesses momentos de eventos esportivos. Buscando uma abordagem teórica mais dentro da Sociologia Urbana pretendíamos observar o Rio de Janeiro dentro da perspectiva do momento histórico no qual estava inserido. Mas nosso objeto estava recortado e seria o estádio Maracanã. O Rio dos megaeventos, o Maracanã dos megaeventos.

Nosso primeiro objetivo era o de verificar como o estádio se “comportaria” após as “modernas instalações” em sua estrutura ou melhor, no que se transformara. Entretanto, essas modificações só viriam a ocorrer por ocasião da entrada da cidade no “momento grandes eventos”. A adequação do Maracanã ocorreria pelo fato do Rio de Janeiro ter sido escolhido para receber tanto os momentos principais da Copa do Mundo de Futebol quanto ser a sede das Olimpíadas de 2016. Portanto, a reforma do Maracanã era a consequência de uma causa. A cidade também passaria por algumas modificações consideráveis. Pelo menos esse era o objetivo inicial, que ao longo dos anos foi se mostrando um tanto quanto atrasado e inviável em sua relação ao tempo para obras e os investimentos. Para tanto, era preciso fazer uma leitura da relação das cidades com o capitalismo nos momentos de grandes eventos.

Partimos da premissa teórica que se encontra em Harvey (2001) de que o capitalismo busca a readequação da lógica espacial para se salvar de uma crise ou aumentar seus lucros dentro das cidades. Essa, era a nossa primeira hipótese. Rearranja-se a cidade através de interesses privados. Dos rearranjos surgem “melhores” acordos econômico-financeiros para o grande capital. Os efeitos dessa realocação, caem sobre a sociedade, muitas das vezes são mais sentidos por uma fatia da população com menos acesso ao bem-estar social. Uma fatia considerável, dependente desse precário estado de bem-estar para realização das suas necessidades primeiras. A realização de um grande-evento esportivo era a chance para a readequação da cidade e sua entrada numa era de modernizações que condiziam com um momento ímpar. Aliás, sediar um evento internacional traz consigo um determinado valor simbólico que possivelmente não seja possível repetir em uma mesma década. A cidade do Rio de Janeiro, como várias outras capitais-sedes, iria se tornar mais moderna: ampliação da rede metroviária, readequação do porto da cidade, novos espaços para facilitar a mobilidade e um novo velho estádio. Se as primeiras estavam diretamente ligadas ao deslocamento de uma determinada população de suas moradias, a segunda se aproximava do fenômeno da segregação do espaço público através do argumento modernizante. Transferimos os argumentos de Harvey do macro universo das cidades ao micro universo dos estádios. Se o capital

se utilizaria da realocação e do rearranjo das/nas cidades para satisfazer seu anseio por vultuosos investimentos, também o faria nos espaços públicos. Em se tratando de estádios de futebol o argumento giraria em torno de uma administração deficitária por parte do Estado na gestão do aparelho esportivo e conseqüentemente, por esse motivo a transferência a uma concessão privada renderia maiores cifras ao poder público e também um melhor serviço à população. Esse serviço melhorado passaria pela própria reforma dos espaços internos e externos e a otimização na exploração desses recursos. Logo, a modernização seria uma operação dupla onde as reformas estruturais, possivelmente, viriam acompanhadas de um novo gerenciamento dos seus espaços e como consequência, pensávamos que uma das hipóteses dessa nova forma de administração seria a diferenciação dos valores do ingresso ao estádio, algo que já se reparava em países como a Inglaterra. Essa foi nossa primeira hipótese de pesquisa, antes de adentrar ao campo. Mas para verificá-la era necessário compreender o que representava o estádio do Maracanã tanto para os torcedores quanto para a cidade do Rio de Janeiro. Foi então que dedicamos um capítulo à construção do estádio. Era preciso verificar em quais condições, surgira na cidade um aparelho esportivo que ao longo do tempo faria parte do imaginário popular e esportivo do carioca e também do brasileiro. Aliás, do Oiapoque ao Chuí já se ouvira alguma vez o nome Maracanã como referência a uma praça esportiva.

Para tal verificação recorreremos ao *Jornal dos Sports* como fonte primária, o periódico que à época fazia coro pela construção do estádio. Foram analisados os jornais no período de 1947 a 1950 – recorte temporal de quando se inicia publicamente, ao menos com maior intensidade, o debate sobre as intenções e necessidades de um estádio que demonstrasse a grandeza da nação e do seu projeto de desenvolvimento, até o término da Copa do Mundo de 1950. Nem todas as edições foram utilizadas. Muitas das vezes o tema do noticiário se repetia por alguns dias, visto que a dinâmica comunicativa da década de 1950 é bem diferente da que vimos e vemos nos anos finais do século passado. Optamos por aquelas que se colocavam de forma mais completa ou que abordavam determinados pontos importantes desde o começo da construção. Ao todo foram trinta e cinco edições analisadas, nas quais geralmente havia duas matérias sobre o estádio, uma na capa e outra, em muitos casos a continuação da capa, na página quatro ou seis. Também recorreremos a outros periódicos, como o *Jornal do Brasil* e a *Revista Veja*. Porém, em menor quantidade de vezes. Foram três edições consultadas nestes veículos de comunicação.

Verificando todo o processo de construção do estádio em seu aspecto político traçamos um breve histórico do Maracanã a fim de perceber como seu projeto de construção estava ligado a um projeto de cidade. A partir daí transferimos nossa pesquisa de campo, dos arquivos documentais para o campo da bola, ou melhor para os torcedores e sua relação com o Maracanã.

Ao entrar, literalmente, em campo as dificuldades começaram a surgir. A primeira delas foi a de conciliar o tempo dos entrevistados com o meu, enquanto pesquisador. Foi necessário abrir mão de alguns dias de trabalho para conseguir entrevistas, que, em alguns casos, não ocorreram. Iniciei as entrevistas a partir de um questionário fechado onde se encontravam dados pessoais como nome, sexo, idade e naturalidade. Já nos primeiros encontros com torcedores percebi que o formulário muitas vezes cerceava a apreensão de algumas histórias, que a meu ver, eram mais interessantes do que aquelas respostas programadas. Talvez a informalidade dos locais que me encontrava com os entrevistados também ajudava esse processo e outras vezes, quando me deparava sentado em um sofá de um lar a receptividade familiar e o conforto de estar em suas dependências traziam o mesmo efeito, o relaxamento de quem está em casa.

Por algumas vezes abolia o questionário e me concentrava em não deixar o gravador desligado ou que sua bateria acabasse. Eu era o pesquisador, aquele que daria, de alguma forma um certo trabalho a alguém, que tiraria uma pessoa de sua rotina para responder questões e falar de assuntos, que, ao menos em tese, era de meu interesse. Logo, para não causar nenhum tipo de desconforto permitia que o entrevistado escolhesse o melhor local. Eu me virava para chegar no horário. Geralmente me deslocava em trens e metrô, mas em algumas localidades só havia a possibilidade do ônibus³. Bares e pequenas lanchonetes serviram muitas vezes como esses locais de encontro, também o entorno do Maracanã e as arquibancadas. Essa última um local mais do primeiro contato e da observação do que das próprias entrevistas. Encontrava diversas barreiras ao tentar entrevistar “no calor do jogo”, ainda que no intervalo, o estado de espírito dos torcedores de alguma forma se alterava, seja pela intensidade da partida ou pela falta de intensidade. Tudo gera reação nas arquibancadas. Ainda os típicos espectadores, que não pareciam se envolver muito

³ A pesquisa me levou a diferentes lugares da cidade do Rio de Janeiro. Bairros que só conhecia pelos nomes ou por músicas, como Bento Ribeiro e Parada de Lucas. Outros que já frequentara anteriormente, como o Méier, Vila Valqueire, São Cristóvão, Botafogo, Ipanema, Tijuca e Engenho de Dentro. Por vezes, antes de adentrar às residências, me via acolhido em algum bar desses bairros, locais onde o tema futebol surge com muita facilidade. Muitos dos encontros aconteceram no “centro da cidade”. O Bar Amarelinho foi em muitos casos o ponto de partida e de encontro com os torcedores.

nos atos padrões de torcer – gritar, cantar, agitar bandeiras – não são tão passivos quanto se imagina. Peter Caton, em seu *Stand up, sit down* (2012) demonstra como as arquibancadas inglesas, do *football* e também do *rugby*, sofreram consideráveis modificações após as políticas de modernização dos estádios, que tinham como intenção o afastamento de torcedores ruidosos dos campos de jogo. O discurso anti-*hooliganism* era uma das justificativas tanto para o aumento do valor dos ingressos, quanto uma nova forma de policiar os estádios de jogos. Esse fenômeno também pode ser visto no Brasil e em outras partes do mundo - ainda que de maneira embrionária e sem o aparato tecnológico e repressivo, que demonstre ao mesmo tempo, uma evolução no tratamento do torcedor e a eficácia na resolução dos conflitos. Aqui, os Batalhões de Choque das polícias militares ainda cuidam do setor interno dos estádios e ao final dos jogos policiais militares uniformizados protegem o trio de arbitragem e fazem a mediação dos conflitos entre estes e os jogadores, quando há desentendimentos.

O estádio por muitas vezes era o estabelecimento do primeiro contato, dali eu saltava para outros encontros, outras pessoas, que por vezes apareciam a partir desse primeiro diálogo. Foram inúmeras as vezes que algum jovem citava um parente próximo que o havia influenciado a torcer para esse ou aquele time. Um tio, o pai, um irmão. A figura masculina ainda muito associada ao esporte e a herança de um escudo no peito, uma antiga camisa no guarda roupas. Se o questionário não funcionava *a priori* eu poderia aplicá-lo depois, mas muitas das vezes não era necessário, pois as questões que nele se encontravam surgiam nos próprios diálogos. Quando os dados foram colhidos no estádio ou diretamente com as torcidas organizadas e os movimentos populares de torcedores o questionário, enfim, foi mais proveitoso. Visto que as respostas tinham que ser rápidas, pois os torcedores detinham outros interesses.

Dividimos o trabalho em três partes. O primeiro capítulo faz um recorte teórico sobre o que chamamos de “modernização capitalista” e seu reflexo no espaço do futebol – dos estádios ao mercado da bola. Procuramos nos utilizar de uma literatura que trata dos espaços urbanos na perspectiva dos eventos, mas também de como a esse pano de fundo atinge diretamente os principais símbolos da cultura futebolística, sendo, em nosso caso o estádio do Maracanã. No segundo capítulo procuramos demonstrar, a partir das fontes primárias, a construção do estádio, bem como a movimentação de vários setores – da imprensa esportiva às casas políticas – contrários e à favor do seu erguimento. No terceiro capítulo do trabalho dedicamos a análise das

representações que torcedores fazem desse espaço, que é o estádio. Novas e “velhas” representações dentro de um novo-velho ambiente.

Por fim toda a dinâmica do universo do futebol tende a complicar uma pesquisa nessa temática. O desafio torna, entretanto, muito agradável o contato com indivíduos que sem conhecer o mínimo da vida do pesquisador, com ele se entrelaçam em um diálogo apaixonado confundido com a própria trajetória biográfica. Por diversas vezes ao ouvir os relatos me imaginei no lugar que o entrevistado estava. Inúmeros momentos “me peguei” nas arquibancadas, na geral, ao centro do campo. Um imaginário caleidoscópico é a mente humana, a pesquisa é o adentrar nesse mundo imagético do outro. Sair dele e colocá-lo em alguns poucos papéis é antes de tudo um esforço, mais que teórico, humano. Se por um lado o nosso primeiro objetivo era comprovar que a modernização dos espaços torcedores podia ser uma atitude segregadora de uma importante parcela da população, hoje compreendemos que o maior objetivo desse trabalho seja manter a memória-história das representações desse espaço e principalmente a memória desses torcedores, aliás, “sementes de trigo espargidas ao vento, saber para quem encontrar.”⁴

⁴ A citação encontra-se na ante capa de *A sociedade dos indivíduos* (Elias, 1987).

1 Capitalismo, estádios e megaeventos.

1.1 Espaço, esporte e capitalismo

Nos últimos anos, os estudos sobre futebol no Brasil foram alavancados pela proximidade de dois grandes eventos. A última Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em 2014, e os jogos olímpicos de 2016. Nosso tema de trabalho tem como pano de fundo a modernização capitalista⁵ que vem sendo realizada no “mundo do futebol”. Ela atinge todas as esferas desse esporte, da mercantilização dos “pés-de-obra” – jogadores –, até o ambiente físico e espacial das praças onde acontecem os jogos e este é nosso enfoque principal; um estádio de futebol e sua “modernização” ao longo dos últimos anos. Traz implicações também aos torcedores, no modo como exercem sua torcida por sua agremiação.

Os megaeventos têm trazido ao circuito urbano – onde grande parte da estrutura espacial sofre mudanças significativas – um momento ímpar de construção, reconstrução e ressignificações das relações humanas no tocante à vivência nessas estruturas de ordem espacial. Seja por interesse do poder público local, seja por exigência das entidades que detém a organização e controle dos acontecimentos esportivos, a cidade que abriga um megaevento recebe importantes investimentos em infraestrutura e, consideravelmente, sofre impactos ora positivos, ora negativos em seu fluxo cotidiano.

Para início será importante ressaltar dois “momentos” da vida socioeconômica dos esportes que, historicamente interligados entre si, trazem a compreensão de boa parte do processo modernizante, tanto dos espaços urbanos, quanto das praças esportivas em si.

O primeiro, a padronização estipulada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), onde há eventos oficiais subsidiados por essa instituição; sendo o mais importante, a Copa do Mundo de Futebol. Vale ressaltar a interferência das instituições mandatárias, também chamadas de organizadoras desses eventos, nas formas e padrões de realização do esporte, suas regras, mas

⁵ Entendemos “modernização capitalista” como um processo decorrente do capitalismo tardio. Uma forma em que se tenta unir conforto, tecnologia e beleza em diversos setores do espaço urbano. Contudo, esse processo tende a privilegiar determinados nichos, setores e espaços em detrimento de outros. Daí que a modernização capitalista tende a estar de mãos dadas com a mercantilização. A mercantilização lança seus tentáculos em todas as esferas onde há a possibilidade de lucro. Com o esporte não é diferente. Talvez seja importante ressaltar que tal processo se concretizou após aos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1994) quando o alto conglomerado empresarial viu nos esportes a possibilidade do *business* em larga escala internacional e assim talvez essa seja o mote da alteração das escalas dos grandes eventos. Contudo, vale ressaltar, também, as Olimpíadas de Barcelona no tocante à modernização tanto dos aparelhos esportivos quanto da cidade.

também nos modelos do *lócus* esportivo e conseqüentemente de interferência nas cidades sede. Um *modus operandi* tanto da Federação Internacional de Futebol (FIFA) sediada em Zurique, mas também daquela que possui seus escritórios diretivos em Lausanne, o Comitê Olímpico Internacional (COI). O segundo como a tentativa de uma tendência modernizante no futebol mundial, onde as relações diretas e indiretas entre os indivíduos envolvidos nos processos torcedores cedem lugar, ou podemos dizer, são ressignificadas em direção a uma mercantilização do evento; enquanto mercadoria vendida em suas mais diversas formas e que substitui a característica do espetáculo carnalizado, outrora tão usual entre os torcedores e muita das vezes proibido dentro dos estádios e nos arredores. Conjuntamente as relações são transformadas pela modificação e reestruturação do “espaço torcedor” – pelo menos no tocante aos principais estádios dos campeonatos mais importantes em termos financeiros⁶. Assim, entendemos que o estádio de futebol é o local de encontro desses dois pontos. Reorganização espacial e modernização desaguam no futebol mercadoria e o futebol mercadoria promove a modernização tornando clubes e jogadores “símbolos de mercadorias globais, reconhecidas e consumidas universalmente.” (Giullianotti, 2002).

1.2 O evento *business*: o futebol como negócio.

O futebol moderno vem trazendo consigo vultuosas quantias financeiras e interesses diversos, sendo estudado por executivos de grandes empresas e especialistas em *marketing*, propaganda e administração de carreiras esportivas bem como o gerenciamento de competições. A ascensão de uma economia do e no futebol é responsável pelo surgimento de um setor empresarial significativo, com dedicação extrema nesse ramo. No Brasil a maior representante deste nicho é a empresa Traffic Sports, formada por renomados profissionais do futebol – ex-técnicos, por exemplo – e por gestores com curso superior em Administração, Recursos Humanos e Economia, ela é responsável pela administração de carreira de aproximadamente 60 atletas do

⁶ Aqui seguimos uma observação muito pertinente sobre o processo de modernização e o capitalismo. Ela é um caminho que vem sendo construído sobre as bases do capital, logo, traz consigo um processo de segregação que por questões óbvias não aparecem objetivamente. Por isso veremos – em se tratando do futebol – uma centena de jogadores milionários, enquanto alguns milhares tentam a vida profissional em pequenos clubes de cidades do interior, sem ter trabalho por toda temporada, e contratos que lhes garantam certa estabilidade. Os principais estádios do Brasil recebendo investimentos bilionários para reestruturação e adequação aos padrões FIFA, ou quando não, construídos do nada através de parcerias entre o setor público e o privado, enquanto outras centenas de estádios administrados por prefeituras municipais ou pequenas agremiações, não recebem, sequer, o tratamento correto para o gramado e acomodações seguras para os torcedores.

futebol⁷. Além disso, possui uma ampla carteira de serviços dentro do esporte. De treinamentos específicos para potenciais agenciadores, “olheiros”, técnicos e membros de comissões técnicas, a empresa possui setores específicos de ativação de projetos esportivos, gerenciamento de imagem, técnicas de *coach*⁸ e sua segunda maior atividade de arrecadação, na área de comercialização dos direitos internacionais de TV em competições latino-americanas, bem como a negociação dos patrocínios e locais de exposição das marcas patrocinadoras nesses eventos. Esta é apenas uma, das muitas facetas assumidas pelo empreendedorismo voltado ao esporte *business*. O futebol inglês, o primeiro a passar historicamente pela fase modernizadora, teve em meados do século XX uma primeira experiência que permitiu aos clubes de futebol a significativa transformação de simples agremiações esportivas em ““companhias”, convertendo-se de associações privadas em companhias limitadas” (BIRLEY apud GIULIANOTTI, 2002), assegurando fatias de ações no mercado financeiro a investidores e sócios proprietários. Giulianotti argumenta a possibilidade de ganhos com o clube, a partir de sua transformação em companhias limitadas pelo fato do Código Comercial inglês (*Companies Act*) ter facilitado a “regulamentação das sociedades” por quotas. As *Companies Act* sofreram significativas alterações em sua legislação desde 1956, em sua primeira edição, até a última – datada em 2008⁹. Segundo o sociólogo (1999)

desde a década de 1960, a economia política do futebol passou por uma rápida modernização, uma vez que seus famosos jogadores e clubes foram incorporados mais profundamente na maior mercantilização da cultura popular.

Vale mencionar a diferença conjuntural entre a Inglaterra, analisada por Richard Giulianotti, e os países sul americanos, tanto nas esferas socioeconômicas quanto no tocante ao futebol. Como este é um objeto volátil e metamórfico, as próprias pesquisas sobre o mundo futebolístico também incorrem nessa metamorfose, que se altera de localidade em localidade e vive em parâmetros

⁷ De acordo com o portfólio da empresa citada.

⁸ De técnica específica das grandes empresas na elaboração e obtenção de metas de produção ou venda, o *coach* também se voltou para o empreendedorismo pessoal. Em termos rasos, se caracteriza por técnicas que visam a obtenção de determinados objetivos na vida profissional, econômica ou íntima de uma pessoa. A exemplo de um indivíduo que tem como objetivo um determinado emprego no setor público, as técnicas de *coaching* auxiliam num plano de ação, capaz de indicar caminhos para se alcançar êxito em sua intenção. É notório nessa interpretação o empresariamento do indivíduo. Aquilo que Laval e Dardot (2013) demonstraram como um *modus operandi* tipicamente neoliberal. Chamados à liberdade, homens e mulheres são conclamados a se conceberem como empresas. Objetivo, sucesso e fracasso são mais que simples palavras e momentos para os indivíduos na sociedade capitalista pós-moderna.

⁹ Dados do setor jurídico inglês. Em 13/12/2015(www.legislation.gov.uk)

comparativos muito ricos para serem ainda explorados pelas diversas áreas do conhecimento. Uma “pelada” ao sul do país pode ter sentidos e significados completamente distintos do – *a priori* – mesmo rito que acontece no centro de São Paulo. Ainda que mantenham uma mesma estrutura aparente, embora até mesmo possa ser diferente, as conotações podem se apresentar diversamente. Isso ocorre em um território comum, que dirá em países e tempos históricos mais longínquos. Por isso, em se tratando de Brasil, para Alvito (2006), as décadas de 1960 até 1980 trazem consigo “forte controle estatal impedindo inovações, [tendo] calendários irracionais, federações controladas, campeonatos deficitários, violência nos estádios. ” Com o passar dos anos e maior inserção do futebol nacional, bem como sua propagação em outros países, os clubes brasileiros faziam aquele caminho inglês, em outra escala, é verdade, mas passava da mera, mas importante, representação do simbólico ao mercadológico, onde o torcer pela paixão ganhava o acréscimo do torcer tendo ao lado o interesse financeiro, por busca e determinação dos resultados – isso, claro, em se tratando daqueles indivíduos e setores que investiam um valor considerável nas apostas ou títulos referentes aos clubes. Algo que o boxe estadunidense – tanto na esfera amadora quanto na profissional, mas em uma escala local e bem menos expressiva – experimentava entre nos anos 1930, o futebol, tardiamente, passava a viver nos principais centros ingleses dos anos 1950. Ainda assim o antigo esporte bretão não era uma mercadoria concretizada no âmbito do mercado, como hoje.

Com nuances diferentes do processo ocorrido na Inglaterra o Brasil seguiu uma legislação própria no tocante à estrutura econômica dos clubes de futebol. A lei nº 9.981/2000 em seu artigo 27, facultou às entidades esportivas sua transformação em “sociedades civis de fins econômicos” ou “sociedades comerciais”. Contudo, manteve a proibição aos clubes já constituídos, de serem propriedades exclusivas de uma pessoa física e/ou jurídica, mantendo-se conforme a lei nº 9.615/1998 – mais conhecida como “Lei Pelé” –, no artigo 16 como “pessoas jurídicas de direito privado, com organização e funcionamento autônomo”, na sua maioria gerido por conselhos deliberativos, com cargos hierarquizados eleitos por sócios do clube. Ao contrário do que ocorre com muitos times ingleses e europeus, em que um indivíduo ou um determinado grupo, tem a oportunidade de comprar um clube, ou mesmo, se tornar sócio majoritário¹⁰ das suas ações no mercado financeiro.

¹⁰ São conhecidas as histórias de Roman Abramovich, magnata russo, ligado à indústria do petróleo e dono do Chelsea F.C, bem como a família Agnelli dona da Juventus de Turim e de um conglomerado de indústrias que vai desde a

Ao surgimento e consolidação durante as décadas de 1980/90 dos setores voltados à administração esportiva some-se a comunicação, setor com braços de análise de negócios muito alinhados aos planos de TV e marketing a fim de promover a tal incorporação ao capitalismo. Até 2013 os integrantes do “Clube dos 13” – clubes considerados a elite no futebol brasileiro – recebiam juntos da TV Globo, apenas pelos jogos a serem exibidos em suas afiliadas no “canal aberto” – excluindo o sistema de *pay-per-view* que também é parte dessa emissora –, 365 milhões de reais. Para 2016 o valor foi reajustado para 520 milhões ¹¹. Um dos pontos que propiciaram o comércio do esporte foi a TV, a partir das transmissões dos jogos e o pagamento desse direito de transmissão aos clubes. Logo, o setor empresarial viu a possibilidade de utilizar os espaços (desde os estádios até os uniformes dos times) como seus *outdoors*, uma propaganda capaz de atingir milhares de espectadores e possíveis consumidores em potencial. Na Copa do Mundo da Alemanha, a décima sétima da história dessa competição, foi atingida uma audiência televisiva de mais de 3 bilhões de telespectadores, com uma receita em patrocínio que girou na casa de 18 bilhões de dólares (SÁNCHEZ, 2006). Enquanto isso o público total nos estádios das 12 cidades-sede foi de 3.353.655 indivíduos (BAGGIO, 2013). A Copa do Mundo anterior, sediada no Japão e Coréia do Sul, já havia batido grande recorde de telespectadores estimados em 1 bilhão em todo o mundo. Segundo dados posteriores da FIFA, os países desembolsaram juntos 6 bilhões de dólares na realização do evento. Foram 20 estádios, um público total de 2.709.100 pessoas, com uma média de público de 42.330 torcedores nos estádios. A isso some-se o interesse de grandes empresas patrocinadoras, como a Coca-Cola, McDonalds e Gillette que desaguaram nos dois países entre 35 e 45 bilhões de dólares. A essas cifras junte-se os outros 45 milhões da “moeda mundial” norte americana que a empresa de material esportivo, a alemã Adidas desembolsou.¹²

Com um produto tão promissor em relação às possibilidades de lucros exorbitantes, tanto os canais especializados em esporte têm aumentado consideravelmente na rede por assinatura, quanto o conglomerado empresarial têm voltado cada vez mais seus olhos e seu capital ao setor. Após a

automobilística Fiat a New Holland de equipamentos de construção civil e agrícolas e também do ex-primeiro ministro italiano Silvio Berlusconi, dono do A.C Milan. Ambos os times após serem vendidos aos bilionários, colecionaram bons resultados nos campeonatos nacionais e ligas europeias. Graças aos investimentos pesados em jogadores, técnicos e toda uma estrutura física de centros de treinamentos e laboratórios voltados a medicina esportiva e estudo dos atletas. Uma tendência em busca da melhora do rendimento e do condicionamento físico, cada vez mais evidente no futebol moderno, no tocante ao desempenho dos chamados atletas de alto-rendimento.

¹¹ Os dados são de reportagens da emissora ESPN Brasil (01/10/2013) e do jornal Folha de São Paulo (29/09/2013) ambas do jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho.

¹² Reportagem da Revista *Veja* de 05 de junho de 2002. Também em Botelho (2006).

Copa do Mundo de 2014, um dos mais respeitados institutos brasileiros de pesquisa, realizou consulta àqueles que de alguma forma apoiaram, financeiramente, o evento através de patrocínios. A conclusão do IBOPE foi de que

a Copa do Mundo trouxe bons resultados para as marcas que apostaram na FIFA e na CBF. (...) Apesar da derrota da seleção brasileira, as marcas envolvidas no evento esportivo tiveram uma grande exposição espontânea nas redes sociais, sempre associadas a sentimentos positivos. Em mais de 80 ações analisadas pelo instituto, pelo menos doze marcas tiveram taxas de conhecimento, interação e compra acima da média. As ações que trouxeram maior retorno foram lançamento de produtos temáticos, brindes para presentear o torcedor e desconto nos produtos. (IBOPE-Inteligência)

Outro fator importante demonstrado no marketing esportivo na Copa de 2014 foi o tipo de mensagem exposto após a derrota da seleção brasileira para a Alemanha. O placar final, considerado trágico, 7x1 para os alemães, logo foi assimilado por muitas empresas que se ligaram ao evento. O discurso das propagandas, antes da eliminação, era sempre positivo, quanto a expectativa na classificação. Após a derrota passou a funcionar o discurso da superação. Na pesquisa acima citada, o instituto também mensurou como os torcedores-consumidores, que apostavam no sucesso da seleção brasileira, avaliavam aquelas marcas a partir de três posturas, tidas como estratégicas pelas empresas. A saber:

- *tirar o antigo comercial do ar;
- *mantê-los;
- *realizar novos comerciais de incentivo, superação e apoio.

As tabelas 2 e 3 demonstram o percentual de satisfação e a opinião dos torcedores em relação a essas posturas estratégicas¹³.

Grande parte dos entrevistados demonstram alguma forma de apoio à seleção e insatisfação com as empresas que se abstiveram dessa postura positiva. A pesquisa demonstra, portanto, um desgaste na imagem dessas corporações e um significativo valor do discurso casado, aquele onde determinado produto se vincula a um evento para ver aumentado seu potencial de venda. Uma dimensão, diríamos, “industrial” de apropriação da cultura ligada aos produtos de mídia. Nela percebemos, então, uma lógica da produção capitalista no processo produtivo da informação em

¹³ Na pesquisa foram ouvidas três mil pessoas nas capitais Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Salvador.

busca do convencimento. Comerciais publicitários nada mais são que o convencimento de uma necessidade, muita das vezes inexistente, amplificados pelo sentimentalismo de uma ação e momento. No caso acima, a paixão a uma seleção de futebol, que representa um país em um momento onde um grande evento era realizado em seu solo com toda carga emocional e de um sucesso promissor, esperado por grande parte da população¹⁴.

Munido desses dados¹⁵ e aproveitando algumas entrevistas para a pesquisa, questionei alguns torcedores com o seguinte problema:

- Caso uma empresa X, comercializasse um produto Y (do qual o indivíduo é consumidor ou potencial consumidor) e veiculasse uma propaganda de apoio à seleção antes da eliminação e após a derrota para a Alemanha (propositalmente o resultado – 7x1 – não foi mencionado, pois a carga dos números poderia influenciar a resposta) retirasse a propaganda da televisão, você deixaria de comprar determinado produto?

Do resultado consta que as pessoas de mais idade levam em conta uma grande carga emocional e associam o apoio empresarial ao amor a seleção ou ao país. Francisco dos Reis, de 63 anos, teve um discurso dessa forma. Quando me concedeu uma entrevista em seu comércio no bairro do Laranjal, na cidade de Volta Redonda, mencionou não se importar com o fato, mas acha “feito” para a empresa “fazer isso com a seleção”. Francisco é torcedor do Clube de Regatas Vasco da Gama e saiu da cidade do Rio de Janeiro “em meados dos anos 90”. À época decidiu encerrar suas atividades no Rio e ir com os filhos para o interior.

- Eles [a empresa] ganham muito dinheiro da seleção. Então, eles têm que apoiar. Perdendo ou ganhando. Mas eu compro [o produto] mesmo assim. Mas é ruim. Não é?

Nicoli Abdias, estudante de Arquitetura e Urbanismo, é torcedora do Fluminense, membro de uma torcida que se auto intitula movimento, diz “não se importar com isso”, pois “quem está ganhando são os jogadores e as empresas. De uma forma ou de outra”.

¹⁴ No segundo capítulo, quando tratarmos da história do Maracanã explicitaremos uma comparação entre a situações político-econômica durante a Copa de 1950 e a de 2014.

¹⁵ Os dados mostrados acima tendem ao caráter mais informacional e são de certo modo expostas no trabalho de forma mais generalizada.

- Claro que não vou deixar de tomar um [produto] se ela [a marca] parar de patrocinar meu time, por exemplo. Eu já até comprei [...], mas parei. Achei outro mais gostoso. Não tenho essa de amor a isso ou àquilo. Gosto, compro! Eles patrocinam seis clubes. Vou ficar vendo isso também? Não vou.

Nicoli é coerente no discurso e na prática, pois ao sair de sua casa, notei que a marca do seu carro, de fato, era do patrocinador do clube que diz não gostar.¹⁶

Marcelo é morador da Gávea, zona sul carioca, cresceu frequentando o clube social do Flamengo e às vezes a sede do América, na rua Campos Sales, no bairro da Tijuca, levado por seus avós. Atualmente, o social do América se encontra fechado ao público. Tudo indica que grande parte do prédio se transformará em um empreendimento imobiliário, restando ao clube alguns poucos espaços. Ao ser questionado sobre a questão acima, Marcelo, deu sinais de “também não ligar para isso”. Mas na família seu pai era “tão fanático pelo Flamengo” que “durante muito tempo só abastecia o carro com gasolina da Petrobrás”. Marcelo faz menção ao primeiro e duradouro patrocínio estampado na camisa rubro-negra. Foram 25 anos com a marca.

As três entrevistas citadas, vão num sentido comum, não apoiam determinada atitude empresarial, como mencionou a pesquisa IBOPE, mas não deixam de realizar suas compras. Como demonstrado acima, a televisão proporcionou tal questão. Mídia, produtos e uma paixão nacional, o futebol. E nas Copas do Mundo de futebol ficam demonstradas todas as contradições entre o amor e o ódio a uma equipe e a um país, mas também grandes fatores vêm à tona, embora alguns ainda mencionem o esporte como uma forma de ópio. O próprio ato de comprar ou boicotar um produto, é um ato político; já que “somos todos políticos ‘ocasionais’ quando votamos ou consumamos uma expressão de intenção semelhante, como aplaudir ou protestar” (WEBER, 1982).

Discordando dessa análise que leva em consideração o esporte como ópio alienante, poderíamos citar vários exemplos onde a política esteve presente, na forma de protesto ou apoio, nos estádios de futebol ou em manifestações realizadas por torcidas organizadas. Do estádio *Camp Nou*, em Barcelona, onde os “catalães podiam gritar e bradar contra o regime [de Francisco Franco]

¹⁶ A entrevista de Francisco dos Reis ocorreu em dezembro de 2015 em sua peixaria na cidade de Volta Redonda. Toda ela é decorada com flâmulas, bandeiras, pôsteres e uma camisa do cruzmaltino. Esse fato me levou a me aproximar do seu dono para entrevistá-lo. Nicoli tem 27 anos, é moradora do Engenho de Dentro e me concedeu entrevista em sua residência. Ela foi quem primeiro recebeu um dos formulários que enviei por mensagem para sua torcida.

em sua própria e banida língua” (FOER, 2005), a ponto de Manuel Montáiban¹⁷ dedicar o romance “*Offside: a Pepe Carvalho Mystery*” ao clube descrevendo-o como “a arma épica de um país sem estado” (MONTÁIBAN, 1988), até a Gaviões da Fiel – torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista –, que recentemente protestou contra os escândalos de corrupção na merenda escolar do Estado de São Paulo, contra a elitização dos estádios e mesmo contra uma das principais emissoras do país¹⁸, até a vaia que a presidenta Dilma Rousseff sofreu ao lado de Joseph Blatter¹⁹, torcedores do Fluminense F.C. exibindo uma faixa de apoio aos professores em greve e os jogadores do Dínamo de Kiev que enfrentaram no campo de futebol um time da SS nazista (DOUGAN, 2001) a política e o futebol se espraiam e se encontram nos seus mais diversos locais.

1.2.1 Uma paixão na TV

As quantias das chamadas cotas de televisão vêm se tornando, ano após ano, mais volumosas e com isso mais importantes para a vida financeira de um clube de futebol. Fazendo que, financeiramente, o torcedor não seja tão importante dentro do estádio para manter a “saúde” econômica do clube pelo qual torce. Em uma declaração polêmica, quando da reforma do seu estádio em Curitiba, um diretor do Clube Atlético Paranaense declarou não querer “aquele público que bebia, ficava bêbado e depois ia ver o jogo dentro do estádio”. O que queria era “um público mais espectador”. Em outra ocasião, Mauro Petraglia, presidente do mesmo clube, afirmou que a Arena da Baixada, foi reformada sem ajuda da torcida. “Todo o crescimento, toda a transformação havida nestes 20 anos no Furacão aconteceu sem nenhuma, absoluta e material ajuda da torcida”. “O nosso patrimônio vale hoje um bilhão de reais e foi construído sem um mísero tostão da torcida”²⁰, o que causou polêmica e manifestação das torcidas organizadas do CAP, famosas pelos crânios gigantes nas arquibancadas.

A lógica atual é a de menos é mais. Tanto que, nos últimos campeonatos nacionais constatou-se uma queda drástica de frequentadores de estádios, mesmo assim agremiações como o São Paulo

¹⁷ Escritor espanhol nascido em 1939, em Barcelona. Militou ativamente na esquerda contra a ditadura franquista (1938-1973)

¹⁸ Em <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/paulista/ultimas-noticias/2016/02/18/gavioes-da-fiel-faz-terceiro-protesto-ataca-capez-e-elitizacao-em-estadios.htm> (em 20/02/2016)

¹⁹ Em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/15/dilma-e-muito-vaiada-na-abertura-e-blatter-da-bronca-na-torcida.htm> (em 20/05/2015)

²⁰ Em <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/atletico-pr/petraglia-diz-que-patrimonio-do-atletico-foi-construido-sem-um-misero-tostao-da-torcida-ej1bw73akh5u5ahkrut68rwib>

Futebol Clube se utiliza de valores de ingressos mais caros para obter uma margem de lucro semelhante aos estádios mais cheios. O aumento de preço em 10 anos (2003-2013) frequentou a casa dos 300%. Ultrapassando, consideravelmente, os 73% de inflação medidos pelo IBGE, através do IPCA (Barros, 2013). Gaffney (2013) aponta um “crescimento da renda dos clubes”, e contraponto, estádios esvaziados. Isso porque, há um processo de elitização ocorrendo nas principais praças de um esporte que ao longo de sua história se tornou o mais popular do mundo. Contudo, os clubes fazem a opção de preços mais altos e público mais selecionado nas partidas. Além de, por exemplo, ser impensável no futebol atual o gigantismo dos estádios dum passado recente. Aqueles que são construídos ou reformados têm, obrigatoriamente, sua dimensão reduzida.

A análise da tabela 1 (vide anexo), quando mostra, a arrecadação com bilheteria, em 2015, do Clube Atlético Mineiro é impensável há tempos atrás. Mesmo disputando o título do Campeonato Brasileiro até as últimas rodadas, o clube preferiu mandar suas partidas no acanhado, estádio Raimundo Sampaio, agora Arena Independência – com capacidade para pouco mais de 23.000 pessoas, do que no “Gigante da Pampulha”, ou Estádio Governador Magalhães Pinto, ou simplesmente “Mineirão”, agora Arena Minas – que com a capacidade reduzida, após as reformas para a Copa do Mundo de 2014, possui 62.000 lugares. Claro, que dessa forma o clube privou boa parte dos seus torcedores de acompanhar sua campanha e um dos argumentos foi a falta de acordo com a administradora do estádio e com o Cruzeiro Esporte Clube.

Toda essa diminuição de público nos estádios também se deve ao fenômeno da televisão. A tabela 1 mostra justamente o ganho bruto, com público, que os 2 clubes mais bem colocados nos últimos 3 campeonatos nacionais (2013, 2014 e 2015) obtiveram nos jogos em que foram mandantes e a confrontação com os direitos de imagem (cotas de televisão) pagos ao clube no mesmo ano.

Como é um pacote no formato de um produto, o futebol televisionado precisa passar por uma formatação a fim de ser comercializado sem as sujeiras aparentes. Tudo o que pode atrapalhar a transmissão da imagem deve ser retirado a fim de proporcionar os espaços necessários para a colocação de placas, *banners* e todo um conjunto de símbolos como as “marcas d’água”, por exemplo, ou mesmo o aparecimento das logomarcas dos patrocinadores. A tabela citada anteriormente demonstra os valores pagos pela emissora de TV que controla as transmissões de grande parte das competições futebolísticas brasileiras. Além de detentora desses direitos na

chamada “TV aberta”, a emissora possui mais três canais esportivos na “TV por assinatura”, além do sistema *pay-per-view*. Na Copa do Mundo de 2014 um dos canais, o *SporTV* – na TV fechada –, superou seus concorrentes nas trinta e duas partidas transmitidas. Possuindo uma audiência de 77% na soma dos outros canais concorrentes e o dobro do segundo colocado, a franquia *ESPN*. Um grande monopólio do direito de imagem dos clubes realizado mediante contratos com as próprias agremiações, além de federações estaduais e do contrato exclusivo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para transmissões nacionais e internacionais de jogos da seleção brasileira. Com isso os interesses financeiros dos clubes, passam, logicamente adiante dos torcedores.

A primeira transmissão ao vivo de futebol na televisão brasileira aconteceu durante a Copa do Mundo de Futebol de 1970. Com o avanço tecnológico na área das telecomunicações via satélite a emoção ao ver um jogo de futebol em tempo real se diferenciava dos momentos anteriores, nos quais o rádio e a transmissão tardia davam outro sentido na experiência dos espectadores. Desde então, com as novas tecnologias, cada vez mais acessíveis a uma parcela da sociedade, a transmissão dos jogos deve se mostrar cada vez mais interativa com os telespectadores. Prova disso são tanto os programas esportivos de “mesa-redonda”, quanto os intervalos dos jogos com análises táticas, técnicas, tira-teimas e principalmente, com interação do telespectador através das ferramentas de diálogo virtual, popularmente chamadas de redes sociais.

Mesmo com as grandes marcas vinculadas ao futebol desde a Copa de 1950, foi justamente no fim dos anos 1970, início dos anos 1980, que os clubes de futebol começaram a vender os espaços em suas camisas para empresas estamparem suas marcas comerciais. Muitas delas, indústrias transnacionais como a Coca-Cola. No início dos anos 1990 a Coca estampou sua marca nos quatro principais clubes da cidade do Rio de Janeiro. Até então, os casos mais conhecidos estavam ligados às empresas de material esportivo. Como o famoso caso de Cruyff que não aceitou fazer propaganda gratuita para a Adidas, já que contava com o patrocínio pessoal da Puma e por isso sua camisa só tinha duas listras na parte superior do ombro, ao contrário do restante da seleção holandesa de 1974 que jogava com as três listras, símbolo da empresa. Ainda antes a Puma havia patrocinado Pelé na Copa do Mundo de 1970 com uma cláusula que o mesmo deveria, antes do início da partida, abaixar e “amarrar” as chuteiras para as câmeras filmarem.

Com a crescente tendência dos chamados patrocínios *másters* os campeonatos passaram a ter o nome de uma empresa em si. No campeonato carioca de 2015 a Viton 44 – empresa brasileira

do ramo alimentício, detentora dos produtos de bebida como o Guaraviton, Guaravita e Matte Viton –, tem dominado as camisas dos times cariocas. Só a dupla Fla-Flu embolsou deste patrocinador R\$ 34 milhões pelo patrocínio na respectiva temporada. Como citado, período de grande crescimento da entrada de empresas no ramo do futebol, os anos 1990 também marcaram uma conturbada relação dos torcedores. Podemos identificar essa década como um período inicial de uma transição que ocorreria subsequentemente, a do torcedor em consumidor. Assunto a ser tratado mais à frente.

Nas placas de marketing centrais dos estádios não se vê mais apenas escrito o nome do campeonato em questão. O “Campeonato Brasileiro” de 2014 tornou-se o “Brasileirão Chevrolet 2014”. O “Campeonato Carioca” de 2015 recebeu o nome de “Cariocão Guaraviton” e a competição mais almejada em toda a América do Sul a “Taça Libertadores da América”, uma homenagem aos “heróis” nacionais de cada país sul-americano recebeu em 2015 o nome de “Copa Bridgestone Libertadores”, pois é apoiada financeiramente por uma empresa de pneus automotivos.

1.2.2 Torcer entre sol, suor e cerveja

Tamanha influência do grande capital nos eventos esportivos foi visto durante a Copa do Mundo de 2014. Tendo sido proibida em 2003 pela lei federal nos estádios brasileiros e arredores, o consumo de cerveja foi liberado nas dependências internas graças ao interesse do conglomerado belgo-brasileiro Anheuser-Busch InBev, dono de grande parte das marcas comercializadas em território nacional – inclusive a *Budweiser*, marca originalmente estadunidense recém adquirida pelo grupo cervejeiro. A proibição existente com base na legislação brasileira constante tanto de normas da CBF, Estatuto do Torcedor, leis estaduais e até mesmo de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) foi suspensa para o megaevento de 2014.

O texto da respectiva lei rezava em seu

“Capítulo IV, artigo 13-A: São condições de acesso e permanência do torcedor no recinto esportivo, sem prejuízo de outras condições previstas em lei II - não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência.”

No acordo (TAC) firmado entre CBF, Polícia Militar e Ministério Público ficara acertada a proibição nos seguintes termos:

- 1) É proibida a venda e o consumo de bebidas alcoólicas no interior dos estádios, em todas suas dependências, durante dias de jogos de competições organizadas pela FCF;
- 2) O descumprimento das obrigações gera multa de R\$ 1 mil por infração cometida.

Ao retornar aos estádios em 2014 a brecha para a autorização definitiva estava aberta. No estado do Rio de Janeiro foi sancionada em 2015 a venda através do projeto de lei 799/15 dos deputados estaduais Luiz Martins (PDT), Geraldo Pudim (PR) e Wanderson Nogueira (PSB). Com determinadas restrições, caso da proibição de latas de alumínio ou garrafas de qualquer natureza. A cerveja – única bebida alcóolica disponível nos recintos – só pode ser comercializada em copos plásticos ou de papelão e nas cantinas e lanchonetes dos estádios. Justificando o texto do projeto de lei os deputados argumentavam não ter havido casos consideráveis de violência no evento anterior – Copa do Mundo – onde, como exposto acima, se deu o *start* para o retorno da bebida aos estádios. Contudo, o que ficou de fora da observância de ambos os membros do legislativo foi a clientela que por ocasião frequentou aquele evento e o público típico dos estádios de futebol. Também, a rivalidade entre as seleções ser bem mais contornadas e controláveis que entre times. Em nossas pesquisas de campo nos deparamos com ambos personagens ou tipos de torcedores, já que todos, de alguma forma possuem um determinado vínculo com o esporte no sentido de dar vivência e significado a um sentimento. Frequentadores assíduos de estádio, esporádicos e aqueles que só frequentaram o megaevento. Abaixo um trecho da entrevista deste último.

Valmir Oliveira é engenheiro, 35 anos e torce pelo Flamengo. Segundo ele, um torcedor que não liga muito para campeonatos. Quando perguntado sobre a frequência com que vai ao estádio ele responde.

Só gosto de pegar no pé dos amigos quando o Flamengo ganha ou é campeão. Eles nem me ‘zoam’. Sabem que não dou bola pra isso. Pra ver time fui uma vez. Mas na Copa eu quis ir. Acabei que fui duas vezes. Por sorte. Eu consegui comprar um ingresso para ver Bélgica x Rússia²¹. Acabou que minha empresa sorteou ingressos para os ‘gerentes de área’ convidarem um fornecedor [de produtos utilizados pela empresa] para assistir a um jogo das oitavas de final. Aí fui ver Chile e Uruguai com alguns outros profissionais. Nesse dia ficamos em um camarote alugado pela empresa. Era um pessoal mais ‘bem de vida’ que estava lá. Com muita coisa bem servida. Refrigerante, água, cerveja, antepasto, mini-refeições. Muito bom. Ainda ganhávamos alguns brindes como uma mini-taça muito bonita” (foto 4). Ao responder sobre as

²¹ Jogo realizado pela fase de grupos. Dia 22 de junho às 19h no Maracanã.

diferenças das idas ao estádio, Valmir respondeu da seguinte forma: “estava tudo muito organizado [nos jogos da Copa], principalmente no dia que fomos pela empresa. Tudo reservado. Mas no dia do primeiro jogo também estava legal. Sem problemas. Acho que foi diferente de ver o Flamengo. Que foi num jogo contra o Palmeiras, de noite. Lembro que foi ruim de chegar lá [Maracanã] e estava meio vazio. Não tinha nada. Nem água de graça. Fui com dois amigos, depois de sair de Duque de Caxias, onde trabalhávamos. E ainda o Flamengo perdeu. Lembro bem disso.

Em ambos os casos, o entrevistado não relata episódios de violência e nem consumo excessivo de álcool. Entretanto, fica nítido no discurso, a diferença dos torcedores que frequentaram em um dia típico de jogo (Flamengo x Palmeiras) e no megaevento. Porém essa associação é questão que se encontra presente tanto na justificativa dos deputados, para autorizarem a volta da venda de cerveja aos estádios, quanto no discurso do entrevistado.

O tema violência é assunto já bem tratado no universo do futebol. Inúmeros estudos são considerados de excelência ao tratar esse aspecto torcedor, principalmente na construção das torcidas jovens e associações ao *ethos* violento de grupos de torcedores, principalmente as chamadas torcidas organizadas ou uniformizadas. Nas ciências humanas e sociais há os estudiosos que se baseiam na tese de que o esporte, o futebol em si, é um ato simbólico da violência contida dos diferentes grupos humanos; ou melhor, convive com esses atos em seus *modus*; uma “violência simbólica” encerrada em uma “guerra simbólica” – o jogo em si. O escritor uruguaio Eduardo Galeano (2012), parece ter lido Elias e Dunning (1992) para descrever o futebol como

sublimação ritual da guerra, onze homens de calção acabam sendo a espada vingadora do bairro, da cidade ou da nação. Estes guerreiros sem armas nem couraças exorcizam os demônios da multidão (...) em cada confronto entre duas equipes entram em combate velhos ódios e amores herdados de pai para filho.

Murad (2007) considera tênue a linha que divide o simbólico da manifestação física que se concretizaria no ato violento. Na linguagem do escritor uruguaio há um forte linguajar dos termos militares; embora de um modo escrito em que paira uma brisa romântica. Para aquele sociólogo, autor de vários livros sobre a violência no futebol, a

manifestação [do ato violento] ficaria a depender, tão somente, de algum estímulo externo: anomia, impunidade, descaso das autoridades, conexão com outros níveis de agressividade direta (...) ou indireta (...).

Na agressividade direta entrariam questões como as drogas – bebidas alcóolicas, por exemplo –, mas também o racismo e outras formas de preconceito, os quais se manifestam muito rotineiramente à beira dos gramados²² e parecem já fazer parte da cultura do jogo. Quem vai ao estádio pela primeira vez pode estranhar o comportamento de alguns torcedores. Agressões verbais, e xingamentos aos adversários – sejam dirigidos ao time ou ao próprio torcedor –, ridicularizações das mais variadas, que vão da acentuação da forma física ou de algum item da vida pessoal de jogadores do outro time, vaias; mas também instrumentos musicais, bandeiras, além de outros elementos externos – como urubus e “pó-de-arroz” – podem ou podiam ser encontrados nas arquibancadas²³.

Nos anos iniciais do século XXI começam a surgir vários movimentos de torcedores organizados, que buscam por suas ações, comportamentos de torcer e a forma como encaram o futebol se distinguir das torcidas jovens tradicionais. Geralmente não possuem em seu nome a palavra “organizada” ou “torcida”, procuram nomes como “movimento” para se identificarem. Entretanto, uma das entrevistadas possui a alcunha *Barra*. Justifica o uso – como veremos na entrevista – por influência das torcidas argentinas, uruguaias, chilenas... as *Barra bravas*²⁴. Seus posicionamentos na prática em muito se assemelham à carnavalização²⁵ do espetáculo do torcer, entretanto, dentre esses grupos, muitos são os que não incentivam a “velha forma” de torcer. O

²² Poderíamos aqui arrolar uma lista de sem números, com exemplos nacionais e internacionais dos mais repulsivos. Um dos últimos acontecimentos relacionando clubes brasileiros ocorreu em um jogo pela Copa do Brasil de 2014. Na partida entre o Grêmio de Porto Alegre e o Santos Futebol Clube o goleiro deste último, conhecido pelo apelido de “Aranha”, foi insultado com gritos racistas por diversos membros da torcida gremista. Num espaço onde as câmeras estão espalhadas por todos os lugares, o caso ganhou notoriedade na mídia ao identificar uma torcedora gritando efusivamente contra o goleiro que reclamou ao árbitro da partida que decidiu por prosseguir o jogo. O goleiro registrou boletim de ocorrência na delegacia local e o caso foi para além da esfera jurídica. O clube gaúcho foi banido da competição e a torcedora respondeu por crime de injúria racial.

²³ Consta tal episódio, conhecido como “o abate do urubu” – nome dado pela imprensa esportiva carioca, no *Jornal dos Sports* e no programa *Globo Esporte* – no Fla x Flu de 1984. A torcida rubro-negra alçou a ave aos céus, mas em um voo desesperado em meio ao barulho ensurdecedor das torcidas no “maior do mundo”, o urubu planou em direção à torcida tricolor que o abateu jogando sacos de “pó-de-arroz” até que caísse. Símbolo do clube rubro-negro, a ave pagou o preço da rivalidade.

²⁴ As *Barra Bravas* são torcidas organizadas (*hinchadas*) que se popularizaram na Argentina e no Uruguai durante os anos 1950. Algumas *barras* possuíam cunho político, que logo foi aproveitado pela categoria política de diversas províncias em busca de apoio em eleições. Durante os anos 1980 e 1990 a aproximação das *barras* com o tráfico de drogas levou a suspensão de muitas delas dos estádios. O jornal *El País* fez parte de uma campanha pela extinção dessas torcidas jovens. Ao longo dos anos 2000 a criminalização das torcidas diminui por parte dos jornais. Muito pelo fato das próprias torcidas terem parado de se expor através de atos criminosos diante do público. Apesar dessa característica violenta, as *barras* são reconhecidas pelo incentivo contínuo ao time durante os noventa minutos da partida. Dessa forma influenciam as diversas torcidas organizadas espalhadas pelo mundo. Para mais informações ver os estudos de Grabia (2012) e Cantano Perez (2014).

²⁵ Termo muito usado pelos estudiosos do futebol – Buarque de Hollanda (2010), Teixeira (2003), por exemplo – para descrever a festa dos torcedores nas arquibancadas. Seu início se dá com Mário Filho.

modus operandi está em incentivar o time nos 90 minutos da partida, sem críticas ofensivas, vaias ou comportamentos similares. Ocupam espaços determinados no estádio do Maracanã. Aqueles que destoam dessa forma de torcer são, inclusive, repreendidos pela maioria do grupo, ou por aqueles que estão próximo no momento do jogo. Realizando um trabalho de campo sócio etnográfico, numa espécie de “estar lá” (Geertz, 2009)²⁶, me instalei por algumas vezes entre os torcedores desse “tipo de torcida”²⁷ (referência dada por um torcedor “tradicional”, membro de uma torcida organizada) a fim de observar a maior parte do tempo seus comportamentos e perfis. Após alguns contatos realizei entrevistas. E algumas constatações foram interessantes. Diferente das torcidas tradicionais, nesse “movimento torcedor” – assim identificado por um torcedor – não há uma hierarquia rígida, com presidente, tesoureiro etc. Nem mesmo cadastro de membros. As relações são depositadas na reciprocidade das ações. Todos podem ajudar tendo uma organização de tarefas específicas, geralmente por jogo. A responsabilidade varia com a disponibilidade no cumprimento do que foi decidido entre os membros. Fica nítido que há determinadas lideranças, mas não aparecia uma estrutura de poder, como por exemplo das torcidas organizadas. Intituladas como “velhas” por dois entrevistados. Embora o poder, possa estar “onde ele se deixa ver menos” (Bourdieu, 1989).

Outro dado captado é o fato de a maioria dos membros estar na faixa entre 16 e 25 anos – embora haja membros nascidos nas décadas de 1970 e 1980 –, cursarem o Ensino Médio ou Graduação e já possuírem uma rede de convivência anterior à existência do movimento torcedor. Também não viram ou torceram na antiga estrutura física que o Maracanã possuía. Isso, talvez, também ajude a configurar essa nova forma de torcer, pois muitos dos entrevistados se diziam “contra o futebol moderno”. A justificativa apresentada por um dos membros – responsável conjuntamente com outras duas pessoas pelas informações nos grupos da *web* – para a criação do movimento se baseia na contrapartida ao velho modelo do torcer.

A gente via as torcidas sul americanas (barra bravas) e se inspirava neles. O tempo todo cantando. O Boca [Juniors – time argentino] perdendo e a torcida atrás do gol enlouquecida, cantando muito. Aí pensamos. Vamos fazer igual. Nasceu nosso movimento. É diferente de todas e às vezes isso incomoda. Por que como eles têm acesso aos jogadores, ao clube, dirigentes eles ganham determinadas coisas que nós

²⁶ De todo o debate na antropologia social o “estar lá” de Geertz, coloca a questão, justamente da presença do etnógrafo onde as pessoas “vivem e estão”, de maneira prática.

²⁷ Frequentei a jogos deste movimento torcedor ligado ao Fluminense F.C. no estádio do Maracanã no ano de 2015.

não. Como ingressos, por exemplo, festas... Aí eles tem que aplaudir um jogador que está mal. Nessa hora a gente incentiva também. Mas sem ganhar nada em troca.

Não só homens fazem parte do movimento torcedor, as mulheres têm papel importante e incentivam efusivamente o time durante a partida. Larissa Franca, 21 anos, está no 3º ano do Ensino Médio, é moradora do Méier e “doente pelo seu time de coração”. Conversamos por e-mail e nos encontramos em uma lanchonete próxima à Delegacia de Polícia Judiciária Militar.

Num primeiro momento em um diálogo aberto – no sentido metodológico, o questionário seria aplicado em outro momento –, Larissa falou sobre o velho e novo o *modus* do torcer.

Nós torcemos diferente. Você viu. A gente não xinga direto. Não vaia. E se o time está perdendo a gente apoia mais. Temos um lema: “nas boas eu te apoio. Nas más eu te amo.” É o que a gente faz o tempo todo. Temos isso. Somos diferentes por causa disso. A (outra torcida) vai xingar, chamar os jogadores de (...) mas nós não. Às vezes sai, não é! Fico “puta” com jogador, com técnico, até com a torcida. Mas o principal é se manter ativo. Pulando, gritando, balançando nossas bandeirinhas. A (outra torcida) é grande é umas das primeiras [do time]. Eles têm grana. A antiga [patrocinadora] dava dinheiro, churrasco, viagem, caravana, material. Tudo! Nós fazemos o nosso com pouca grana. Aqui não tem sócio. Você vem e torce. Não paga nada se quiser ir no churrasco. Só a carne e a “birita”. Mas não tem essa de sociedade. A gente vende nosso chapéu, camisa e só. É na raça, no gás. Tem que fazer material. Coloca a mão no bolso aí, parceiro. “Tú tem” quanto? R\$ 10? Passa pra cá. Que a gente tem que comprar pano. É assim.

Temas que constam nas agendas de movimentos sociais também estão presentes em muitos desses movimentos torcedores. Como muitos são estudantes o debate é tanto mais compreensivo e apropriado, pois também são temas vistos no dia a dia das salas de aula. Torcidas femininas que buscam a afirmação do espaço feminino nos estádios, também torcidas de apoio à causa *LGFTS* com uma grande reivindicação da igualdade de gênero²⁸. Larissa também mencionou esse ponto em sua entrevista mostrando-se articulada com determinado pensamento que segundo ela, é uma preocupação desses novos movimentos jovens. Onde a provocação ao outro dá lugar ao apoio incondicional ao time. “Nossa preocupação é o [time], o adversário é problema do jogador e da

²⁸ Há uma linha de pesquisa sócio antropológica que vem se debruçando sobre o tema do futebol relacionado aos enfrentamentos e questionamentos de gênero nas arquibancadas como espaço tipicamente ou historicamente de dominação masculina. Não é aqui nossa preocupação. Mas vale mencionar os movimentos organizados que vêm surgindo em vários estados brasileiros. Em São Paulo as Gaivotas da Fiel (Corinthians), Palmeiras Livre, Bambi Tricolor (São Paulo F.C) e em Belo Horizonte a Galo Queer (Atlético Mineiro), Grêmio Queer (RS) são as mais expressivas “comunidades livres” (PINTO, 2014).

torcida deles.” Em determinado momento interrompi sua fala para questionar se era questão de ser politicamente correto.

O futebol não é coisa de macho. Não aqui [na torcida]. É coisa de gente. Não importa o sexo. E por isso que uma das coisas que a gente faz é não fazer piadinha de homossexual. Do tipo, tal jogador é “viadinho”. Ou esse time é de “bambi”. Tem homossexual em todas as torcidas. Tem homem, mulher, padre, ladrão. Vou ficar ofendendo o cara porque ele gosta de outra coisa? Aqui a gente se preocupa. Temos amigos que são. E daí? A paixão deles é a mesma da minha. Falo da CBF e faço a mesma coisa? Aqui é diferente. Até esse “lance” de chamar flamenguista de favelado é ruim. Na favela tem botafoguense, tricolor, vascaíno, rubro-negro. Tem tudo. Sabia que tem polícia que mora na favela? Meu tio é tricolor e mora na Rocinha. Aí eu canto que a favela tá em silêncio por causa do Flamengo. Então a gente é assim. Mas não é que é de todo correto. Todo mundo fala desse negócio de politicamente certinho. Mas pensa no cara que é chamado de bicha? Já pensou? O cara tem sentimento. Se ofende. Aí, o cara tem time e pode ser igual ao seu. E aí? O quê que “tú” vai dizer pra ele? Não torce não por que aqui é time de machão. “Pô” maior conversa atrasada. Quem pensa assim é meu avô, nem meu pai. Isso é do “tempo que Don Don jogava no Andaraí.”

Uma coisa corre o risco de passar despercebida na fala de Larissa, a apropriação tão comum entre as torcidas. Por exemplo, a torcida do Flamengo se apropriou da paródia feita com a música “Poeira” de Ivete Sangalo. Transformando o “silêncio na favela” cantada pelas torcidas adversárias quando o rubro-negro estava em desvantagem no placar, para “festa na favela” quando a situação é justamente a contrária. Na nota acima sobre o texto de Maurício Pinto (2014) ficam evidentes os exemplos de apropriações e ressignificações realizadas pela “comunidade livre” do São Paulo F.C. Chamados depreciativamente pelos adversários de “Bambi” – menção ao filme produzido pela *Walt Disney*, adaptação do livro *Bambi. Life in the woods* (Félix Salten), no qual o personagem principal é um veado –, a “torcida” *queer* são-paulina se apropriou da alcunha e a ressignificou. Assim como a *Gaivotas da Fiel*, uma espécie de paródia com a *Gaviões da Fiel*, principal torcida do Sport Club Corinthians Paulista e uma das maiores do Brasil.

Na tal cultura do jogo, associada a uma dentre várias formas da cultura do torcer, está inserido, inclusive, o consumo de álcool antes, durante e após as partidas. É comum a reunião de grupos em bares e afins antes de se dirigir aos estádios ou permanecer para torcer juntos naquele ambiente. Gastaldo (2005) sinaliza a sociabilidade nesses espaços, em dias de jogos, como forma de uma interação com aproximações ao torcer nos estádios – cantos, xingamentos, confrontação, por exemplo. Traçando também diferenças, o espaço é levado em consideração, a observação etnográfica do autor verifica o comportamento do público masculino e as representações feitas ali.

Em contato com membros de uma torcida organizada no interior do estado do Rio de Janeiro - a partida ocorreu no Estádio da Cidadania, em Volta Redonda, pelo Campeonato Carioca de 2014 - pudemos constatar a importância do rito do encontro. O entrevistado²⁹, disse que

sempre que o Flamengo joga aqui a gente se encontra nesse ‘botequim’. Toma umas [cervejas] e vai a pé. Aqui é casa, já é?! O dono, aí, já conhece quando a gente chega. Tudo de boa, na paz. Mas tem que tomar umas. Sorte não dá. Quem acredita em sorte é botafoguense. O GEPE (Grupamento Especial de Policiamento em Estádios da Polícia Militar do Rio de Janeiro) só guia o ônibus até o Raulino [Estádio Raulino de Oliveira ou Estádio da Cidadania], a gente salta e vem pra cá. Depois voltamos [ao estádio]. Aqui se reúne a galera da Baixada [Fluminense] também e o pessoal daqui [Sul Fluminense], aí é só beber e fazer a festa.

Questionado sobre a questão da violência e associação com as bebidas, se colocou à favor da venda nos estádios, justificando que “não é a bebida que traz a violência, mas a falta de respeito e a polícia”. Embora tenha ponderado que a utilização pode potencializar as ocorrências agressivas entre torcedores rivais e até entre membros de uma mesma torcida/time. O torcedor cita, por exemplo, o caso da comemoração do campeonato brasileiro de 2009 pelo Flamengo em que viu uma briga entre membros de torcidas rubro-negras.

Quem quer brigar, vem pensando nisso desde casa. A gente bebe e não briga. Mas pode acontecer. Eu já briguei muito, de cara limpa e bêbado. Hoje ‘tô’ de boa. Sem confusão. Sou da turma do “deixa disso”. [Nesse momento, um outro membro da mesma torcida que estava próximo a nós se vira e entra na entrevista] “é mas já quase matou uns três de porrada! Nosso entrevistado principal se justifica. Pô, outra época, pode crer?! Mas hoje eu separo. Claro que não vou deixar “alemão” encostar em parceiro meu. Mas se der pra separar, melhor. Tranquilo. Quando o “Mengão” ganhou o brasileiro. Lembra ?[falando com outro torcedor] Lá no “Burburinho” rolou pancadaria entre a gente e os caras. Chegaram botando marra e a gente já tava lá comemorando.

Entretanto, dentro dos estádios os dados são imprecisos dessa associação, visto que somente nessa temporada de 2016 o hábito entrou em vigor entre os torcedores, nos estádios cariocas.

Já a agressividade direta teria relações mais insufladas por motivações do sócio econômicas. Os problemas sociais enfrentados pelos jovens em início de carreira, que com o desemprego passariam a se utilizar de um ócio de desconstrução tanto no tempo livre quanto nos espaços de

²⁹ A identificação será preservada a pedido, inclusive a descrição física. “Não põe nem como eu sou, valeu?!”, solicitou, por problemas com os “alemão”. Nesse caso, membros de torcidas rivais. “Se eles ficarem sabendo que a gente ‘cai’ pra cá, vão vir também. Aí vai ter rolo!” Os chamados “alemão” são membros de outra torcida organizada torcedora do mesmo clube, mas rival da que o entrevistado faz parte.

entretenimento, como os *pubs* e logicamente os estádios de futebol. Essa interpretação, que associa o desemprego ao aumento de violência nos estádios é muito corrente na sociologia e antropologia do esporte na Inglaterra. Justificada muito pelo combate ao hooliganismo ter sido realizado em pleno neoliberalismo inglês, no governo de Margaret Thatcher (1979-1990)³⁰ durante a crise econômica inglesa. Onde o álcool também foi abolido como forma de prevenir a violência no interior dos estádios. Com todo o debate sobre a questão da violência nos estádios e a potencialização ou não das atitudes violentas através da utilização do álcool a *Budweiser* continuará a ser a bebida dos estádios. Com um patrocínio anual que beira os US\$ 25 milhões a parceria com a FIFA foi renovada até 2022. Portanto, as próximas Copas contarão com a exposição da marca e a venda de sua cerveja.

Sendo, portanto, uma mercadoria, o futebol sofreu e ainda vem sofrendo as grandes transformações para ser valorizado e vendido como um produto a ser exportado, importado e consumido em diferentes locais do globo terrestre. Como toda mercadoria tem seu valor de uso e de troca, sua capacidade e potencial para se transformar além das estratégias táticas de campo tem se mostrado irrefutável. Uma dessas transformações se dá no âmbito do *lócus* do jogo, o espaço onde mais se exalta – embora não unicamente – a “paixão incontrolável do torcedor” (Alvito, 2006), o estádio de futebol.

1.3 O *lócus* e a empresa capitalista. O estádio, a cidade.

Gaffney (2010) ao observar a relação dos megaeventos com a dinâmica sócio espacial, demonstra a forma que denomina de “geografia olímpica”. Ela tem seus próprios códigos, normas e leis e isso faz suspender, na maioria das vezes, a própria legislação do país e os direitos dos indivíduos em relação a um local ou serviço prestado em um determinado espaço. Por ocasião das preparações para a Copa do Mundo de 2014 fez-se valer o previsto no artigo 11 do capítulo II da Lei Geral da Copa³¹. Como anunciara Gaffney, o dispositivo assegurava à Federação a delimitação das vias de acesso em torno dos estádios onde se dariam os jogos, não sendo permitida a circulação

³⁰ Essa análise será tratada mais a frente. Vale, contudo, já ressaltar, que os primeiros estudos sociológicos ingleses partem de uma “perspectiva marxista” e de uma nova compreensão criminológica dos atos juvenis. Atos combatidos pela administração neoliberal não só no plano repressivo (policciamento e vigilância, por exemplo) mas também de controle econômico dos espaços torcedores (precificação de ingressos).

³¹ Aprovada em 5 de junho de 2012, a Lei nº 12.663, previu a regulação não só da Copa do Mundo FIFA de Futebol (2014), mas também a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude, ambas as últimas realizadas em 2013.

por parte de quem não estivesse com ingressos, a exclusividade na indicação de quem poderia vender quaisquer tipos de produtos, inclusive os do gênero alimentício nos arredores dos estádios. Tudo isso a fim de garantir uma espécie de monopólio comercial aos patrocinadores oficiais do evento. Logo, os comerciantes locais ficaram notavelmente prejudicados. O caso mais emblemático foi o do acarajé de Salvador, vendido pelas “baianas” no entorno da Fonte Nova, estádio soteropolitano escolhido para os jogos. Após uma longa pressão dos movimentos sociais e da comunidade local, além da exposição massiva em determinados setores da mídia, foi dada uma concessão mediante o cadastro das profissionais. Contudo, também foi estipulado um limite espacial para o posicionamento das barracas, a fim de evitar concorrência com os patrocinadores do evento³². Por ocasião dos eventos-teste para as Olimpíadas de 2016, algumas situações em determinados locais da cidade do Rio de Janeiro já começaram a ocorrer. Entretanto, a prefeitura e a organização do evento alegam que os direitos de ir e vir dos moradores serão garantidos.

A suspensão das leis vigentes em um determinado território, passa em muitos casos pelo fato de se garantir uma determinada mobilidade urbana, em locais onde essa é comprometida, por vários motivos. Seja pelo trânsito de automóveis ou por um planejamento arquitetônico na cidade que não propicie o fluxo desejável no escoamento dos indivíduos.

De acordo com a já citada Lei Geral da Copa em seu Capítulo VI – Das condições de acesso e permanência nos locais oficiais de competição, seu artigo 28 versava, dentre outros tópicos, a oficialidade de um determinado espaço público, bem como a autorização, ou não, de se fazer. Para isso era preciso:

I – estar na posse de ingresso ou documento de credenciamento, devidamente emitido pela Fifa ou pessoa ou entidade por ela indicada;

Caso não fosse possível se enquadrar nesse tópico o indivíduo estaria impossibilitado de permanecer em qualquer localidade demarcada como oficial. Na cidade do Rio de Janeiro a demarcação territorial aconteceu em um raio de 1 quilômetro do Estádio Mario Filho. Nesse espaço parte do comércio foi comprometido, bebidas alcoólicas não podiam ser comercializadas, alguns moradores receberam credenciais de acesso, mas outros não, o que causou certo constrangimento durante alguns jogos.

³²<http://www.portal2014.org.br/noticias/11824/FIFA+PERMITE+A+VENDA+DE+ACARAJES+NA+FONTE+NO+VA+DURANTE+A+COPA+DO+MUNDO.html> (acesso em 5/03/2014)

Desde a década de 1980 o futebol faz parte de uma lógica de negócios. Podemos observar, no presente, a consolidação do *business* esportivo, importante não só para a própria economia do esporte como também para países e cidades que pretendem atrair grandes eventos, tal como a Copa do Mundo de Futebol e assim iniciar um novo processo de “avivamento” da cidade. O esporte é, portanto, um fator a contribuir com o refazimento dos espaços urbanos e conseqüentemente na vida dos cidadãos. Ao menos esse é um argumento muito em voga quando se defende a candidatura de uma cidade e/ou país para sediar um megaevento.

Sendo tanto o estádio de futebol quanto as cidades locais onde a configuração e a reconfiguração física estão presentes, elas podem ter influências nas relações sociais de sociação. Como forma de sociação, a sociabilidade dos indivíduos nas arquibancadas pode sofrer influência direta do espaço modificado. Daí uma nova forma de sociação pode ser observada, com um menor nível de articulação entre aqueles ocupantes dos lugares no estádio. É perceptível que o *modus vivendi* de 30 anos atrás já não é mesmo dos indivíduos do tempo presente. A cidade já não é mais a mesma. Seus espaços foram alterados e os espaços dentro desses espaços também sofreram importantes modificações. Simmel (1983) entende a sociedade como resultado de uma interação entre os indivíduos. Essa vivência que irá, conseqüentemente, gerar os conflitos, aproximações, interesses mútuos, enfim, formas diversas de viver e pensar a e na cidade. A sociação é justamente a relação de conflitos, aproximações que fazem os indivíduos no espaço-tempo das cidades. Os espaços da cidade bem como todo seu movimento influenciarão esses indivíduos a viver no ritmo que a cidade proporciona. Lento, calmo, agitado, o espírito das cidades é completamente variável. Lousada (1995) também entende a sociabilidade como “formas de convívio e de interação exteriores aos quadros elementares e de alguma forma compulsórios da vida social e coletiva”. Nos estádios essa forma parece estar presente, justamente por estar fora a esses “quadros compulsórios”, experimenta-se nesse espaço a suspensão do tempo. Mesmo existindo um relógio correndo em dois blocos de 45 minutos o *cronus* parece estar fora do verdadeiro tempo da vivência, da experimentação do jogo. Embora, dentro dos estádios, como em qualquer outro lugar a experiência do cotidiano esteja presente. A experimentação do espetáculo futebol não anula por completo as sensações daquilo que se viveu fora daquele espaço geográfico. Ele pode inclusive, ser um local de enfrentamento dessa realidade dura, a qual nos deparamos nos espaços de vivência, a casa, o trabalho, os compromissos diários. O estádio, portanto, mesmo em suas novas configurações, alimenta o pertencimento e as identidades coletivas (Gaffney apud Jesus, 2014)

Holanda (2011), parece concordar com este em sua afirmação de que o *habitus*³³ do torcedor

é composto pela chamada via espacial – padrões de utilização do espaço edificado do estádio (...) sua utilização é (...) condicionada pelas possibilidades impostas pelas variáveis dos padrões espaciais, próprios da arquitetura de cada edificação.

Logo, os espaços podem ter influência direta no *modus operandi* dos torcedores. Portanto, “torcer” sendo obrigado a permanecer sentado em cadeiras numeradas ou em locais onde o “estar em pé” é possível, trariam significativas diferenças nesse *modus* torcedor, nas relações de interatividade, tanto uns com os outros como também na forma de interação com o que é visto no espaço do campo. Outrora os grandes estádios brasileiros possuíam espaços populares como a “Geral” do Maracanã. Espaços geralmente baratos, quase caricaturais, com uma cultura e hábitos próprios. Impensável seria um “geraldino” torcer como “geraldino” nos espaços dos “arquibaldos”. A “Geral” era um espaço que propiciava uma sociabilidade até mesmo do enfrentamento, de uma determinada solidariedade, do conflito como expõe Simmel, quando a convivência, está encerrada em um espaço onde a liberdade de ser o que quiser é garantida por uma espécie de contrato livre entre os que ali frequentam. Da mesma forma, quando encerrados em um determinado espaço onde esse contrato exige determinadas posturas que aparentam liberdade a sociabilidade entre os indivíduos acontecem de modo muito diferente do primeiro.

Um bom exemplo disso é demonstrado por Jesus (2014). Quando o Grêmio Foot-ball Porto Alegrense construiu seu estádio, a princípio as torcidas organizadas perderiam seu espaço de comemoração. Uma comemoração típica, muito influenciada pelas *hinchadas*³⁴ argentinas, na qual após um gol os torcedores correm até a grade que separa o campo, fazendo assim uma onda humana. Após muita pressão dos torcedores a direção do clube reservou somente uma parte das arquibancadas para essa manifestação. Jesus afirma que a reserva desse espaço também consiste em uma forma de autoritarismo para com uma parcela dos torcedores. E essa reorganização do espaço, como nos casos acima, passam pelas reformas e modernizações. O motor das reformas não parece ter sido o controle das massas desordenadas, mas a nova economia do futebol (pós-1980)

³³ Em Bourdieu (2006) o *habitus* assume o papel como um “agente em ação”. Demonstra uma capacidade de raciocínio que norteia a orientação e sua colocação em um espaço.

³⁴ Como são chamadas as torcidas organizadas na Argentina e Uruguai.

que definia os contratos empresariais como a forma de arrecadação dos clubes em detrimento do público, assim defende Jesus (2014).

Marx nas primeiras páginas da sua densa análise sobre o capital estuda e explana o sentido e o funcionamento da mercadoria para esse sistema socioeconômico. Então, demonstra que a mercadoria, antes de tudo, existe porque “satisfaz necessidades humanas [...], provenham do estômago ou da fantasia.” (Marx, 2008) e tenha utilidade ³⁵ tanto em quantidade, quanto em qualidade para um determinado uso. “A utilidade de uma coisa faz dela um valor-de-uso.” Marx cita também John Locke quando este em meados do século XVIII já demonstra que “o valor natural de qualquer coisa consiste em sua capacidade de prover as necessidades ou de servir às comodidades da vida humana.” Tendo elementos imateriais como a música, a arte e o futebol se tornado “algum gênero de mercadoria” (Harvey, 2001). Recorremos então às formulações de Marx para interpretá-lo como algo que obedece aos padrões do valor e assim se torna uma mercadoria a satisfazer as necessidades da fantasia, da diversão, do entretenimento. Jameson (1991) assinala que para o pleno funcionamento do capital é indispensável a cultura do consumo, tornando o supérfluo, indispensável (Jameson apud Alvito, 2006). O esporte, porém, não está articulado nas formas estéticas do supérfluo, nem em um viés economicista poderíamos inseri-lo nessa lógica. Longe disso, como demonstramos acima, ao expor as características capitalistas do futebol moderno, se levarmos em consideração tão somente as atividades típicas de um sistema econômico como o setor automobilístico, produtivo e alimentício teremos, em algum momento, de inserir o entretenimento, o esporte, o lazer também como forma de circular a moeda, pois também – mas não só – apresenta a possibilidade de acumulação por um determinado setor que o explora. Ele – o esporte – tem valor de uso e troca, como uma mercadoria eficaz em determinados processos. Mas concordamos com Jameson no tocante a cultura do consumo dentro do “universo do futebol”.

Vemos assim uma reorganização nas esferas esportivas. Uma modernização na forma, como se além de administrar se empreende. Cada atleta capaz de demonstrar potencialidade para o alto rendimento é também uma mercadoria em potencial. Isso exige todo um aparato jurídico-administrativo-empresarial a fim de que sua carreira tenha os melhores resultados possíveis e seja um sucesso financeiro. Como há essa forma de *business* para além de um administrativismo, ao se tratar da captação de grandes eventos esportivos por determinadas cidades fica valendo também essa lógica empresarial. As cidades que se candidatam a receber eventos como a Copa do

³⁵ (Nota de pé de página. p. 58)

Mundo, Olimpíadas ou jogos de qualquer outra natureza têm de se mostrar capazes – em nível de projeto futuro – de oferecer além de estrutura para a realização dos eventos, também um nível de garantias para assegurar a “oportunidade” em se fazer cidade-sede. Damo (2013) demonstra o processo de escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014. No discurso de pronunciamento da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) na pessoa de seu presidente Joseph Blatter, foram ressaltadas as palavras “responsabilidade” e “oportunidade” para sediar tal evento. Ficando claro que qualquer erro recairia sobre o poder público. De fato, os equívocos do mal gerenciamento de obras, das construções de estádios a projetos de mobilidade urbana recaíram sobre o governo, nas esferas estadual e federal. O nível de governança e administrativismo deveriam ser garantidos pelos poderes público envolvidos, assegurando satisfatoriamente as exigências do órgão organizador.

O geógrafo David Harvey traz em suas interpretações do espaço, a partir da teoria marxista, o entendimento de como os espaços das cidades sofrem grandes transformações estruturais baseadas e fundadas no interesse do capital. Desde o empresariamento nos espaços urbanos até as primeiras indagações de Marx à teoria de Hegel sobre o capital e a lógica das cidades, Harvey situa sua argumentação nas relações entre sociedade e espaço na economia capitalista. Como o capitalismo vive tempos de estagnação e crises a pergunta de Marx para uma saída está em consonância com a formulação de Hegel que “deixada em aberto” diz respeito sobre como o capitalismo poderá se estabilizar pelo papel da expansão e dominação territorial (idem). Harvey demonstra que “as intrigantes questões” de Hegel sobre a salvação da sociedade de suas “contradições internas” podem estar vinculadas ao ajuste espacial (ibidem). Passado o megaevento de 2014 o que temos observado são obras ainda em andamento, uma crise política e econômica que se arrasta e o grande capital financeiro representando pela FIFA e também pelas grandes empresas “parceiras” do evento seguindo seus caminhos lucrativos rumo à próxima Copa do Mundo. O rearranjo espacial tende a se dar, não somente na cidade onde o evento acontece, mas é internacionalizado nos ganhos desses conglomerados. Seu capital cresce voluptuosamente, graças a oportunidade que foi dada em fazer o megaevento num determinado território nacional.

A partir dessa leitura, visualizamos que a política de padronização dos estádios de futebol pode passar por essa interpretação, assim como toda uma cidade. O espaço ajustado pode trazer um *modus* capitalista de valorização desse novo arranjo espacial e assim dar novo valor àquilo que foi feito. Ou seja, o futebol explorado como uma mercadoria a ser consumida por determinados

espectadores dentro de uma geografia distintiva e socialmente segregada. Entretanto, esse ajuste espacial está cercado por outros interesses também de cunho capitalista. Como mercadoria, o esporte necessita de consumidores e sua captação pode ser feita de diversas formas. Dentre as múltiplas possibilidades está a espetacularização e o empreendedorismo não só do jogo como de todo ambiente que o cerca, a cidade, por exemplo, em uma relação umbilical, de mão dupla com causas e consequências que atingem ambos os lados.

Uma das argumentações de Harvey se faz sobre as luzes da transformação urbana no capitalismo tardio. Sendo o ajuste espacial uma das formas de “salvação” da empresa capitalista ele está intrinsecamente ligado às formas de administração das cidades capitalistas. Portanto, esses ajustes são pensados dentro de uma lógica onde os espaços têm importância ímpar no lucro, principalmente se possuírem um alto valor simbólico, mas também valor imobiliário e representar uma capacidade de amalgamar interesses de uma parcela do empresariado urbano capaz de fazer investimentos maciços, ou seja, em construção, revitalização, modernização ou todos esses processos juntos em um mesmo espaço físico. Enfim, um processo de urbanização voltado para e pela lógica urbana do capital. Em Harvey (2001) a urbanização assume um sentido de “formas construídas, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, todos organizados numa configuração espacial distintiva.” A geografia da cidade, seu espaçamento, seus locais estão inseridos em uma ordem na qual os indivíduos, participantes ativos da movimentação urbana, podem sofrer um processo de distinção produzido pela própria lógica espacial. Tendo o capitalismo vocação para tal feito em se tratando da cidade como um todo, é bem provável que realizará nos espaços mais fechados que formam a cidade. A lógica de uma produção distintiva dentro do estádio através de determinada precificação a partir de uma melhor visibilidade do campo de jogo, lugares marcados com cadeiras acolchoadas e mais conforto em cinemas poderá ser resultado dessa construção espacial distintiva. Aqui ao tratar propriamente dos estádios de futebol, é empírica a colocação do termo elitização das arquibancadas. De modo que o campo de pesquisa tem sido capaz de nos mostrar que de fato há uma distinção social entre torcedores na modernização capitalista dos estádios. Embora também seja empírica o fato da recriação tanto do modo de torcer, quanto aos personagens torcedores. De fato, os preços dos ingressos têm sido proibitivos aos indivíduos de menor poder aquisitivo. A frequência com um torcedor ia aos estádios também aparentemente retraiu, diante da impossibilidade em bancar todos, ou a grande parte, dos jogos de um determinado campeonato. Porém, se por um lado a entrada no estádio é

restritiva, por outro lado novas formas de torcer vão sendo achadas, mesmo que ocorram longe do campo de jogo.

Logo, o que vemos é a ligação profunda do processo de urbanização com as formas de mudança na sociedade. Para alguns, essa mudança social estaria descolada da urbanização empresarial promovida pela governança urbana, mas há dados mostrando os significativos impactos na segunda advindos da primeira, fruto de um desenvolvimento econômico que está diretamente relacionado com a produção de investimentos. Harvey (idem) argumenta que a urbanização é de fato um processo social com um “amplo leque de atores, com objetivos e compromissos diversos”. Essa mudança social causa impactos não só sobre os ambientes onde são feitas, mas também sobre os indivíduos sujeitados, e conseqüentemente às instituições presentes na estrutura de sua sociedade.

Para realização desses investimentos na cidade a tendência no capitalismo tardio está justaposta como forma de parcerias entre o poder público e o poder privado ³⁶ a fim de promover a construção de áreas e locais de atração de novos investimentos. A exemplo da teoria, quando houve a última reforma no estádio do Maracanã (2013) uma das cogitações do consórcio vencedor da licitação pública foi construir em anexo ao estádio um Shopping Center, um aglomerado de lojas de conveniência, além de um estacionamento privado. Para isso seria necessário por abaixo um museu e uma escola, um parque aquático e um centro esportivo, todos públicos. Após grande movimentação pública com participação de movimentos sociais, um novo contrato foi firmado entre poder público e o consórcio administrador liderado pela empresa de construção civil Odebrecht e as demolições canceladas. Posteriormente a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro decretou em definitivo o tombamento tanto do Museu do Índio quanto da Escola Arthur Friedenreich. Coloca-se, no entanto, que os modelos dessa parceria “público-privado” são especulativos na construção de um projeto. Nele o setor público tende a ficar com os riscos e o poder privado com os lucros. As reformas do estádio do Maracanã ficaram a cargo de um consórcio que contou com duas das principais construtoras do país. Andrade Gutierrez e Odebrecht venceram a licitação que lhes garantiu através da Lei 8.666/93 (também conhecida como Lei de Licitações) a realização de obra pública. O primeiro levantamento de custos estimados foi de 430 milhões de

³⁶ Esse sistema é popularmente conhecido como PPP - sigla de Parceria Público-Privado – onde o Estado entra com a concessão administrativa da exploração de algum serviço público a uma empresa privada, por meio de licitação pública, e esta explora os lucros do serviço garantindo à sociedade serviços de qualidade.

reais (em junho de 2009), já em abril de 2013 o valor tinha sido elevado para 808,9 milhões de reais, ao final já tinha ultrapassado a casa de 1 bilhão de reais. Se antes o Maracanã foi conhecido como “o maior do mundo”, por ora, se tornou “o mais caro do Brasil” sua reforma ultrapassou em valores a reforma do Estádio Mané Garrincha no Distrito Federal e também a construção do Juventus Stadium (pertencente a Juventus da Itália). Este, erguido do nada, custou aos cofres do clube 100 milhões de euros, em 2011 quando foi inaugurado, algo em torno de R\$ 400 milhões de reais, levando em consideração a cotação das moedas à época. O valor financiado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) foi de 400 milhões de reais.³⁷ Ao final o consórcio vencedor da licitação para administrar o estádio ofereceu R\$ 181,5 milhões divididos em trinta e cinco parcelas de R\$ 5,5 milhões, e em contrapartida administrará por 35 anos o complexo esportivo.

A postura empreendedora de uma cidade pode estar ligada às estratégias do empreendedorismo urbano. Para tanto, Harvey demonstra a importância em se ter estádios capazes de abrigar grandes eventos como forma de captar determinados interesses empresariais e institucionais – sejam nacionais ou internacionais como os que aconteceram em 2014 ou estão por vir em 2016. Mas não deixa de criticar os modelos para viabilizar as construções como as expostas em números acima.

A “postura empreendedora” assumida pelas lideranças administrativas da cidade entram em consonância com as lideranças financeiras. Em um passo que o administrativismo – uma espécie de característica direta do ser político, intrínseca pelo simples fato de ocuparem determinados cargos na hierarquia do poder público – sai de sua seara e permeia outro campo, o da governança empreendedora. Esta sim, capaz de tecer relações que levarão a processos onde os resultados serão também o *business* para a cidade, e porque não o *business* esportivo. Em postura crítica a um tipo de empresariamento que não contempla as práticas dos direitos humanos básicos – Harvey chamaria a atenção da potencialidade do empreendedorismo urbano de se transformar em “prática progressista” - estão setores dos antigos e novos movimentos sociais urbanos como o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), o Comitê Popular de Atingidos pela Copa, CSP (Comitê Social do Pan) hoje incorporado ao Atingidos pela Copa, dentre outros, que representam os que sofrem diretamente com determinadas políticas de obras públicas as ações de remoções,

³⁷ Aqui excluimos os R\$ 304 milhões advindos dos cofres públicos para a adequação do estádio nos Jogos Pan-americanos de 2007.

despejos e etc. além de possuírem pautas com reivindicações mais específicas, como a transparência no gasto de dinheiro público. Para esses,

os comitês organizadores dos megaeventos [concebem] a cidade como mercadoria e não como espaço de moradia dos seus cidadãos. (Curi, 2013)

Suas agendas estão voltadas para o questionamento das melhorias em setores públicos como a saúde, educação, segurança e mobilidade urbana que contemple as parcelas menos abastadas da sociedade em vez de realizar altos gastos com eventos, que em suas leituras, não trariam tantos benefícios reais como demonstram os projetos organizacionais.³⁸ Em contrapartida,

os organizadores desses eventos, como representantes das federações esportivas ou membros dos governos, tendem a ficar bastante eufóricos com a situação. Eles apresentam os megaeventos como automaticamente benéficos para o país e sua população. *Os megaeventos esportivos são entendidos como um meio de desenvolvimento acelerado do país anfitrião.* (Curi, 2013) Grifo nosso.

Um dos pontos ligados ao empreendedorismo das cidades está nos eventos culturais como foco do investimento (Op. Cit). Eles são capazes de passar a noção de que determinadas cidades possuem dinamismo econômico, cidades onde há a oportunidade de se “aproveitar do consumo” para promover o crescimento, o progresso. O assédio da entidade administradora do futebol mundial – FIFA –, em sua postura globalizante de realizar a Copa de 2014 no continente sul-americano, esteve o tempo todo ligado ao argumento da oportunidade e não do fardo. Assim o Brasil, que naquele período vivia um momento político-econômico de ascendência no cenário internacional ganhava a dianteira na corrida com outras cidades candidatas.³⁹ Após a escolha do Brasil como sede da Copa o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) traçou em estudo de oportunidade econômica para as cidades que se candidatariam a sedes dos jogos, dessa forma visava atender a demanda de pequenos empreendedores e fomentar a captação de recursos provenientes do turismo devido aos jogos. O estudo também almejava o

³⁸ Damo argumenta que essas contestações devem ser relativizadas, pois os investimentos do Governo Federal para áreas como a saúde (algo em torno de 99,8 bilhões de reais) são muito superiores aos investimentos em obras dos grandes eventos.

³⁹ Ver Damo (2013) para mais detalhes sobre o processo de escolha do Brasil e do Rio de Janeiro como sedes de grandes eventos.

descobrimto de potencialidades regionais a serem exploradas como chamariz para turistas nacionais ou estrangeiros que quisessem se hospedar e usufruir de diversos setores como o gastronômico. O mapeamento dos negócios potenciais contou com a ajuda de economistas e administradores da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e registrou cerca de novecentos e trinta oportunidades de negócios nas doze sedes de jogos, além de incontáveis oportunidades em localidades próximas. De acordo com o Portal da Copa, conforme dados do projeto

os setores que mais se desenvolveram (...) foram construção civil, turismo e serviços. Também participaram empresas de outros setores como economia criativa, artesanato, madeira e móveis, produção de alimentos, tecnologia da informação e comunicação, moda (têxtil e confecções, couro e calçados, gemas e joias) e comércio varejista.⁴⁰

O faturamento de quarenta e quatro mil empresas que contaram com a parceria do SEBRAE nos três anos que sucederam o evento até sua realização ultrapassou a casa dos 500 milhões de reais em lucro. Assim numa localidade onde se realiza dois megaeventos essa capacidade está mais ressaltada e sua potencialidade pode ser relevante na construção da imagem de cidade símbolo, local atraente para novas formas de progresso, ainda que a forma de progresso seja questionada em suas consequências.

1.4 O esporte espetáculo

Não só o esporte é espetáculo, vivemos numa sociedade onde a produção desse espetáculo é constante; daí causas e consequências dessa “sociedade do espetáculo”, como demonstra Guy Debord (1997), rebatem nos ramos do entretenimento, como o futebol, por exemplo. Curi (2013) dá uma boa interpretação dessa temática quando cita que

os megaeventos esportivos seriam compreendidos certamente como uma expressão máxima da sociedade do espetáculo que se tornou necessária devido a alta saturação dos produtos materiais do mercado mundial.

⁴⁰ Site mantido pelo Governo Federal com informações atualizadas sobre diversos setores ligados ao evento (<http://www.copa2014.gov.br>). Dados disponíveis em (<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/copa-do-mundo-supera-expectativa-e-gera-negocios-acima-de-r-500-milhoes-para-44-mil-pequenas>)

Como vimos acima, a tendência capitalista de transformar todo tipo de coisa em mercadoria, vem de mãos dadas na sociedade moderna com a forma de espetacularização. Contudo, a preparação para esse campo requer alguns tecidos, como por exemplo a comunicação de massa. Para Debord (idem) o mundo da mercadoria domina tudo o que é vivido e faz do momento do espetáculo o momento da mercadoria, que ocupa “totalmente a vida social”. Entretanto, a transformação do jogo em espetáculo tem interesse na transformação da atividade em “atitude contemplativa” (Lukàcs apud Debord, 1997) quando os espaços onde se interage são locais onde impera certa distinção e por si são espaços de consumo onde os indivíduos se afastam entre si e o mundo que se vê é o mundo da mercadoria. Debord faz também uma alusão dos sistemas fluidos e do coagulado. Tendemos a crer que a transformação dos espaços do torcer, podem, também apresentar tais características. Quando nas arquibancadas não há espaço para o “torcer de pé” ou esse *modus* é permitido por uma convenção simbólica em apenas alguns momentos do jogo, como nos lances em que o time se aproxima do gol, tendemos a crer que ali está uma forma dessa “coagulação”. Porém, isso também representa uma nova interação entre os sujeitos em sua relação com o espaço. Mesmo fazendo uso das teorias de Debord, aqui encontramos um ponto de divergência. Tendemos a crer que mesmo o futebol sendo uma mercadoria e os seus espaços estarem em processo de transformação em “reinos da atitude contemplativa” observamos dentro dos estádios uma torcida de indivíduos não tão contemplativos assim. Portanto, a passividade não é tão disseminada e não parece ser sinônimo de contemplação mercadológica. Até mesmo ao assistir a uma partida de futebol sentados no sofá, temos a iniciativa, como se fosse um instinto da interação. Embora reconheçamos que nos novos estádios, por ora chamados de arena, a possibilidade da contemplação, inclusive, em atividades fora do futebol em si, tendem a ser mais propensos. Ainda como demonstra Alvito (2013) ao analisar as transformações nas ligas inglesas de futebol profissional as modificações do torcedor ativo em espectador nem sempre é tão somente um ato passivo que se observa nos campos de jogo, há de fato uma mudança do “tipo” de torcedor que frequenta os estádios, mas a observação vai muito além da contemplação passiva. Em recente observação durante a Copa do Mundo visualizamos a diferença do público nesse evento e em outros, como campeonatos estaduais, bem como dos comportamentos distintos, típicos de torcedores que não frequentam ou pouco se interessam em ir ao estádio para assistir a um jogo de futebol. Curi (2013) tece críticas à forma do “viver diretamente” ligadas à alienação devido a tecnologia como argumenta Debord. Apoiado no referencial de Appadurai (2008) que justifica um

viver não tão passivo, quanto as menções de Debord. Para aquele os atos sociais em relação a qualquer aquisição ou vivência são ações. A passividade está amenizada, pois em se vivendo em sociedade e constante interação não é possível encantar-se com os processos sociais.

Uma palavra muito empregada por parte da mídia esportiva a fim de especificar a hipótese da modernização seria a “elitização” das arquibancadas, em muito pelos valores proibitivos dos ingressos nos jogos. Alvito demonstra em seus estudos sobre o campeonato inglês a política de venda de ingressos para os torcedores – denominados consumidores – na temporada 2007-08. Afora os torcedores que adquiriam os ingressos para todos os jogos em casa e os sócio-torcedores, os não associados pagavam a quantia de 30 libras (R\$120) nos lugares menos privilegiados do estádio, em um jogo de menor importância (Alvito, 2013). Ao que os estudos recentes, Foer (2004), Proni (2002), Alvito (2006 e 2013), além de Giulianotti (2002), sobre futebol indicam essa não é uma tendência brasileira, mas fruto da globalização da cultura e conseqüentemente do esporte. Atualmente os clubes de futebol têm ampliado suas ações de marketing visando a fidelização dos seus torcedores e o aumento das receitas com ingressos através do programa denominado “Sócio-torcedor”. É comum, neste programa, os associados terem prioridade na compra de ingressos, pois pagam mensalmente com um valor pré-estipulado. No Brasil o Internacional de Porto Alegre é o clube com maior número de sócio torcedores, o clube faz campanhas regulares a fim de fidelizar seus torcedores. Os benefícios vão desde descontos na entrada dos jogos até abatimento em produtos de empresas “parceiras”. Para Giulianotti (2012) “os clubes modificaram sua ênfase em satisfazer os ‘torcedores’ existentes e passaram a atrair ‘espectadores’ modernos ou ‘consumidores’ de lazer”. Mas não só os clubes tiveram esse tino administrativo, as próprias entidades que administram o futebol mundial parecem ter sentido que o esporte poderia se tornar uma mercadoria lucrativa, se administrada como um negócio. Clubes e Confederações trataram de transformar os estádios em locais de venda e promoção do entretenimento para além do campo-bola. Tendemos a crer que no Brasil esse processo ainda é inicial. Muito pelo fato de muitos clubes não possuírem estádios próprios, utilizando os construídos pela administração local (estádios municipais). Daí um dos problemas é a forma de gestão.

A televisão e o advento dos patrocínios foram outros fatores que contribuíram para a “mercantilização” do esporte e a valorização das marcas vinculadas ao jogo. Como citamos no início deste capítulo. Na temporada 2007/08 do campeonato inglês a Nike pagava 21 milhões de libras – aproximadamente 6 milhões de reais à época – em fornecimento de material esportivo a um dos

principais clubes da primeira divisão (Idem, 2013). No presente ano a sua concorrente, Adidas, fechou um contrato de R\$ 35 milhões/ano com o clube de maior torcida no Brasil. A Nike também fechou um contrato de exclusividade com a CBF no valor de “220 milhões de dólares. O maior contrato de esportes do mundo” (Botelho, 2006). Proni (1999) demonstrou em artigo, grande parte da esquemática financeira que permeava o futebol empresa no Brasil durante os anos 1990. À época já citava uma acirrada disputa entre emissoras pelo direito de transmissão dos jogos, o que elevou o valor de arrecadação do produto Campeonato Brasileiro. Attali (2002) argumentou que

o esporte vai perder sua identificação com o sentimento nacional ou regional, sendo completamente controlado [...] pelas grandes corporações econômicas.

O exposto acima demonstra que muitos estudos e análises sobre o futebol podem comprovar o que se percebe ao ligarmos a TV em um domingo. A capacidade do esporte em se tornar uma vitrine para a exposição de marcas e a comercialização lucrativa através da exploração da paixão torcedora. Ficaria assim evidente que a transformação do esporte ultrapassaria o campo-bola e também os escritórios e gabinetes de presidentes e cartolas dos clubes. Essa modificação deveria chegar às arquibancadas, até porque o torcedor é um consumidor em potencial. Desde os anos 1990 o marketing tem ganhado cada vez mais espaço entre empresários do esporte. Em 2010 a Fundação Getúlio Vargas publicou um estudo dirigido intitulado “Futebol e desenvolvimento econômico social”. Com a participação de economistas, ex-jogadores atuantes em gestão esportiva e até do ex-ministro do Esporte, o estudo apontava caminhos para o êxito da Copa de 2014. Em um dos artigos, assinado por Aidar, o argumento principal se desenvolve na viabilidade econômica dos clubes brasileiros. O respectivo economista demonstra que a principal fatia da receita dos clubes advém da TV (24%), enquanto a bilheteria é de 11%. Entretanto, tendemos a crer, que há uma política do consumo voltada para determinadas classes sociais e estratificações de classe. Excluindo-se as classes menos abastadas tanto dos espaços do estádio, principalmente pelos valores dos ingressos, mas também por outros fatores. Murad argumenta que o preço é a segunda “maior causa do afastamento do público de estádios brasileiros”. O primeiro seria a violência. Mas também devemos observar que a maioria dos clubes que não estão nas principais divisões dos campeonatos nacional e estaduais não consegue manter contratos milionários de patrocínio e fornecimento de material esportivo. Caso comum em times do interior. Muitas das vezes são empresas locais, da própria cidade, que mantêm uma pequena cota financeira de participação por

utilização de suas marcas em conexão com o clube. O que leva clubes e jogadores a rescindirem contratos de trabalho e passarem boa parte do ano sem ter onde jogar.

Após o fenômeno do *hooliganism* na Inglaterra e das catástrofes no estádio de Hillsborough, no fim dos anos 1980 as autoridades e os cartolas promoveram intensas investidas para conter o avanço da violência. Nesse tocante um conhecido instrumento de regulação produzido na Inglaterra, mas que ganhou funcionalidade em toda a Europa foi o “documento de controle social” chamado de Relatório Taylor. Conseqüentemente os grupos de trabalhadores operários que faziam parte de torcidas foram gradualmente expulsos dos estádios e substituídos por outros estratos sociais mais abastados e de certo modo vistos como mais bem educados. Na interpretação de Murad (ibdem), a violência do público (violência no futebol) é precedida por uma violência mais geral; deve ser contextualizada “nas violências macrosociais no e do país em questão. Voltando ao sociólogo Richard Giulianotti (2002) que cita esses estádios ao se tornarem locais “rumo a um ambiente pós-moderno de futebol”, onde havia uma preocupação “*anti-hooliganism*” caracterizados por espaços altamente vigiados. Cercas e câmeras de monitoramento desde então começaram a fazer parte do ambiente dos estádios, sem citar os modelos e formatos variados das arquibancadas, como por exemplo, os assentos numerados no lugar das arquibancadas de concreto. Após a modernização sob as “normas FIFA” muitos estádios, e principalmente aqueles que receberam jogos oficiais tiveram que ser remodelados. A entidade possui um documento intitulado “Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos” (2011), onde explicita todas as padronizações necessárias desde o campo de jogo até os vestiários, passando por arquibancadas. Para sediar um evento FIFA oficial se faz necessário o cumprimento desses requisitos. Um capítulo inteiro, de dezessete páginas é dedicado aos espaços dos “espectadores”. Mas, a maior mudança estaria no público que frequenta esses espaços. Ao contrário de Curi (2012) que dedica boa parte de sua tese a segurança pública nos estádios, não é nossa intenção se voltar exclusivamente a este tema. Embora seja recorrente, tendemos a observar a transformação desse espaço sob a ótica do consumo e de uma hipotética mudança de público nesses espaços, bem como sua relação com as estéticas de classe. O que ocorrerá no terceiro capítulo.

Tendo como ponto de partida o citado Relatório Taylor (de janeiro de 1990) os estádios ingleses vieram a ser planejados “como espaços públicos, e o espetáculo esportivo, como direito do consumidor e do cidadão” (Ibdem, 2012). Daí a união entre segurança do público nos estádios e a chance de tornar esses espaços locais mais civilizados. “O processo civilizador envolveu um

interesse diário crescente em monitorar, controlar e defender o corpo e suas funções”. (Elias apud Giulianotti, 2002). Consequentemente o público que frequentava os estádios seria outro a partir dessas políticas. Ao realizar uma etnografia dos torcedores e do hooliganismo na Inglaterra, Pearson (2012) argumenta que a partir do Relatório Taylor a política de vigilância nos estádios tem como principal ideia tratar o torcedor como um consumidor do espetáculo e não como um agente violento em potencial. Com isso a própria abordagem, juntamente com a política de segurança, deveria ser alterada.

Devido a Copa do Mundo de 2014 o estádio por nós analisado passou por grandes modificações em sua arquitetura. O campo diminuído juntamente com a capacidade de público, além das obras em seu entorno - o que para muitos populares descaracterizou os projetos arquitetônicos iniciais - bem como a paisagem incorporada à cidade e a personalidade do patrimônio, são algumas das alterações perceptíveis que impactam na forma de torcer. Mas também a cidade que sediou a Copa e sediará as próximas olimpíadas passara por alterações significativas a fim de que realizasse esses megaeventos. Vale ressaltar os grandes e às vezes superfaturados investimentos em infraestrutura, segurança e obras de mobilidade urbana – muitas delas não foram concluídas a tempo do primeiro grande evento. Com isso percebemos que a nomenclatura “universo do futebol” de fato extrapola o campo de jogo, sendo muito e também presente em todos os demais setores da sociedade. À frente trataremos da questão da modernização e do espaço e da violência como fator/agente argumentativo para essa modernização.

Nossas hipóteses iniciais a de que a modernização dos estádios, em nosso caso o Maracanã, tendo em vista a padronização para a Copa do Mundo, trouxe consigo um processo de produção capitalistas do espaço coletivo tem sido comparada com as observações do campo de pesquisa. A redução do público presente nos estádios é um fenômeno relativamente fácil de ser visto. O encarecimento do ingresso é um fator preponderante para tal. Inerente a isso também uma diferenciação dos públicos que frequentam esses espaços bem como uma tentativa frustrada de afastar – pela precificação – os indivíduos violentos, bem como com as políticas de detenção, muitas vezes ineficazes em sua aplicação. Contudo, também verificamos uma nova ressignificação dos espaços torcedores. Se “nada será como antes” ao menos temos verificado uma reapropriação dos espaços por uma categoria de velhos-novos torcedores.

A partir das reformas os espaços dos estádios não se tornaram apenas locais de distinção, mas também espaços capazes de segregar uma parcela de torcedores, excluídos do fazer parte de

um grupo – os que frequentam os estádios – ou ao menos os que frequentavam sempre esses locais de encontro, esporte e interação. Os espaços incrustados nas grandes cidades, sendo espaços materiais, são cheios de sentido e representação simbólica depositada (Agier, 2011) pelos moradores dessas cidades.

Considerado como um dos principais “templos sagrados” do futebol brasileiro, o estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) passou por suas últimas reformas arquitetônicas entre 2010 e 2014 para que realizassem nesse último ano o maior evento mundial de futebol, a Copa do Mundo. Entretanto, outras reformas já haviam sido feitas para modernizar e/ou adequar os espaços. A mais significativa, até então, tinha sido a de 2005/2007 no Maracanã – muito conhecida por ter sido a que extinguiu a famosa “geral”. Espaço de pouca visibilidade do campo, mas que possuía os ingressos mais baratos e atraía os torcedores das classes mais baixas e também os mais caricatos.

Construído em 1950 possuía a maior capacidade de lotação no Brasil, tendo públicos recordes de 199.854 presentes (Maracanã em 1950). Por isso recebeu a alcunha de “o maior do mundo”, pois, de fato, o era. Passados os anos e as constantes reformas realizadas a diminuição da capacidade de público era uma das metas a serem atingidas pela administração estadual, SUDERJ. Argumentos como o bem-estar, segurança e modernização são os mais utilizados pelas concessionárias privadas que hoje administram esses espaços públicos em modelo de concessões, e possuem projetos que pretendem criar centros comerciais nas proximidades do estádio, fazendo desses espaços locais onde não só haja eventos esportivos, mas também grandes shows nacionais e internacionais, exposições diversas e etc. O fato é que a modernização desses estádios está para além do futebol. Por isso realizamos uma leitura teórica desses fatos a partir da perspectiva geográfica de David Harvey sobre a produção capitalista do espaço. Ele ainda faz sua análise sobre as cidades, nós, contudo, recortamos o espaço nos estádios. Porém é impensável refletir esses espaços de emoção fora da perspectiva cidadina. Eles estão inseridos, incrustados em toda lógica que também ocupa os outros espaços da cidade.

Harvey no capítulo sobre o ajuste espacial levanta as colocações de Hegel sobre a possível estabilização do capital. Para esse, uma das formas de estabilização capitalista estava na expansão e dominação geográfica e territorial (Hegel apud Harvey, 2001). Porém, quando Hegel explicita essa formulação não está descrevendo as expansões cidadinas, mas sim os Estados modernos pós Revolução Francesa. Ainda assim expansão do capital tem suas finalidades no lucro através da busca de novos espaços exploratórios. Harvey cita que este processo é a modernização pelo

imperialismo. Harvey menciona a relação da cultura com o capital. “É no espaço ritual que o papel de invenção da identidade se manifesta” (Agier, 2011) Ajustar o espaço poderia comprometer o processo ritual, logo a questão da construção identitária.

Já que o ajuste espacial seria um dos fatores de salvamento do capitalismo através de estabilização, nos perguntamos se esse processo também tende a redimir as mercadorias capitalistas através de um modo parecido com aquele citado por Hegel, o ajustamento do espaço. Dessa leitura intuímos a modernização nos espaços do futebol, estádios e entorno, como possíveis formas de realizar a modernização/ adequação dos espaços para que estes sejam capazes de prover lucro aos capitalistas, que como disse Marx, faz da fantasia a mercadoria ou vice-versa.

Com um rígido controle de acesso direto aos estádios, também há o controle por meio da disponibilização dos ingressos, reservados a quem adquire os “pacotes” com maior número de jogos possíveis, a liga inglesa de futebol (*Premier League*) mostra como o ajuste espacial aliado a outras categorias “salvaram” o futebol inglês tornando-o uma liga das mais rentáveis desde o início dos anos 1990. Os estádios se modernizaram retirando arquibancadas e substituindo as mesmas por cadeiras numeradas, afastaram as torcidas organizadas e os *hooligans*, bem como os torcedores das classes mais baixas, geralmente operários – tenha sido um “regime urbano que civiliza e liberaliza a cidadania nacional, mas criminaliza os despossuídos” (Alsayyad, 2009) –, aumentaram os valores dos ingressos, tornando-os pacotes de temporadas, implantaram câmeras de vídeo como mecanismo de vigilância⁴¹, assim fizeram dos torcedores uma plateia e do espaço de emoção um quase teatro (Pearson, 2012). Exportaram o campeonato por meio da maior empresa de TV por assinatura do mundo, aumentando assim o direito de imagem pago a clubes e jogadores, angariando novos anunciantes e patrocinadores interessados na exposição mundial de suas marcas. Os times ingleses já não possuem mais torcedores somente em solo bretão. É comum topar com camisas com nomes de seus jogadores pelos subúrbios do Rio de Janeiro e também nos mais sofisticados shoppings de Dubai. A mundialização do futebol também está associada ao fato do espaço do estádio ter sido alterado, pois, produtos mais limpos e bonitos vendem mais facilmente. Um paralelo citado em Harvey é a “*disneificação*” da Europa (Harvey, 2001, p. 223). Poderíamos dizer que os modernos estádios de futebol também passam por processo semelhante. Por um lado os museus europeus, tão famosos, têm despertado pouco interesse nas gerações mais jovens, por

⁴¹ Para Oliveira (2003, p. 13) no futebol as câmeras não são políticas, mas “tecnicidades e dispositivos foucaultianos que se impõe com a lei da necessidade”.

outro lado esses também buscam espaços onde haja entretenimento para além do campo-bola. Seria uma tendência a “*shoppinificação*” dos estádios? Muitos dos estádios europeus já realizam essa incorporação de lojas dentro dos seus espaços ou ao redor. Corrobora-se, deste modo, o que Simmel (2005) alertou: a produção para a cidade moderna visa o mercado e este, por sua vez, requer produtos cativantes para atrair cada vez mais potenciais consumidores.

Harvey continua, explicando os benefícios das cidades que “adotam postura empreendedora” num “processo urbano moldado pela lógica do capital” (Idem, p.166). O discurso empreendedor em relação às cidades também está na possibilidade de se captar grandes eventos e gerar recursos e receitas, além de propagar os espaços das cidades como potenciais locais de turismo e negócios. Essa postura empreendedora também se conecta ao capital simbólico que cada cidade apresenta. Quando se trata do Rio de Janeiro isso é peculiar, pois a cidade tem um enorme empreendimento turístico.

Uma operação entre discurso e prática também utilizado nessa lógica é a das reformas urbanas, urbanização a partir da captação de eventos. Uma possibilidade de transformar a cidade em espaço de urbanidade. Em nosso caso identificamos as reformas urbanísticas nas duas capitais a partir da Copa do Mundo e das próximas Olimpíadas como sendo essas oportunidades da reforma não só urbanística, mas também dos espaços das emoções, os estádios, a fim de afastar as “classes perigosas” do espaço urbano (Topalov, 1996). De um lado o aumento da malha rodoviária e metroviária, de outro as remoções em detrimento das construções de rodovias, hotéis e todo tipo de benesses para promover os megaeventos. Assim entramos em questão com a distinção dos espaços da cidade e também dos espaços nos estádios. Talvez aqui se encaixe o conceito de “etocracia urbana”, o qual se remete a uma democracia territorializada (Yifratchel e Yakobi apud Alsayyad e Roy, 2009, p. 106). Um processo que pretende garantir o estádio como espaço onde impere a conduta civilizada. Como a cidade é o lugar por excelência do cidadão, o “habitat natural do homem civilizado” (Park, 2012) é nela também que se molda o indivíduo responsável, urbano, cortês, capaz de formular suas atitudes de acordo com os seus recursos de conhecimento sobre a sociedade. Para que seu habitat tenha o aspecto de civilizado há de se implantar uma “ordem espacial nova, meio e resultado da nova ordem social.” Portanto, a construção/reformulação dos espaços dos estádios vai de encontro ao que Topalov menciona sobre o modelo disciplinante repressivo (1996, p. 33). Como o citado acima em Pearson (2012), na Inglaterra a modernização dos estádios de futebol também procurou aliar disciplina e repressão, uma ordem espacial àquela

ordem social promovida pelas políticas de segurança de Thatcher, baseadas no conhecido Relatório Taylor. Embora este se referisse ao futebol continha recomendações sobre os horários dos *pubs* e casas noturnas próximas aos estádios em dias de jogos. Uma forma de resguardar os espaços da cidade dos “vândalos em potencial.” (Pearson, 2012)

Mesmo após o evento padrão FIFA a vigilância nos estádios continua nas mãos das polícias militares e os processos criminais contra torcedores violentos se encaminham às mãos de um leniente e despreparado judiciário, que por si só não está a par da cultura torcedora dos estádios brasileiros.

Um dos fatores que tanto afastou os indivíduos dos estádios de futebol foi a ideia de que esse espaço é um espaço de violência. A ideia presente no senso comum era a de que estádios de futebol eram majoritariamente violentos, onde a maioria dos que frequentavam, principalmente ao se tratar de membros de torcidas organizadas, se encontravam para promover brigas. Entretanto, a violência não é generalizada nas arquibancadas, como atesta Murad (2012), e está localizada em menos de 5% dos torcedores que compõem as torcidas organizadas/uniformizadas. Logo a própria noção de violência é uma construção simbólica e coletiva, como menciona Machado da Silva ao discorrer na conceituação de “violência urbana”. Para o autor a violência urbana pressupõe uma sociabilidade violenta, logo corrobora o que Murad defende (2012). Neste, entender a violência presente no futebol requer uma análise mais profunda do contexto social em que se vive. Portanto, a violência no futebol tem também paralelos com a violência na sociedade e a concepção de sociabilidades violentas nas quais esses indivíduos estão inseridos e que por isso adquiriram com o passar do tempo em suas relações. Realçamos o argumento de Machado da Silva (2004, p.45) trazendo sua interpretação para o universo do futebol, quando cita o processo de “criminalização do todo”, o que torna a ação coletiva um “perigo potencial”. Nesse tocante, muito do que foi concebido como seguro dentro dos estádios de futebol bem como seu entorno pode estar conectado com a ameaça que a multidão poderia oferecer, principalmente as torcidas organizadas, um perigo exponencial. A nova configuração desses espaços perpassa essa questão de modo peculiar. O que vemos hoje acontecer no Brasil é fruto de experiências europeias, pioneiramente inglesas. A substituição de arquibancadas de concreto por assentos mais confortáveis, a divisão de setores através da precificação, a proibição de determinados artefatos dentro dos estádios, etc. muito daquilo que foi exposto no mencionado relatório.

Fica perceptível que as relações entre os estádios e as cidades estão inteiramente ligadas, pois muitas das políticas públicas aplicadas no âmbito da convivência cidadã são também levadas para dentro dos estádios. Os arredores desses espaços também são afetados de modo que os participantes desse espetáculo são circundados por vários “bloqueios culturais” (Agier, 2011) e têm na desconfiança um dos maiores aliados contra forças policiais, responsáveis pela segurança, patrulhamento e prevenção contra a possível violência urbana. A cidade se mostra como um privilegiado laboratório social na observação das interfaces entre cultura, identidade, memória e história. Bem como as nuances da representação ligadas ao universo esportivo e às políticas para a realização desses eventos.

2 O Estádio Municipal. De colosso do *Derby* a Maracanã

Para determinada análise das mudanças espaciais nas relações entre indivíduos-espaco-lugar determinamos como recorte espacial o estádio Mário Filho, Maracanã (RJ). O estádio é símbolo e referência da vida de grande parcela dos que viveram ou nasceram na cidade do Rio de Janeiro e também do estado. Além de ser considerado um “templo sagrado do futebol” o estádio já recebeu eventos marcantes na história do país, como a partida de vôlei entre Brasil e URSS em 1983, duas visitas do Pontífice João Paulo II em 1980 e 1997 – sendo a de 1980 a primeira vez que um Papa pousava em solo brasileiro –, e vários shows de artistas internacionais, como o de Frank Sinatra, também em 1980 e do “beatle” Paul McCartney em 1990. Os grandes eventos, principalmente shows internacionais levaram ao Maracanã uma imensidão de pessoas. A banda estadunidense *Kiss* foi a recordista de público no ano de 1983 (200 mil), seguida de Tina Turner (188 mil), os já citados Paul McCartney (184 mil) e Frank Sinatra (170 mil) e Madonna (120 mil).

O jornalista Oldemário Touguinhó (1998) em suas memórias sobre o estádio cita que o mesmo é o “preferido das grandes estrelas” e sua importância vai além do futebol. Quando se trata do motivo da existência do estádio, o futebol, os maiores públicos também superaram recordes.

Brasil x Uruguai em 1950 é considerado o maior público. Alguns dados divergem como a falta de suporte tecnológico de contagem de torcedores existente à época, problemas na divisão dos ingressos à venda nos dias que antecederam a partida e a obra inacabada, o que permitiu a entrada de muitos indivíduos sem ingresso. Um dos números remonta a 199.854 presentes. O segundo maior público, esse sim oficial, também foi de uma seleção brasileira. Em um jogo pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 1970 na partida contra o Paraguai 183.341 pessoas foram atraídas ao estádio para assistirem as “feras do Saldanha”. Assim ficaram conhecidos os 22 jogadores convocados pelo técnico da seleção João Saldanha. João era militante ativo do PCB (O Partidão) e fora nomeado para o cargo indicado por João Havelange, tendo o aval dos militares que governavam após o Golpe de 1964, ocorrido, dentre outros argumentos, para prevenir o Brasil do comunismo. Na apresentação do time e da comissão técnica Saldanha se dirigiu aos jogadores dessa forma: “ – Olha, vocês sabem que vocês são as minhas 22 feras(...)” (Siqueira, 2007). Desde então, a imprensa “comprou” a expressão para representar um time que tinha em seu plantel os maiores jogadores da época, como Pelé, Tostão, Carlos Alberto Torres, Félix, Gérson, Jairzinho, Djalma Dias e Rivelino, entre outros. Vitória de 1x0 e garantia da vaga para a Copa do México.

O terceiro maior público é advindo do “clássico das multidões”,⁴² um Fla-Flu⁴³ jogado pelo campeonato carioca de 1963 com 167.020 torcedores. *O Rio* [de fato] *corre para o Maracanã*, como bem intitulou em seu livro a historiadora Gisella de Araújo Moura. E o *start* dessa corrida foi aquela partida de 1950. A cidade continuou se dirigindo a esse local para vários eventos, esportivos, religiosos, musicais, etc. durante longas datas, com públicos inimagináveis nos tempos atuais. A capacidade do estádio foi sendo reduzida a cada reforma e hoje conta com menos de 79.000 lugares, todos com assentos e numerados. Por todos esses motivos analisar o Maracanã é também observar o comportamento da cidade e de todos aqueles que nela se relacionam, convivem, convergem e divergem.

Pensar na cidade do Rio de Janeiro e associá-lo ao futebol nos parece uma construção mais consolidada, tanto no campo do senso comum quanto nas opiniões mais intelectualizadas. A crônica esportiva, desde Mário Filho e Nelson Rodrigues no antigo *Jornal dos Sports* até o diário

⁴² Expressão cunhada e disseminada pelo jornalista Mário Filho no *Jornal dos Sports*. Muitos historiadores já trataram desse personagem do jornalismo carioca como sendo, juntamente com seu irmão Nelson Rodrigues, o grande “inventor das tradições” – para usar os termos de Eric Hobsbawm - esportivas na cidade, principalmente no tocante ao futebol.

⁴³ Desde 2002 esse jogo é considerado Bem de Natureza Imaterial, “como Forma de Expressão da sociedade carioca.” (Decreto 35.878 de 05 de julho de 2002)

Lance, um dos jornais esportivos de maior circulação na região Sudeste, concedem grandes análises a este espaço. A literatura acadêmica tem sido ampliada consideravelmente no que diz respeito à observação não só deste estádio, mas percorrendo a própria cidade, muito por causa da sua relação com os megaeventos, como fez (Curi, 2012) ao analisar os espaços torcedores tendo como pano de fundo o Estádio Olímpico Nilton Santos (popularmente conhecido como Engenhão). Desde a análise das torcidas jovens organizadas (Buarque de Holanda, 2010) (Teixeira, 2003), do próprio início do futebol carioca na virada do século XIX para o XX (Pereira, 2000), bem como da cidade esportiva que o Rio de Janeiro foi se tornando (Melo, 2008) até a construção do Maracanã (Moura, 1998), um símbolo maior dessa associação, ou o que a melhor representa - no geral, talvez em pé de igualdade com a estátua do Cristo Redentor – a história da cidade parece se confundir com o esporte e arrisco a dizer com seus próprios aparelhos esportivos. Simas (2016), chega a expor o Maracanã como “a maior encarnação, ao lado das praias, de certo mito de convívio cordial, ao mesmo tempo sórdido e afetuoso, da cidade do Rio de Janeiro.” Ainda que esse convívio cordial seja relativizado nas experiências vividas dentro do estádio - como demonstra um discurso colhido a partir de uma entrevista especificamente em um jogo do Flamengo e que será demonstrada abaixo. Os espaços de convivência entre as diferenças de classe, por exemplo, podem ser interpretados como uma forma justamente da não convivência pacífica, ou melhor explicada, de uma impermeabilidade voluntária nos setores mais baratos ou mais caros dentro do estádio, mas a esse ponto reservamos um tratamento no capítulo seguinte. Voltando ao caso do convívio relativizado, no começo da pesquisa fui levado a participar de algumas experiências observantes em meio aos rubro-negros. Era comum ouvir de amigos torcedores que a torcida do Flamengo dentro dos estádios havia se “embranquecido”, termo que usavam para dizer que não haviam tantos negros dentro do estádio, a partir de um possível processo de modernização que levara a uma segregação. Esse tocante, dizia respeito diretamente a uma hipótese inicial por mim levantada. Foi então que frequentei, por algumas vezes, as arquibancadas do Maracanã em meio a torcedores rubro-negros. Buscava identificar torcedores que contradiziam o aspecto de “time do povo” ou “time das massas”, alcunha muitas das vezes colocada em questão, não só por adversários, mas por uma parcela dos próprios flamenguistas. De fato, a partir de uma observação local e espacial foi possível identificar um grande número de torcedores, que aparentemente não estavam ligados aos ambientes menos favorecidos da sociedade carioca. Em contraponto com reportagens fotográficas e vídeos que mostravam o estádio nas décadas de 1970, 1980 e mesmo 1990, as

arquibancadas do século XXI pareciam sim mais “embranquecidas”. Não só a torcida do “mais querido”, tricolores e alvinegros também passavam pelo mesmo fenômeno. Porém, como o meu despertar veio em direção a torcida rubro-negra, a princípio nela pus minha observação. Entretanto, seria necessário questionar os torcedores para peneirar dados mais concisos, sobre o processo que observava. Uma tarefa não muito fácil, pois exigiria uma pesquisa na área econômica para perceber a associação entre cor da pele, ganhos financeiros e classificação de classe social. Não havia tempo, muito menos uma equipe para isso.

Andando pelas arquibancadas – agora cadeiras numeradas – me aproximei de um grupo de torcedores que me chamaram atenção por vestir as antigas camisas da torcida “Charanga”, uma das primeiras organizadas do Brasil e muito reconhecida entre os antigos frequentadores do Maracanã e aparentarem a experiência da idade. Aqueles torcedores, não eram frequentadores ocasionais, possivelmente tinham história no estádio. Ao me identificar como um pesquisador a receptividade foi instantânea. Expliquei alguns motivos de estar ali e a primeira pergunta foi evidente, a ouvi muitas vezes durante as entrevistas. – Você torce pra quem? Algumas vezes omitia a resposta desconversando ou mencionando uma agremiação mineira. Em outras dizia a verdade, geralmente quando me sentia confortável para dizê-lo, ou percebia que a identificação não traria prejuízo a entrevista e conseqüentemente à pesquisa. Ali dentro, em meio à torcida, omiti. Mas Sr. Manoel, o mais experiente, logo entendeu minha posição. A minha pergunta foi simples e objetiva. – Essa é mesmo a torcida do Clube de Regatas do Flamengo? Sr. Osmar, de relance respondeu com uma dose de sarcasmo: - Não aparenta ser a do Vasco. Não é! Eu sorri e procurei detalhar. Logo, o próprio mencionou:

Ah! É. Mas pode olhar aí que tem muito tipo que não é torcedor de arquibancada. É isso que você quer saber?

- Tem pouco preto! (Completo Manoel) Olha aí. Eu vi no Globo Esporte isso aí, mas tem. É que não dá pra entrar de graça como era antes.⁴⁴

- Tudo aí é Flamengo p.... Claro que é. Mas tem mais gente de outra categoria (classe). Tem preto rico, preto pobre, branco pobre, da comunidade. Mas não está misturado. Pode pagar, vem. Pode pagar melhor vai pra lá (camarotes)

A fala dos torcedores parece demonstrar que nem todos os espaços estão destinados ao mesmo nicho social e a distinção começa justamente na precificação dos ingressos. Daí uma divisão daquilo que se pode pagar, ou não, para assistir a uma determinada partida. E isso se

⁴⁴ A reportagem mencionada não foi encontrada nos arquivos do programa esportivo.

percebe com a própria relação da renda, com a precificação do acesso e a ausência dos chamados ingressos populares – com preços baixos e acessíveis a qualquer faixa de renda. Um modo que fora abandonado pela administração privada do estádio.

Entretanto, o *espaço Maracanã* era de fato propício a uma determinada confluência dos indivíduos dentro da cidade do Rio de Janeiro. Esse espaço surgido da vontade política, mas também de uma parcela da sociedade carioca é parte simbólica, mas também prática, do convívio urbano na cidade. Mais que paisagem a ser olhada é aspecto do olhar e do prazer dos viventes. Em parte, experimenta-se, estando no estádio, a suspensão de determinadas categorias. Dentre elas a própria relação de classes. Parece contraditório, mas ainda que possa haver uma proibição subjetiva, através da precificação de ingressos, não é uma forma rígida e impermeável. A experiência em estádios nos mostra a possibilidade dos encontros das mais variadas diversidades. Por mais que as estruturas econômicas se esforcem pelo lucro extremo, se esquecendo das relações simbólicas entre os indivíduos, o esporte, o próprio futebol, as torcidas são capazes de uma reinvenção tamanha. Nesse espaço fechado, o estádio, a arquibancada, é que podemos observar “uma das características mais importantes do jogo (que) é sua separação espacial em relação à vida cotidiana.” (Huizinga, 2012)

2.1 A ideia do Estádio

O Colosso do Derby. Assim foi chamado o estádio municipal construído onde antes era o hipódromo fluminense. Após seu soerguimento a paisagem da cidade do Rio de Janeiro e também sua vida esportiva fora alterada de forma significativa. Entretanto, o estádio que outrora receberia a alcunha de “o maior do mundo” não surgiu no desenho urbano carioca do nada, muitos foram os debates, políticos e financeiros, em torno da sua construção.

A existência de um “estádio nacional” – como descreviam os jornais da época, o *Jornal dos Sports* era um deles – passava por questões de ordem maior ao futebol. Os discursos referentes à Copa foram primordiais, mas também o nacionalismo e um discurso da pátria desenvolvida eram pano de fundo ao convencimento da sociedade em geral e até da categoria política para a existência do estádio. Todo esse debate havia começado anos antes.

Já em 1938, Célio de Barros, fez a defesa da candidatura da cidade do Rio de Janeiro como possível sede da Copa do Mundo de Futebol de 1942 no XXIV Congresso FIFA, durante a Copa,

na cidade de Paris. O que não contavam é que a Segunda Grande Guerra eclodiria dali a poucos meses, cancelando o projeto brasileiro e retardando as competições esportivas mundiais; já que a próxima Copa só ocorreria 12 anos depois, com o fim dos conflitos e a resolução política que afastava a iminência de qualquer outra guerra no período subsequente. Voltando a propor a candidatura em 1946, um dos problemas para a continuação do projeto era a ausência de um aparelho capaz de comportar o evento. Comparado com a era dos megaeventos as competições de meados do século XX eram de certo modo acanhadas. Ainda sem a *glamourização*, a lógica do espetáculo e um maciço investimento do capital financeiro internacional. Tríade que só viria a ocorrer a partir dos anos 1980, já na era inicial dos megaeventos. As primeiras Copas do Mundo de Futebol tinham um público total que beirava 400.000 pessoas. Um número bem menor aos 3.178.856 que assistiram *in persona* a Copa do Mundo na África do Sul (2010). Podemos argumentar que o “mundo geográfico” é o mesmo, mas o “mundo” social e cultural é bem distinto quando separamos o tempo histórico. Graças a uma revolução produtiva, que Arrighi dá o nome de globalização a vida das pessoas foi afetada, inclusive nos processos sociais do deslocamento. Não só para assuntos econômicos, mas também para eventos culturais, como os eventos esportivos. A globalização separou com diversas fronteiras as populações e sociedades, mas também proporcionou uma aproximação que se fazia impensável no início do século. Por ora, as fronteiras espaciais tendem a ser mais permeáveis e de mais fácil acesso que anteriormente, afora, claro, a parte que diz respeito às migrações definitivas. Logo, os deslocamentos se tornaram amplamente mais fáceis e viáveis. As diversas tecnologias do século XIX em diante proporcionaram a aproximação das mais diversas culturas e sociedades. O transporte, sendo uma delas, disseminou a facilidade de se chegar aos pontos mais distantes, em apenas alguns dias ou horas. Aí a grande diferença de público em eventos historicamente distantes.

Para a realização da Copa do Mundo no Brasil seria preciso investimentos consideráveis na estrutura da cidade. O principal deles, um estádio. Mas haveria mesmo a necessidade de se levantar um equipamento em plena Capital? O primeiro debate sobre o estádio se deu no âmbito das reformas do já existente São Januário. Uma parte da imprensa esportiva mencionava em seus diários a viabilidade da reforma. O Jornal dos Sports escrevia não haver tempo para uma construção de algo “magno” como seria um estádio nacional. Logo, a viabilidade da reforma do já existente era a maneira mais prudente a proceder. Até então o estádio de São Januário, localizado

no bairro de São Cristóvão, zona central da cidade, era o maior. Com capacidade para 35.000 pessoas já abrigara eventos notórios, inclusive os discursos do outrora presidente Getúlio Vargas.

Popularmente conhecido como “Laranjeiras”, referência direta ao bairro que o abriga, o antigo estádio Álvaro Chaves, desde 2004 Manoel Schwartz, dividia com São Januário um aspecto de *locus* central esportivo da cidade quando o assunto era o futebol. Com capacidade inicial para 19.000 pessoas, sendo posteriormente acrescidos 6.000 lugares, o primeiro abrigou o campeonato sul americano de futebol, sendo palco da primeira conquista internacional da seleção brasileira. Já o segundo, abrigou em sua tribuna o presidente Getúlio Vargas que nela assinaria a Consolidação das Leis Trabalhistas. Entretanto, faltava um palco maior para o futebol carioca e nacional.

2.2 Surge o *Colosso do Derby*. O *Jornal dos Sports* e a campanha pelo Gigante.

A construção do estádio municipal, para a quarta Copa do Mundo de Futebol em 1950, gerou frenesi em parte da população carioca. Habituada com estádios que não ultrapassavam a capacidade de 35 mil pessoas – caso do estádio São Januário do C.R. Vasco da Gama, situado no bairro de São Cristóvão, e até o ano seguinte a sua inauguração o maior da América do Sul e o Estádio Manoel Schwartz – *a priori* nomeado como Álvaro Chaves –, com capacidade em torno dos 19.000 espectadores, situado no bairro das Laranjeiras e de propriedade do Fluminense Football Club, ter um local com a capacidade acima de 100 mil lugares e um aparelho similar as grandes obras da história seria uma característica ímpar de uma cidade que naquele momento já era considerada uma cidade esportiva. Até aquele momento algumas regiões da Zona Sul e o bairro de São Cristóvão tinham um papel fundamental, para além das praias cariocas, na construção da cidade esportiva. Jesus (1999) demonstra o caráter simbólico que o bairro de São Cristóvão possuía em relação à cidade. Se por um lado o bairro das Laranjeiras foi sede de um campeonato Sul-americano de futebol em 1919, a zona norte sediou pelo período do governo de Getúlio Vargas os discursos do então Presidente à classe trabalhadora. Na localidade onde foi construído o estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama a importância de localização próxima ao porto contava como fator pela proposição em se reformar o aparelho esportivo em detrimento da construção de um novo estádio. Além disso o respectivo bairro possuía uma boa avaliação entre a aristocracia da época, antes de se tornar um bairro operário com o crescimento dos trabalhos portuários e a industrialização de determinadas áreas na cidade do Rio de Janeiro.

Em novembro de 1947, após muita discussão entre políticos que defendiam a edificação do estádio e outros com argumentos que expunham a necessidade de investimento em outros setores, como saúde e educação, a Lei nº 57⁴⁵ autorizou as obras e deu outros provimentos em relação a construção do Estádio Municipal. No centro da disputa político-argumentativa sobre a viabilidade do estádio se encontrava a esperança e o otimismo econômico de um país que caminhava no processo mais acentuado de industrialização, desde os anos 1930, e da ampliação das áreas urbanas. Incentivando, dessa maneira, o êxodo de populações antes concentradas no campo, praticando a agricultura, em direção tanto às capitais quanto a cidades interioranas, mas concentradoras de grandes indústrias do setor de mineração, metalurgia e siderurgia⁴⁶. Política conhecida pelo viés desenvolvimentista em setores ligados à economia, na cultura, o projeto também se mostrava forte e eficiente no convencimento das esferas do poder tendo como principal defesa o agente civilizador que o esporte imprimiria nas sociedades que nele investiam. Esse argumento, como demonstra Jesus (2014), estava em consonância com as políticas nazifascistas, principalmente no tocante à construção de um nacionalismo higienista e voltado para as massas. Também de educação dos corpos num processo civilizador dos hábitos. Entre eles, estava a prática esportiva como inserção da vida moderna das cidades. Contudo, a prática esportiva não foi inserida de forma passiva na vida da cidade e dos indivíduos. Melo (2015) demonstra as tensões ocorridas nos anos 1920 entre a noção de que o “esporte poderia ser uma verdadeira instituição redentora de nosso país”, defendida por Arthur Neiva, um renomado médico, e a crença presente em “*O sport está deseducando a mocidade brasileira*” livro publicado por Carlos Sussekind de Mendonça em 1921, defendendo através de argumentações científicas, a exposição da juventude a um esforço

⁴⁵ A Lei nº 57, de 11 de Novembro de 1947, foi sancionada pelo prefeito Ângelo de . Autorizava a prefeitura do Distrito Federal a proceder na construção de “um grande Estádio Municipal e cinco outros pequenos estádios: 2 ao longo da linha da Central do Brasil; 2 ao longo da linha da Leopoldina e 1 entre a linha Auxiliar e a Rio Douro”. Autorizava ainda o poder público a fazer as desapropriações necessárias para a construção dos estádios e também a “emissão de títulos para a criação de fundo visando a construção”. Assegurava-se ao portador o direito a uma cadeira numerada de modo vitalício. Essas cadeiras ficaram conhecidas como “cadeiras perpétuas” e quando da última reforma do Estádio para a Copa de 2014 uma contenda foi criada entre o consórcio que administra o Maracanã e os proprietários/herdeiros desses títulos. Aos últimos foi assegurado pela justiça seu direito já adquirido.

⁴⁶ Caso emblemático é o da cidade de Volta Redonda, criada a partir da construção de uma das maiores siderúrgicas da América Latina; a CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) foi inaugurada em 1946 pelo então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, mediante uma decisão técnica e política ocorrida cinco anos antes no governo de Getúlio Vargas. O vilarejo de Santo Antônio de Volta Redonda foi escolhido pois atendia às exigências técnicas necessárias a obra - um terreno plano ao lado do Rio Paraíba do Sul - e também aos meandros da política, pois, sua localização facilitava a chegada tanto a cidade do Rio de Janeiro quanto a São Paulo. Após a implantação da indústria muitos foram os homens - saídos principalmente do interior de Minas Gerais - que iam para a cidade tentar a vida na indústria. Ver Graciolli, 2009.

fatigável e prejudicial ao corpo. Logo, o que viria a se tornar a cidade *sportiva* passaria por delongas em vários aspectos no tocante a inserção não só dos esportes, mas também das modificações que a cidade sofreu e que proporcionaram tal fato, mas também na própria alocação e construção de aparelhos esportivos e acesso a determinados ambientes propícios às práticas desportivas.

No Rio de Janeiro, as tais reformas urbanas, ganham importância através dos atos de Francisco Pereira Passos, nos anos iniciais do século XX juntamente com o Presidente Rodrigues Alves. A historiografia que trata desse período, hoje faz menção a junção de ambos os projetos de modernização da *urbe*⁴⁷. O prefeito que fora celebrado como um Haussmann tropical – este responsável pela modernização da cidade de Paris, na França –, proporcionou através de projetos de uma comissão federal da qual viera a fazer parte, o encontro com a orla marítima de uma população que até então não tinha hábitos esportivos nas areias das praias cariocas, exceto quando a sugestão médica indicava banhos marinhos para a remediação de doenças como as de pele, por exemplo. Vale ressaltar que as intenções dos governos federal e municipal ao alterar o espaço urbano da cidade tinham motivações não somente geográficas, mas a mudança de alguns “maus” hábitos dos próprios indivíduos. Como viu de perto a experiência do prefeito parisiense e havia se formado em Engenharia na França, Pereira Passos foi tido como uma alternativa para a aplicação de um processo civilizador em terras brasileiras. A civilidade passaria pelo aspecto higiênico, mas também pela proposta de retirar o “ranço” de um período escravista, de suposto atraso humano, político e contra moderno. Assim desfazer as nuances coloniais e portuguesas da outrora capital federal era provas de problemas a serem superados. Tanto o governo federal quanto Pereira Passos à frente da prefeitura, fizeram questão de implementar determinadas mudanças na estrutura espacial da cidade a fim de promover a cidade moderna. Porém, tanto no Rio quanto em Paris as chamadas modernizações tiveram seu aspecto amplamente autoritário e contraditório, senão antipopulares, refletido no fim ou na diminuição drástica de espaços populares – as moradias, por exemplo – que se localizavam nos centros das cidades, muito próximas às áreas de trabalho de uma população carente de recursos financeiros e contrastantes com a imagem aristocrática e culta que se havia de construir nesses espaços. Vale mencionar que a primeira grande modificação, ainda

⁴⁷ Não é nossa intenção, nem nosso tema específico, tratar as reformas da cidade realizadas nesse período. Coube apenas mencionar tais acontecimentos por entendermos que a época foi importante para a consolidação do Rio de Janeiro como uma cidade esportiva.

que simbólica em um primeiro momento, mas significativa ao longo do XIX, ocorreu com a vinda da família real. Saída de Portugal devido aos conflitos europeus ocasionados por Napoleão, a estrutura da cidade, que antes era acanhada em relação a movimentações populacionais e os arranjos espaciais, que refletiam a ausência de uma antiga política urbana, foi de fato alterada (Melo, 2007). Um exemplo foi que “a população do Rio de Janeiro teve um aumento espetacular, passando de 60.000 habitantes, em 1808, para 250.000 em 1870” (Abreu apud Campos, 2007). Um crescimento exponencial considerável fazendo com a cidade tivesse um de seus primeiros *boom* demográficos e conseqüentemente requeresse da administração pública um novo rearranjo de suas políticas para seus habitantes.

Pereira Passos e Rodrigues Alves promoveriam, então, uma segunda onda de grandes movimentações em uma parte da cidade, o que indiretamente afetaria outros pontos da *urbe*, pois, com a retirada de moradores para outros espaços estes foram construídos e ganharam utilização por essa parcela afetada pelos atos dos governos municipal-federal. Desde os projetos de alargamento das ruas, até a construção de um teatro, da retirada de morros, cortiços e prédios, que conseqüentemente deram origem às primeiras favelas cariocas uma determinada parte da sociedade se viu obrigada a resignificar sua vida. A cidade do Rio de Janeiro no começo do século XX partia em direção a modernidade e isso também dizia respeito a concretização da vida esportiva nesse espaço. O historiador Nicolau Sevcenko (1992) ao analisar a São Paulo dos anos 1920, numa perspectiva de transição cidadina entre o moderno e o modernista, vem argumentar que as pessoas da cidade passavam por uma condicionalidade até a vida moderna e estava inserida necessariamente pelo universo esportivo, cultural, participativo. Agitados anos, onde a produção de uma vida ativa da cidade traçou não só determinados perfis espaciais da cidade, como os próprios perfis de determinadas parcelas da população, que naquele instante, viviam em uma “cidade fremente”. Fosse o “Carnaval do Brás, fosse o de rua ou o popular Teatro Colombo” ou as partidas do Palestra Itália, eram dominados “pelo estilo festivo dos imigrantes italianos mais humildes”.

A criação do Rio de Janeiro como uma cidade propensa ao esporte, uma cidade tipicamente *sportiva* está diretamente ligada à naturalização desta atividade como se fosse inerente ao espaço geográfico da urbanidade. Mas essa própria invenção tem seu histórico ligado a esses momentos da vida imperial e neorrepública. Ou melhor, da postura adotada pelos governantes e por uma parcela que tendia a construir tal aspecto através da linguagem comunicacional, por exemplo.

Outro ponto importante na compreensão da concretização da prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro diz respeito a alguns aspectos levantados por Jesus (2014). A capital federal propiciava um ambiente que favorecia às práticas, reproduções e imitações dos hábitos europeus, tidos como civilizados. Práticas e costumes de uma sociedade desenvolvida que buscava se distinguir pelo *status* e pelos gestos das camadas mais baixas da população. Como demonstra Norbert Elias (1993), tais procedimentos nasceram na aristocracia absolutista europeia, não só na francesa que à época era a mais rica, mas na grande maioria das cortes do “velho mundo” a partir da observação das outras “pessoas de distinção” que “dominavam a civilidade”, através daquilo que o sociólogo chamou de “intercâmbio social”. As reformas urbanas de Pereira Passos e Rodrigues Alves iam no sentido de (re)construir a cidade a partir dessa *Belle Epoque* tropical. Tal reforma facilitou, inclusive a chegada à orla marítima o que por si leva a um segundo ponto, já mencionado aqui, ao qual Jesus chama de “dessacralização dos espaços públicos”. Contrária ao domínio e o controle religioso desses espaços públicos, o momento de uma nova conduta humana nesses espaços, propiciada pela facilidade do encontro com os lugares, levaram a grande excitação quanto à essas novas formas de conduta na cidade (Berman apud Jesus). Ela ligada a prática esportiva. E essa prática tinha que atender a todas as populações da cidade, até aquelas que de alguma forma foram segregadas. Com o crescimento da população na capital a necessidade do esporte entretenimento para esses nichos estava posto.

Melo (2015) levanta a questão do esporte na cidade tendo como base o turfe, o remo e só posteriormente o futebol como esportes que consolidaram a cidade do Rio em sua “vocaçãõ” esportiva. Sua hipótese pela preferência no turfe se baseia na história da colônia-império, onde os cavalos tinham profunda importância no cotidiano de grande parte dos indivíduos. Seja no aspecto da mobilidade, seja na economia esses animais foram logo inseridos no âmbito do jogo, na disputa entre os páreos que representam as rivalidades e as vontades de vencer do homem sobre o homem⁴⁸. Já o remo aparece como uma vocação própria de uma cidade desenvolvida, em seus primeiros anos, próxima ao mar, mas que tem o acesso ao mesmo, um pouco restrito, muito pela

⁴⁸ Quando as Ciências Sociais se debruçam sobre as disputas esportivas, sobre o jogo, há inúmeras pesquisas que fazem desse ritual a interpretação dos totens representando os indivíduos. Uma leitura baseada em Émile Durkheim no texto clássico “Algumas formas primitivas de classificação”, publicado no Brasil em 1963. Outra interpretação se faz muito útil a partir dos estudos de Clifford Geertz (1989) sobre as brigas de galo em Bali. Para Geertz são os homens que se enfrentam tendo suas emoções, esforços e apostas voltadas às disputas, muitas das vezes sangrentas, de seus galos. Quando transpomos ao universo do futebol, mas também do esporte em geral, essa tendência teórica de Geertz, se torna uma leitura muito próxima da guerra encenada, da violência simbólica da qual falam Elias e Dunning (1985), sobre a “competição entre Estados”.

religiosidade de sua população tipicamente católica, como argumenta Jesus (2014) que ainda demonstra, por exemplo, que o futebol só ultrapassa os dois primeiros esportes após a década de 1910. Muito pelo fato dos times de futebol dos clubes cariocas surgirem nesse período. O Fluminense Football Club surge em 1902, o Botafogo Football Club em 1904 – embora o clube tal como o conhecemos hoje, tenha se iniciado em 1942 com a fusão com o Club de Regatas Botafogo, ambos com sede no bairro homônimo –, o Bangu Athletic Club e America F.C. também em 1904, o futebol do Clube de Regatas do Flamengo em 1911 – até então o clube mantinha seus interesses no remo, esporte de grande preferência entre os cariocas e da própria diretoria do clube. Tanto que a fundação do departamento de futebol surge sem muita simpatia por parte dos diretores e dos próprios atletas do remo –, o Clube de Regatas Vasco da Gama após experiências nos gramados sem levar o nome do clube, decide se fundir a outro clube de futebol, de imigrantes portugueses, o Luzitânia F.C. e somente em 1915 inicia seu departamento de futebol. Esses eventos, juntamente com a organização dos clubes em ligas e campeonatos, justificam a passagem do futebol ao longo das primeiras décadas do início do século XX como o esporte que vai ganhando a preferência da população carioca. Visto que os primeiros 50 anos daquele século foi um período de efervescência esportiva, na cidade do Rio, que embora ganhasse contornos de muita atividade esportiva faltava, entretanto, um aparelho esportivo que refletisse a “grandiosidade” da cidade e um evento que justificasse sua construção. Com a Copa do Mundo de 1950, esse seria o evento que combinaria as pretensões estatais quanto a dos setores comunicacionais. Portanto, uma discussão sobre a construção de um estádio no município do Rio de Janeiro ganhou ênfase nos setores jornalísticos, mas toda a discussão não passou imune à opinião pública. Indivíduos não ligados diretamente às esferas de poder foram convidados a opinar sobre a construção ou não do estádio. Como mostra Moura (1998) uma pesquisa do *Jornal dos Sports*, principal periódico esportivo carioca da época, “o mais antigo, mais completo e de maior circulação da América do Sul”, de acordo com o próprio editorial, dividiu os participantes em duas categorias, os “aficionados” – entrevistados em estádios de futebol -, e o “povo em geral”. Respectivamente 95% e 75% dos entrevistados apoiavam a construção de um novo estádio no Distrito Federal. Moura também mostra que até mesmo uma pesquisa sobre a localidade da construção foi promovida, já que esse era outro debate entre os políticos. Para alguns, Carlos Lacerda, por exemplo – que a princípio de posicionou contrário -, seria interessante a construção abranger não só um estádio, mas um parque de eventos esportivos a ser localizado em Jacarepaguá. Outros afirmavam a

importância da centralidade da construção, sendo o antigo Derby Club o local preferido, tanto por sua localização quanto pela resolução de problemas urbanos, como os constantes alagamentos da área. Os comunistas do PCB deram apoio a Ary Barroso, representante da UDN, mas em contrapartida exigiram a construção de pequenos estádios nos subúrbios do Rio de Janeiro, principalmente em direção à Zona Norte, Jacarepaguá, por exemplo, algo não cumprido. Um estádio que pudesse concorrer e superar o estádio municipal paulista do Pacaembu, na defesa de Mário Filho, pela importância e liderança que o Rio de Janeiro exercia no país. Argumentava o jornalista:

Se temos a cidade mais bonita do Brasil, com o Pão de Açúcar, Cristo Redentor, Lagoa e Copacabana, também vamos ter o monumento do futebol, o estádio do Maracanã.

No discurso, o Estádio Municipal é colocado em pé de igualdade com as maiores belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro e feito justamente no contexto de rivalizar com a cidade de São Paulo, que naquele momento já possuía um aparelho esportivo destinado ao futebol, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, apelidado de Pacaembu em referência ao bairro homônimo e inaugurado em 1940.

O jornal de Mario Filho foi considerado pelos estudiosos da imprensa brasileira o mais importante veículo esportivo até o término de suas atividades nos anos 2000. Seja pelo longo período de atividade, seja pela vasta dedicação a todos os esportes e não só exclusivamente ao futebol. Décadas antes já havia começado a concorrer com outros jornais e claramente com um novo modelo de jornalismo impresso que não se comparava mais aos anteriores modelos de comunicação dos anos 1980, 70 e 60, períodos considerados gloriosos do jornal, pelos especialistas e membros da equipe do *JS*. Mario Rodrigues Filho, um “carioca” nascido no Recife, por muitos estudiosos é considerado grande “inventor das tradições”⁴⁹ quando o assunto é a vida esportiva na cidade do Rio de Janeiro. Ao adquirir o jornal de Argemiro Bulcão, em 1936, e começar assim a assinatura como diretor no número 2.171, edição do mês de outubro, realiza ao longo de sua administração modificações consideráveis na estrutura jornalística do periódico, como as tirinhas feitas por “De Otelo”, com suas personagens Almirante, Corvo, Popeye e etc. que retratavam as

⁴⁹ Cf. Eric Hobsbawm (1997). O historiador inglês determina algumas características para figuras, instituições e veículos capazes de movimentar uma determinada crença que se não existente, torna a existir a partir de fatos historicamente constituídos, ou aquelas “que parecem ou não consideradas antigas (mas) são bastante recentes, quando não inventadas.”

histórias momentâneas, os jogos e a política interna dos clubes cariocas a partir de suas mascotes, ou os concursos para participação da população como os da “Rainha dos Sports” ou a eleição dos melhores em algum esporte – a escolha de um pugilista, por exemplo. Embora a curto prazo a única modificação relevante tenha ficado por conta da presença de alguns colunistas nas páginas do jornal, essa interação entre o jornal e seus leitores contribuiu para o notável interesse da população com o veículo que, à época, custava em edição avulsa 100 réis. Até o ano de 1936 o salário mínimo não era regulamentado, o que ocorreu exatamente no ano em que Mario Filho assumia a direção do *JS* - antes era colaborador, o que lhe permitiu grande conhecimento da estrutura e dos contatos que do jornal. O primeiro valor – regulado pelo Decreto 2.162 de 1940 – dependia da região e no Rio correspondia a 240 mil réis. O jornal custava bem menos que isso. Embora, saibamos que o número de pessoas que ganhavam o mínimo era muito pequeno e as regulações iniciais da época não garantiam o ganho real.

Após esse breve parêntese sobre a cidade *sportiva* e algumas conjunturas, voltemos à temática do estádio municipal e o debate na sociedade carioca sobre sua construção, mas ainda manteremos a importância do *JS* no debate com a sociedade.

Com a construção do estádio municipal aprovada, a obra custaria, ao final, Cr\$ 350 milhões⁵⁰. Para além dos preparativos do grande evento de 1950, se iniciava a proposta de um legado aos cariocas e ao Brasil – uma sociedade desenvolvida e civilizada a partir da iniciativa esportiva⁵¹.

A população carioca se viu pronta a ter em mãos o maior estádio do mundo além de sediar um grande evento esportivo em momento onde o Brasil caminhava na consolidação da identidade futebolística como um dos maiores símbolos da nossa nacionalidade. Notável foi o papel da mídia impressa da época. O já citado *Jornal dos Sports* fazia coro na construção do estádio como se fosse um bem a ser apropriado por cada indivíduo carioca. Personalidades importantes da época, como Vargas Netto, Ary Barroso e Mário Filho, tornavam públicas suas opiniões em prol do estádio. Um estádio do povo “nos dizeres de Mário Filho: ‘O estádio municipal será menos da prefeitura que do povo. É o povo que quer (...)’”.

⁵⁰ Com as devidas conversões o valor da época chegaria a R\$ 235 milhões. Na última reforma do estádio para adequação aos padrões FIFA, o valor apresentado ao final foi de pouco mais de R\$ 1 bilhão. Sua construção entre 1947 e 1950 gastou cerca de ¼ do valor empregado nas reformas.

⁵¹ No pós-guerra a iniciativa de utilizar o esporte como processo civilizador foi ainda mais disseminado, de modo diferente daquele primeiro momento onde o nazi-fascismo recorreria à construção do indivíduo puro e forte.

Todo esse coro começou a surgir nos editoriais do próprio ano de 1947. As manchetes ora ganhavam destaque na capa do jornal, ora existiam em pequenos comentários, mas todos com uma continuação nas páginas 4 ou 6. Tanto o leitor podia simplesmente ler as capas ao passar por uma banca, ou também adquirir o exemplar e acompanhar o desenrolar das notícias. Geralmente conclamando no discurso a participação da população na aprovação da obra, da construção e da compra de determinados espaços do futuro Estádio Municipal.

Na edição de número 5.576, de 23 outubro de 1947 a capa estampava: “Na mesa da Câmara Municipal o substitutivo do projeto do estádio”, no mesmo quadro o editorial reclamava a inércia da casa em discutir o Projeto 161 no plenário, às vésperas do recesso dos vereadores. O respectivo projeto dava ao prefeito a autorização de construir o Estádio Municipal “em terreno que mais consulte o interesse da população” – como futuramente detalhado no Diário Oficial de 26 de maio de 1948 –, seguindo os passos necessários, como um anteprojeto, abertura de licitações e etc.; contudo, ao que demonstra o editorial houve um atraso significativo nos trâmites internos impetrada através de uma questão de “ação obstrucionista partida de quatro representantes cariocas – *apenas quatro*” (grifo nosso). O texto reflete um incômodo notável por parte do redator e claro do próprio jornal, ao mencionar que a ação foi feita por apenas quatro pessoas contra o que seria uma obra de toda uma sociedade. Continua dizendo subjetivamente que a ação parecia improcedente, “roubando assim precioso tempo para a realização do empreendimento”. Daí o texto parece convocar os vereadores a se movimentarem na discussão “a fim de que seja aprovado ainda nesta legislatura o Projeto 161”. O substitutivo em questão visava separar as atribuições do Legislativo e do Executivo quanto a suas responsabilidades perante a realização da obra. Cabia ao prefeito dar autorização para o início das obras, mas aos vereadores o aval primeiro ao Executivo. Nesse meio, surgiram boas divergências entre os membros da câmara, uma delas versava sobre a necessidade da reforma de outros espaços no entorno do terreno do *Derby Club*. Porém sete dias após o editorial citado acima, precisamente em 30/10/1947, o editorial de capa estampava em letras garrafais “Agora, à grande obra!”. Ao leitor o recado dava a entender que as obras para a construção do Estádio Municipal iriam se iniciar. No do editorial, o jornal louvava os vereadores que se debruçaram sobre o projeto e fizeram dele prioridade. Dizia o editorial:

Desempenharam-se, afinal, os representantes cariocas, da importante tarefa que lhes havia sido cometida *pelo povo brasileiro em geral* (grifo nosso) de autorizarem ao Executivo da Capital da República erigir um grande Estádio e outras cinco praças esportivas nos

subúrbios, atendendo assim, por esmagadora maioria ao insopitável movimento da opinião pública que se formara em torno do assunto.

Vale ressaltar que o discurso, causa ênfase no leitor ao perceber da escrita que a tarefa do Legislativo quanto ao seu papel de aprovar e autorizar a construção foi outorgada pelo próprio “povo brasileiro” através de uma “opinião pública” que além dos estádios ansiava por outros locais de prática esportiva nos subúrbios. Lembraremos que em parte essa era uma das reivindicações de vereadores como Carlos Lacerda e Luiz Pinheiro Paes Leme (UDN). Ambos só se renderam ao projeto de construção após algumas cessões dos proponentes, mas exigiam contra partidas e a construção de pequenos estádios nos subúrbios cariocas era uma delas. Paes Leme é citado nesse editorial de 30 de março, onde encontram-se valorizações tamanhas para com os desejos das camadas populares em ter um grande estádio e outros locais para a vida esportiva. O discurso do redator parece expor toda esse clamor e sentimento dos que esperavam pela aprovação. Segundo o texto, o vereador agiu bem, dando a

democrática demonstração de que bem sabe medir os anseios e aspirações de todas as camadas populares, que tendo no esporte o único derivativo para as agruras da vida atual, estavam sendo obstadas, todavia, de levarem avante, à sua própria custa tal iniciativa, pela obstinação de meia dúzia – este exatamente o número de vereadores que votaram contra o Estádio. (30/07/1947)

Ainda no número 5.581, à página 4, estava reservada à conclusão da matéria de capa. Um subtítulo deixava claro a intensa propaganda do jornal até o ápice aprovação do projeto. “Júbilo entre todas as camadas do povo” era o título que concluía a matéria. Segundo o jornal, após a aprovação da Câmara, muitas foram as “manifestações de júbilo” de “todas as camadas”, e que após aquele passo, o vindouro seria o alcance do montante financeiro para a obra. Interessante dizer que uma das frases do jornal é que a população deveria ter “esforços próprios”, juntamente a uma campanha do Executivo Municipal, para que a obra do Estádio fosse iniciada e concluída.

Após o “júbilo” da aprovação o *JS* continua intensamente o acompanhamento da situação. Em 12 de novembro aparece em destaque na capa da edição 5.592 a expressão “batalha do Estádio”, ela seria utilizada em muitas outras edições comparando a construção do estádio a uma guerra. De fato, analisando as reportagens não parece ter sido, à época, uma tarefa fácil. Ela requereu um intenso esforço das mais diversas esferas interessadas e um trabalho exequível por parte do principal veículo da imprensa esportiva carioca. Mario Filho e sua equipe não pouparam

esforços para disseminar a ideia positiva e viável de se ter um imenso estádio de futebol para os cariocas e como isso poderia melhorar não só a vida esportiva da cidade, mas também a própria qualidade do futebol e dos clubes. Voltando a edição acima citada ela relata nada mais que o próximo passo dado após a aprovação da Câmara dos vereadores ao Projeto 161 e seus adendos que autorizava a prefeitura a construir o Estádio Municipal. “Tudo pronto para a ‘Batalha do Estádio’” assinalava que a assinatura do prefeito Mendes de Moraes ocorreria dali a dois dias. Numa sexta-feira, 14 de novembro, às dezessete horas e trinta minutos na sede da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), que tratou de organizar uma grande solenidade para comemorar tal feito, “sendo convidados as altas autoridades do país e as mais representativas figuras do esporte assim como jornalistas e esportistas em geral.” A justificativa, segundo o *Jornal dos Sports*, para tal empenho da CBD em realizar um aparato festivo de grande porte, incluindo cobertura jornalística, por ser “importante [...] tal passo para *os esportes nacionais*” (grifo nosso). Ou seja, recorria-se inclusive à justificativa do interesse e dos resultados no âmbito nacional ao se ter um aparelho esportivo de ampla magnitude na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil. Além disso, a motivação maior se dava por em menos de dois anos ocorrer o maior evento de futebol existente até o momento e ainda hoje. Já no sábado posterior à assinatura, os principais jornais brasileiros noticiavam o fato. O *Jornal do Brasil* reservou um espaço nas “Notas Esportivas”, com a cobertura do evento ressaltando nas primeiras linhas a chegada do prefeito,

General Mendes de Moraes (que) passou a ocupar o lugar de honra à mesa, ladeado pelos Srs. Mario Polo, presidente em exercício da C. B. D. , Dr. João Lira Filho, Secretário de Finanças, o General Franklin Rodrigues, diretor da Escola Técnica do Exército, Sr. João Borges Filho, presidente do Jockey Club Brasileiro, Dr. Jurandir Lol, presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva e Dr. Célio de Barros, presidente da Associação de Cronistas Desportivos.

As grandes “personalidades” burocráticas do esporte carioca estavam reunidas para abrir os procedimentos técnicos para alavancar a construção do Estádio Municipal e assim dar prosseguimento ao evento que se realizaria em 1950. Alguns discursos foram realizados, como o de Ari Barroso que se fizera presente, como representante da Câmara. O jornal *Correio da Manhã*, em edição do dia posterior, mencionou a “beleza” do discurso do vereador em que o mesmo reforçou o

trabalho que teve para empurrar o projeto para frente, dizendo que o povo espera que o general Mendes de toque para frente a construção *porque o povo já está farto de assistir jogos nas arapucas que temos por aqui com pomposos nomes de praças de esportes*⁵².
(grifo nosso)

Também o do próprio prefeito foi em parte transcrito pelo *Jornal do Brasil*. Em sua fala realçou a importância da decisão da Câmara em autorizar a construção, ressaltando a “renúncia do interesse próprio” realizada pelos membros do legislativo. Através do “conhecimento das realidades comuns, que a vida distribui aos que procuram camerar o senso do dever, evidenciava a falta de um estádio público na capital do país, compatível com os assinalados índices de cultura do povo carioca.” Interessante tal discurso, pois, colocava em cena a falta do estádio na capital recorrendo ao alto nível de cultura do povo carioca, que seria merecedora de mais um aparelho cultural e citava posteriormente o Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, que havia se sensibilizado com a causa do Estádio e assim, compreendido que naquele empreendimento “seu nome estará para sempre vinculado.” O prefeito, em consonância com os discursos de Mário Filho no *JS*, também ressaltava a importância e a legitimidade do projeto, pois este estava apoiado na vontade popular e no seu merecimento em ter esse Estádio. Explanava aos presentes: “é notável que o povo carioca ainda não dispõe do Estádio que merece”, “não entra em linha de conta apenas o programa influenciado apenas pelo julgamento exclusivo do administrador, prevalece, na conta o reclamo do povo.” E como era de suma vontade popular a construção do Estádio Municipal, o povo também deveria se esforçar para “construí-lo”. Justificava o administrador público a construção “ao reclamo da Cidade” e a utilização dos recursos públicos destinados não sofreriam comprometimento com as obras necessárias, solicitava que além dos investimentos federais e municipais o povo também dispusesse de seus recursos para auxiliar na empreitada. Pois,

a partir desse instante a execução do empreendimento crescerá na base da solidariedade moral e da cooperação material [...]. O estádio será do povo e se levantará mais rapidamente quanto mais se intensificar sua vontade de construí-lo.

⁵² Evidente que o discurso do vereador Ari Barroso é uma crítica aos estádios que até aquele momento existiam na cidade do Rio de Janeiro. Claro que nenhum deles possuía as estruturas físicas e até mesmo simbólicas que se pretendia no novo Estádio Municipal. Na presente data a cidade do Rio contava com cerca de 7 estádios (São Januário – Vasco; Álvaro Chaves – Fluminense; Aniceto Moscoso – Madureira; Mourão Filho – Olaria; Gávea – Flamengo; Leônidas da Silva – Bonsucesso e Figueira de Melo – São Cristóvão). Todos com capacidade de público pequena em relação ao que teria o Estádio Municipal.

Encerrando seu discurso, o prefeito procura ainda reforçar a confiança, sacrifício e a renúncia para que o êxito na construção fosse alcançado. Essas palavras foram dirigidas tanto aos políticos que se encontravam à sede da CBD, em que “perdura o espírito da renúncia e do sacrifício de muitos [...]”, como também aos desportistas “que têm a consolência de que não se constrói a vitória sem base no sacrifício e na confiança” e por fim conclamava seus pares para que daquele momento em diante “abandonemos os trabalhos de gabinete e marchemos ao terreno, em busca da realidade.”

As edições subsequentes do *Jornal dos Sports* trataram de todo o processo administrativo da construção e o acompanhamento das obras, que logo se iniciariam. Uma Comissão Executiva foi criada com membros das áreas política, administrativa e técnica e diretamente ligada e subordinada ao gabinete do prefeito Mendes de Moraes. A atividade da Comissão, presidida por Herculano de Gusmão, coronel próximo a Mendes de Moraes, era a de dar andamento em tempo hábil para a construção do Estádio Municipal. Uma das próximas etapas da “Batalha do Estádio”, como o editorial do *JS* fazia questão de mostrar, seria a abertura de um concurso para a escolha do anteprojeto de construção civil e engenharia, mas, enquanto isso, a preparação do terreno do *Derby Club* estava à beira do início tanto que a edição de 27 de novembro de 1947, anunciava “a mole de cimento que se erguerá até 1950 para abrigar as 160.000 pessoas que assistirão à solene abertura”, para dali a poucos dias como sendo o “Primeiro marco de alvenaria na Batalha do Estádio”. Parecia, portanto, se concretizar a “vitória final” no processo de construção do Estádio Municipal, tornando assim o “sonho”, “realidade objetiva”. Na mesma edição há uma chamada em destaque de capa e concluída na página 4 do jornal. Por um lado, havia a crença de que a Copa de 1950 estava se tornando realidade para o Brasil e para o Rio de Janeiro, como refletia o fato de um estádio sendo construído na cidade para esse fim. Por outro lado, “não acreditam os uruguaios na ‘Copa do Mundo’ em 1950”. A reportagem contrastava com todo o histórico positivo que o jornal levantara, até então, em suas reportagens, quanto à realização do evento e de certa forma possuía um “quê” de impactante, pois, o selecionado celeste era naquele momento um dos mais importantes tanto no futebol mundial, mas também sul-americano. A seleção celeste já havia conquistado oito Copas América, dois ouros olímpicos (daí viera o apelido *celeste olímpica*) e a Copa do Mundo de 1930. Não era uma opinião a desprezar. Mas o imbróglio estava causado, não só com a federação uruguaia, mas também muitas das europeias. O fato se dava, pois, as federações nacionais achavam o valor para a disputa dos tentos alta em relação aos valores pagos pela

participação. Um bom exemplo desse fato é demonstrado por Proni (2000). Na primeira Copa do Mundo de 1930 no Uruguai, a seleção inglesa não aderiu à participação alegando que os custos com viagem, hospedagem, alimentação, treinamentos e etc. seriam muito elevados e não valeria a pena atravessar o Atlântico para a competição tamanha duração da viagem, “15 dias para ir, 20 para a disputa, mais 15 para voltar”. Mas o pano de fundo para toda essa problemática se dava pela adoção ou não do profissionalismo em detrimento do amadorismo entre os jogadores e os clubes⁵³. A seleção uruguaia seguia o mesmo raciocínio que os ingleses tiveram em 1930, mas como mostra o editorial do *JS*, a própria FIFA instituiu determinadas regras a partir da “Lei de Indenização” – da qual os uruguaios pretendiam uma revisão dos valores – a garantir a participação fora das fronteiras dos convidados. Porém, o debate foi superado, o Uruguai participou do campeonato de 1950.

Voltando à construção do estádio, enquanto as reportagens dos jornais davam quase que diariamente as notícias do andamento dos processos burocráticos e também da obra, a população da região via as modificações de perto. O antigo *Derby Club*, um grande descampado com a marcação da pista não possuía a estrutura imponente que seria erguida para o Estádio Municipal. Várias casas baixas rodeavam a área do *Derby* (foto 4), juntamente à estação ferroviária. Quando os trabalhos se iniciaram entre o fim de novembro e meados de dezembro aparece em matéria de capa do número 5.621 a descrição do que ocorria no terreno do *Derby*. Análises topográficas, medições e correções do terreno, ações típicas da engenharia. Mas o que ressaltamos é a empoção demonstrada nos discursos dos editoriais. A cada matéria aparecem escritas que lançam a impossibilidade do retrocesso da obra e a derrota do projeto que pretendia barrar a construção do Estádio Municipal. Nesse editorial, de 16 de dezembro surge no jornal a palavra colosso, para designar a magnitude da obra que se iniciara. Logo, a alcunha *Colosso do Derby* ganharia as páginas do *JS*, a ponto de ser esse o primeiro codinome do estádio. Parecia não ter havido, até o momento, obra que necessitasse de tantos cuidados técnicos, como aquela. “Algo de absolutamente inimaginável o que serão os cálculos de uma obra do porte do Estádio Municipal”,

⁵³ Não entraremos aqui no debate e explanação dessa questão, mas vale mencionar que devido ao processo de transição do amadorismo para o profissionalismo as seleções participantes da Copa de 1930 eram majoritariamente amadoras. Em 1949 a AFA (Associação de Futebol da Argentina) decidiu que o salário pago aos jogadores não poderia ultrapassar a renda anual obtida em bilheteria. Pois, em muitos casos, os salários e premiações (ou bichos) ultrapassavam a receita dos clubes. Também limitou o número a 22 dos que poderiam receber salários. Tudo para colocar o *football* em sólidas bases econômicas. Há, portanto, uma vasta literatura dedicada em partes ou no todo a esse processo. Ver Proni (2000), Wisnik (2008), Damo (2007), Ribeiro (2007), Pereira (2000) entre outros.

tanto que a Comissão Executiva de Estádios Municipais (CEEM) foi a responsável por arregimentar e enviar à Zona Norte do Rio de Janeiro “os melhores calculistas do Brasil”. Tal Comissão estava ligada à autarquia ADEM (Administração dos Estádios Municipais), “uma entidade autônoma, com administração própria”⁵⁴. Seu funcionamento se iniciou em 1947, por autorização suplementar e urgente na Câmara dos Vereadores, mas só foi instituída burocraticamente com o Decreto 9.239 de 25 de maio de 1948, publicado no Diário Oficial no dia seguinte, pelo prefeito Angelo Mendes de Moraes , que além de instituir tal comissão dava os pareceres sobre seu funcionamento em relação ao tratamento do Estádio Municipal. Era uma autarquia com determinados poderes administrativos e de decisão próprios que determinou os valores das cadeiras numeradas vendidas posteriormente.

O custo dos projetos e dos cálculos, segundo o *JS* foi de três milhões de cruzeiros, “quatro vezes menos do que os especialistas haviam previsto”⁵⁵ e bancados pela esfera municipal. Nesse editorial já aparece a oferta pelas “cadeiras cativas”. Talvez essa tenha sido, até a inauguração do Estádio Municipal, a campanha mais enfática realizada pelo *Jornal dos Sports*.

A necessidade de recursos para o auxílio na construção do estádio estava explícita em como o *JS* se comportava quando tratava do tema. Se o termo “Batalha do Estádio” aparecia constantemente e de modo destacado nas páginas do jornal carioca, as cadeiras cativas não fugiam à regra. Dos últimos meses do ano de 1947 à maioria das edições de 1948 o incentivo na aquisição das cadeiras cativas por parte da população era imperativo nos editoriais do *JS*. “Qualquer torcedor poderá adquirir sua cadeira cativa” foi a página estampada em 27 de dezembro de 1947 mencionando ainda que a “facilitada aquisição” das cadeiras cativas poderia ocorrer a partir de 1º de janeiro de 1948, em até “vinte prestações mensais”. Para tanto, bastava ao interessado remeter uma carta ao Departamento de Tesouro indicando os dados pessoais e a forma de pagamento. Em

cinco, dez ou vinte prestações mensais e consecutivas. O título assegura uma cadeira numerada, pelo prazo de cinco anos, contado da data em que se realizar no estádio a primeira competição de *football* de que participem entidades subordinadas ao Conselho Nacional de Desportos.

⁵⁴ D.O 26/05/1948

⁵⁵ Realizando a conversão para a moeda vigente o valor ficaria em torno de R\$ 830,00. Embora saibamos que mais que os valores da moeda é preciso levar em consideração muitos fatores conjunturais para que a realidade do passado possa ser comparada com o presente.

O valor referente à compra das cadeiras cativas era de Cr\$ 5.000,00. Os primeiros mil títulos foram reservados aos membros do poder público e postos à venda um total de trinta mil. Após o período estipulado para uso havia a possibilidade de permanecer com a cadeira pagando uma mensalidade de até de Cr\$ 100,00, como estipulado pela ADEM. Toda a renda obtida com a venda das cadeiras era revertida ao pagamento da construção do estádio Municipal e como já exposto, o *Jornal dos Sports* se dedicou a propagar a possibilidade do cidadão carioca ser dono de uma parte do estádio do povo. Suas duas últimas edições do ano de 1947 – dia 28 e 30 de dezembro – enfatizaram em suas capas a venda das cadeiras cativas. A edição 5.631 trazia em letras maiúsculas, “Às cadeiras!”, numa nítida forma de exortação à aquisição, além de uma entrevista com João Lira Filho, “o grande animador da iniciativa”, segundo o jornal. Próximo a Getúlio Vargas, sendo por ele nomeado presidente do antigo Conselho Nacional de Desportos (CND),

fora um *sportman* de grande influência e com uma longa trajetória nos meios esportivos [...], participou da elaboração dos estatutos da Liga de *Football* do Rio de Janeiro representando a Federação Metropolitana de Desportos. (Costa, 2006)

Com isso, tinha experiência e a aprovação necessária para estar à frente do Estádio Municipal. Também pela proximidade e acesso ao presidente Eurico Gaspar Dutra, auxiliando o “governo federal na utilização do futebol para fins de propaganda”(Costa, 2006).

Na entrevista ao *JS*, João Lira informava os procedimentos básicos para a aquisição da cadeira cativa e também como poderia ser utilizada após. As cadeiras do Estádio Municipal, adquiridas poderiam ser alugadas a terceiros nos dias de jogos, “inclusive os jogos do campeonato mundial de *football*.” Assegurava que a aquisição era um investimento a ser realizado, pois, poderia o proprietário ter rendimento com o dito aluguel. A população da capital detinha preferência na compra, mas poderiam ser adquiridas por qualquer indivíduo. Outro ponto abordado tratava de a possibilidade dos clubes de futebol comprarem determinadas cadeiras em espaços conjuntos para ali colocarem seus sócios “formando verdadeiras privativas sociais” em dias de jogo do clube. João assegura a importância de tal feito para “a expansão das torcidas”. As primeiras cadeiras vendidas foram respectivamente ao presidente da República, Eurico Dutra e ao prefeito Mendes de e naquela ocasião ainda sem abertura oficial da inscrição – só ocorrida em 1º de janeiro de 1948 –, era grande o número de interessados que recorriam à prefeitura para buscar informações.

Na entrevista de João Lira Filho ao *Jornal dos Sports*, outra vez o júbilo pela empreitada do Estádio Municipal é muito flagrante. Ele afirma que há “um poderoso movimento que contagia a opinião pública e possibilitará à cidade e ao país a posse do maior e melhor estádio do mundo.” O gigantismo colossal do projeto sempre entra em foco. Não à toa ele seria cumprido à risca, sendo a cidade do Rio de Janeiro, por muito tempo detentora do “maior do mundo.” João também ressalta o papel da “imprensa desportiva nacional que tudo tem feito com desinteresse, patriotismo e abnegação em benefício do desporto brasileiro”. Por tamanha dedicação à campanha do Estádio Municipal, João Lyra, em nome da administração do mesmo, promete “recinto compatível e permanente no estádio com todas as instalações modernas de conforto e equipamento.” Reforça o pedido a imprensa “que nos ajudem com sua propaganda desinteressada e constante” quando houver a abertura das inscrições para as trinta mil cadeiras. Após dialogar com a imprensa, ele se volta ao

povo brasileiro (que) corresponderá ao apoio que agora lhe dirigimos e que exprime a velha confiança com que nunca lhe faltamos, [...] sem outra ambição ou interesse senão a ambição e o interesse de ver o povo feliz. O êxito do grande empreendimento depende do povo brasileiro. Ele não nos faltará com seu apoio. Como não lhe temos faltado com nossa solidariedade.

Grande carga de responsabilidade é jogada ao povo na expectativa que o mesmo “compre” não só as cadeiras cativas, mas também a ideia de ter e manter o Estádio Municipal. Fica nítido que as questões políticas estão implícitas nos discursos. A entrevista é finalizada com um agradecimento especial à imprensa esportiva e conclamando novamente o povo a assumir seu lugar na construção do Estádio Municipal, pois após a conclusão da obra o que restaria era a vitória “do povo brasileiro e da opinião desportiva nacional.”

Arriscamos a dizer que toda essa questão da “solidariedade” para com o povo é em grande medida resquício histórico da primeira parte da “Era Vargas”. Ao governar tendo como aporte político os setores produtivos da cidade, Getúlio Vargas não só correspondeu a uma determinada expectativa do capital, como também a dos trabalhadores industriais. Leopoldi (2007) demonstra que o crescimento econômico do Brasil ganha um grande impulso a partir de 1930, quando o primeiro governo Vargas, traça políticas econômicas “ligando-as aos grupos nacionais e estrangeiros por ela afetados” e “realiza a difícil tarefa de responder às turbulências internas e externas”. Investindo no crescimento industrial, principalmente em siderurgia, petróleo e energia,

as políticas de Getúlio Vargas estimularam a vida urbana, como já mencionado, conseqüentemente toda uma rede de trabalhadores urbanos foi tecida, não por dádiva, mas a partir das lutas sindicais de movimentos operários e criação de sindicatos.⁵⁶ Com todo esse aparato de uma parcela significativa de trabalhadores podendo ser lembrados das benesses políticas em prol de uma vida mais digna, com direitos assegurados, ficava fácil jogar com todo o poder do discurso com qualquer finalidade, inclusive as de cunho esportivo.

Também ganharam destaque nas últimas edições do *JS* de 1947 a apresentação do anteprojeto de construção do estádio. Durante o ano de 1948 as matérias trataram da evolução da obra, muitas ainda no plano burocrático, outras no tratamento do terreno do *Derby* e a maioria da campanha das cadeiras cativas. O *JS* assumiu a postura e até um compromisso implícito de fazer a venda das cadeiras, para isso foram formados “Comandos” de visita a estabelecimentos comerciais, programas radiofônicos e outros locais onde possíveis interessados poderiam adquirir seus locais cativos nas futuras instalações. Até mesmo o prefeito de São Paulo em visita ao Rio de Janeiro tratou de se inscrever em duas cadeiras, deixando ali a quantia de Cr\$ 10.000,00 e aderindo à campanha na sede do *JS*. Segundo a edição de 9 de março de 1948, o prefeito paulista, Paulo Lauro, ainda explanou sobre a importância da construção do Estádio Municipal na capital da República. A adesão de figuras públicas se fazia de extrema importância para o êxito na propaganda do jornal e o estímulo da população na aquisição das cadeiras cativas. O coro crescia na imprensa desportiva e as obras andavam e todo vapor para uma competição que ia acontecer em menos de dois anos.

Saltando para o ano de 1949 o Estádio Municipal começa a ganhar “corpo”. Já com as fundações e alguns lances baixos de arquibancadas, além de um trecho do que viria ser a geral, uma foto panorâmica fora publicada na primeira edição do *JS* de 1949, especial de 10 páginas (nº 5.940) lembrando que segundo o jornal as maiores e melhores construtoras do país estavam ali comprometidas com o andamento da obra. Além da perspectiva fotográfica, há no texto daquela edição um grande otimismo quanto à conclusão da obra antes do tempo previsto para a disputa do Campeonato Mundial, bem como da “*Coupe Jules Rimet*”. As visitas de personalidades políticas e jornalísticas se faziam constantes. João Lyra Filho, então presidente da CND e à frente da organização das obras, José Lins do Rego, que à época se ocupava das crônicas esportivas e o diretor do *Jornal dos Sports*, Mário Filho, por exemplo, faziam toda questão de estar presentes,

⁵⁶ Para essa questão do trabalhismo e das categorias, consultar as obras de Ferreira (2000 e 2005) e Gomes (2005).

visualizando a empreitada. Mario Filho, relata na edição 5.943 que após uma visita espontânea João Lira havia saído maravilhado com o que vira. “O Estádio Municipal e sua personalidade de praça de esportes moderna” é concretizado em cada editorial como a realidade da capital da República. Na respectiva edição aparecem as três personalidades acima, caminhando por entre trabalhadores sob um chão de vergalhões trançados a observar o andamento de cada passo da obra. Outras edições de 1949 também focavam os trabalhadores em momentos de labor entre armações de concreto, no que viriam a ser as arquibancadas ou em meio a altos guindastes. Visitas como do embaixador espanhol, Don Rojas Moreno e do time sueco Malmoe, que excursionou no Brasil enfrentando os clubes cariocas em 1949 também marcaram na imprensa esportiva presença naquele que já era a maior construção esportiva do mundo. Toda essa imagem também auxiliava na propagação da forma popular com que era tratada a construção. Além, claro do apelo sempre de caráter positivo, como já dito, que a obra ganhava tendo os discursos do jornal como forte aliado. Já em fevereiro daquele ano outra foto panorâmica estampada na capa demonstrava as arquibancadas superiores e os locais onde seriam colocadas as cadeiras numeradas. A edição nº 5.987 do dia 26 colocava em destaque: “vejam e pasmem; não é a girafa, mas algo muito mais alto que muita gente acreditava não existir. É o Estádio Municipal com toda sua imensa grandiosidade já delineada”. Também mencionava que em breve os “155.000 espectadores comodamente se instalarão nos degraus colossais do maior Estádio do Mundo”. O sonho do Estádio Municipal estava à frente dos olhos daqueles que apostaram na sua realização e daquela população carioca. Contudo, a promessa da construção de outras praças esportivas nos subúrbios não havia sequer começado e até então o *JS* não mencionara mais em suas páginas tal problema. Já a venda de cadeiras cativas era anunciada na página 3 da edição de número 6.007 com letras bem notáveis juntamente a um quadro de cinco fotos do prefeito Mendes de Moraes juntamente a Mario Filho – a legenda dessa foto mencionava a autoridade agradecendo o jornalista pelo empenho na propaganda da campanha –, Herculano Gomes e outras personalidades em meio obras e sentados à mesa num churrasco oferecido pela ADEM aos “obreiros do Estádio”. O título dizia: “duzentos mil cruzeiros diários de cadeiras cativas”. Já na edição do dia seguinte quem ganhava destaque era justamente o Estádio Municipal. Em uma imagem aérea pegando parte do entorno, onde se localizavam casas, estação e etc. A comparação com imagens aéreas do antigo *Derby Club* e agora uma obra já em estágio avançado, com o Estádio, é uma análise espacial bem interessante do passado com o momento presente. A diferença da estrutura da cidade é notável a cada imagem em

que se vê a evolução das obras. Casas e arranha-céus são uma dicotomia entre o que se conhece do urbano passado e do contemporâneo. Na respectiva reportagem o jornal criticava sutilmente os que não acreditaram na obra e pedia que dessem a mão à palmatória, pois, ali estava o “colosso que surge no *Derby*”.

Em dezembro do mesmo ano o *JS* saudava o prefeito Angelo Mendes de Moraes com dupla felicitação. A primeira por ocasião de seu aniversário, no dia 17, a segunda

à decisão, à audácia e tirocínio do prefeito a realização do gigante do *Derby*, sem o qual não apresentaria o Brasil a oportunidade – que só se tem de século em século – de promover a “*Copa do Mundo*”, uma assembleia universal da comunidade atlética.

O “orgulho do desporto brasileiro”, estava em um ritmo de construção que causava otimismo em boa parte daqueles que haviam apostado na sua existência. A expectativa era a realização de jogos já nos primeiros meses de 1950 ou no final de 1949. O que acabou não acontecendo. Contudo, as obras de finalização se atrasaram e tanto nos primeiros jogos testes realizados no Estádio Municipal como na grande final era possível observar os restos de obras entre os torcedores que se contorciam para ultrapassar os obstáculos e assistir a alguma partida, assim como a sustentação provisória, feita por tubos de aço, da marquise superior.

No último domingo de 1949, a edição do dia de natal oferecia aos leitores mais “dois magníficos aspectos do Estádio Municipal”. Ambas as imagens demonstravam o Estádio Municipal já em estágio avançado da construção, mas ainda sem a marquise superior, também os andaimes erguidos com madeira e ferro e neles um grupo de homens em seus trajes de gala compostos de ternos brancos e gravatas, além dos usuais chapéus. Havia ali ainda um aspecto muito próximo da estética das arquibancadas nos primórdios do futebol no Brasil. Fraques, lenços e chapéus eram a roupagem de uma classe de pessoas que iam assistir aos jogos nos campos do Rio. Como bem demonstra Pereira (2000), “as partidas [...] realizadas, tornavam-se [...] encontros entre a juventude elegante da cidade”, “lotadas de cavalheiros distintos e senhoritas com vestidos claros, as arquibancadas pareciam um salão de festas” nos primeiros anos do século XX no Rio de Janeiro. Aquela edição (6.241), apesar do tempo transcorrido e do aperto quanto ao prazo final, ainda trazia um aspecto otimista mencionando o grande ritmo acelerado da obra que sempre fora mantido, a honra dos torcedores

que há tanto tempo vinham merecendo um local amplo e confortável onde pudessem continuar prestigiando as realizações das atividades esportivas da cidade *nas suas realizações magnas* (grifo nosso) e os aficionados (que) não sempre de recordar 49 *como uma das memoráveis épocas do esporte brasileiro* (grifo nosso). (25/12/1949)

A 31 de dezembro de 1949, “o matutino de maior circulação do Distrito Federal”, mostrava a imagem de Mario Filho junto a Lafaiete Ribeiro, esportista americano, e Luis Vinhais – conhecido por sua atuação no meio esportivo brasileiro desde 1934. A reportagem do número 6.246 anunciava o término do ano com “a realidade do Estádio Municipal” que ali estava para mostrar

a pujança de uma administração, o esforço de um consórcio, a abnegação dos operários e o entusiasmo de todos os desportistas, que já estão aguardando com o mais vivo interesse, a inauguração do monumento do *Derby*, orgulho da nossa metrópole, palco das mais sensacionais pelepas do ano vindouro.

De certo as partidas da Copa do Mundo de 1950 proporcionaram momentos especiais para a população brasileira. Aqueles que acompanharam o evento não esperavam que a peleja triunfal se tornaria um fardo, talvez comparável ao *colosso* que surgia no *Derby*.

O ano promissor de 1950 começava com o *JS* demonstrando bem mais que desejosos votos de felicitações. A matéria de capa escancarava o que acontecera em 1949 e os resultados obtidos até ali. Nas duas campanhas que o jornal havia lançado três anos antes o sucesso parecia ter atingido a empreitada e haviam conseguido o objetivo final. A construção do Estádio Municipal e a venda das cadeiras cativas estavam nos planos do avanço. Não era algo retornável a uma estaca zero e os editoriais do *JS* faziam questão de mencionar a situação. Também expunham o insucesso daqueles que haviam se colocado contra ambas as campanhas, inclusive no recente ano de 1949. Ou seja, as campanhas contra o Estádio Municipal e contra a venda de cadeiras ainda era realidade naquele momento de 1950. Tanto que a respectiva edição trazia vários questionamentos e colocações nesse tocante. Uma foto das construções tomando a margem superior, voltava à capa do jornal, assim como as letras em negrito com os dizeres “Direito líquido e certo o dos possuidores das ‘cadeiras cativas’”. Quem lia a matéria de capa (edição 6246, de 31/12/1949) imaginava algum problema decorrente da aquisição das mesmas. Contudo, o editorial explicava que aquele título era uma menção justamente a campanha contrária realizada por “certos indivíduos acobertados por certos jornais” que

não descansam em sua atividade subterrânea e impatriótica, que desde os primeiros instantes combateram a iniciativa da construção do Estádio Municipal pela Prefeitura visando interesses subalternos de uma empresa que pretendia construir uma praça de esportes na zona suburbana a fim de valorizar seus terrenos.

Dentre as disputas citadas pelo jornal aparece a da especulação imobiliária. Sem dizer qual veículo produzia determinadas informações que pretendiam desqualificar a construção do estádio, o *JS* abria seus espaços para uma espécie de denúncia das estratégias de alguns dos seus oponentes no campo do apoio dado a obra municipal. O evidente é a forma como o poder público também se comportou fazendo suas opções políticas e financeiras em optar por um determinado projeto e não por outro, o da construção de “praças esportivas” em outros locais da cidade, como aparece no editorial, mas também como parte do Projeto 161, que condicionava a construção do Estádio Municipal a outros locais de prática esportiva construídos pela cidade. Principalmente em direção à Zona Norte. De fato, o jornal avaliava corretamente que o Estádio Municipal viria “para enriquecer o patrimônio artístico da cidade”, além de sua “*feição e características eminentemente populares*” (grifo nosso) e que ele seria “por estes séculos afora o orgulho de várias gerações brasileiras e a admiração de todo o mundo”. Foi o Estádio Municipal um projeto de cidade e de vivência na cidade. Chama atenção como o que o *JS* da edição acima citada consegue captar e projetar em relação ao futuro da cidade e sua vida esportiva tendo a grande praça esportiva como pano de fundo. Se o Rio de Janeiro já vivenciava uma vida esportiva de grande intensidade, isso foi exponencialmente elevado com a presença do Estádio Municipal e a aglomeração das multidões. Se antes os estádios cariocas se mostravam em parte acanhados pela pequena capacidade de público com a nova praça esportiva isso tenderia a mudar e aqui avaliamos o entendimento e a importância da imprensa esportiva e objetivamente de Mário Rodrigues Filho nesse entendimento. Era preciso incentivar as massas a entenderem o espetáculo e o ambiente como próprios e como parte de si. Daí o fato de o próprio jornalista ser reconhecido como o grande inventor das multidões, como seu irmão e também jornalista, Nelson Rodrigues sentenciou.

No mês de janeiro de 1950 o Estádio Municipal já possuía um gramado e as marquises superiores começavam a serem construídas. Com as arquibancadas superiores já prontas o primeiro “*test*” com “carga viva” foi realizado. Cerca de três mil operários da própria obra realizaram movimentos com intensa trepidação afim de os engenheiros conseguirem avaliar o comportamento das estruturas em relação à movimentação nos setores. Segundo o jornal o teste foi intensamente esperado pois daria o parecer sobre a qualidade da obra. Os resultados foram publicados na edição

de 13 de janeiro. A capa do jornal trazia mais imagens das obras em estádio avançado, além da descrição de como ocorreu o teste. Mas o destaque ficou por conta da imagem de Mário Filho dentro do estádio observando a realização do teste e da palavra “*blitzkrieg*” em destaque evidente. Uma guerra relâmpago anunciada pelo *JS* para a conclusão das obras do estádio, já que o jornal previa a conclusão da mesma para dali a cem dias, com arquibancadas, gramado e marquises prontas “de maneira que se pode concluir de não haver qualquer embaraço na marcha dos trabalhos a despeito dos derrotistas o Estádio Municipal estará pronto para os jogos da Copa do Mundo”. Após o teste nas arquibancadas os mesmos funcionários da obra foram para o gramado realizar ali o “teste” do campo. Três mil homens em campo correndo atrás de uma bola, “e empenharam-se em animado prélio desprezando até a chamada da sineta que anunciava o pagamento”, retratava o *Correio da Manhã* em edição de 13 de janeiro.

Porém, nessa edição de número 6.257 do *Jornal dos Sports*, também chama atenção à matéria assinada por Geraldo Romualdo da Silva, na coluna “A ‘Copa do Mundo’ descobre o Brasil”. O título, em negrito, “Mas o Brasil pouco fez pela ‘Copa do Mundo’” vinha seguido pela nota “a única exceção continua sendo o estádio”. A matéria ainda continuava fazendo comparações com os investimentos feitos por Itália e França nas Copas de 1934 e 1938, respectivamente, e nas Olimpíadas realizadas na Alemanha em 1936. O contexto histórico de ambos os eventos era o fim da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e o caminhar para o inexorável conflito armado que viria em breve e receberia o nome de Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com ascensão da política nazifascista, que possuía o gigantismo psicológico das obras públicas como um dos principais conceitos arquitetônicos; que por sua vez remontava à “grandiosidade” das construções estatais das civilizações antigas como Roma e Grécia⁵⁷.

A matéria trazia a foto do “Forum Mussolini” – rebatizado de “Forum Itálico” após a derrota do fascismo italiano –, com o próprio jornalista ao centro da construção, que fora ordenada pelo próprio *Duce*, para a Copa de 1934 a fim de ser um estádio de futebol, o que não chegou a ocorrer. Também ressaltava a pretensão do ditador italiano, de naquela localidade de Roma erigir “um estádio sem similar, um estádio que superasse todos em arte de capacidade para a reunião de público”. Benito Mussolini sabia da importância do futebol para se chegar às massas. Como o esporte tem um grande poder de aglomeração a facilidade para se trabalhar questões importantes ao fascismo ganhava ali um forte facilitador. Além disso, um dos componentes fascista é

⁵⁷ Para um estudo detalhado sobre os fascismos e as relações com a psicologia de massas ver Reich (2001).

justamente o nacionalismo espreado entre os indivíduos, entre as massas – principalmente aos trabalhadores, que pela solidariedade podem, como o fizeram em dados momentos, e poderiam muito bem naquela Europa serem uma forte resistência às campanhas nazifascistas.⁵⁸

Voltando a matéria do *JS*, se para Romualdo no comparativo das obras de estádio estávamos em pé de igualdade com os italianos – embora contestado pelo fato de a capacidade do *Stadio del Partito Nazionale Fascista* ter abrigado na final do campeonato mundial 73.000 (Baggio, 2013), o número aparece de forma contraditória já que o jornal italiano *La Repubblica*, na matéria publicada em 17 de fevereiro de 1988 (Dal 1911 ad oggi tutti gli stadi di Roma) menciona a capacidade total do estádio em cerca de 30.000 espectadores, e após as reformas de 1927 aparecem números na casa dos 55 mil lugares –, no quesito de um possível legado daquele evento de 1950, ficaria talvez o “arrependimento de um século”. Também mostra uma certa rixa entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a CBD, levando a desentendimentos que além de atrasar procedimentos necessários à conclusão da obra, também prejudicavam outros aspectos da cidade. Romualdo Silva coloca suas críticas afora do aspecto antinacionalista ou “antipatriótico” projetado àqueles críticos à forma como vinha sendo construído o Estádio Municipal e também aos que se mostravam contra a realização do campeonato mundial em terras brasileiras – como já mencionado. A sua visita a Europa serviu para que o mesmo detectasse uma curiosidade em relação ao Brasil, muito pelo fato da “alta propaganda que o *football* tem feito de todas nossas coisas, de todos nossos homens e de todas nossas belezas. ” No seu retorno ao Brasil é que surge sua crítica. Crítica aos dirigentes “o Brasil-Governo, o Brasil-Oficial, para o Brasil-palaciano, (a quem) esse Campeonato do Mundo que aí vem nem parece existir”, que estimavam a Copa do Mundo como um “rotineiro Rio-São Paulo [...] senão na melhor das hipóteses de um sul-americano”, crítica também ao que não seria encontrado pelos estrangeiros que aqui viessem para o campeonato mundial e sua possível decepção ao não ver superados os eventos realizados na Europa, como as próprias Copas e as Olimpíadas de Londres e Berlim. O risco de se perderem pelos locais dos jogos, como “os suecos perdidos em Bonsucesso” ou “uma delegação em peso, andando de caminhão daqui para ali”, mencionando, pois o fato de muitas das vezes o selecionado brasileiro ser assim transportado pela CBD.

⁵⁸ Não entraremos aqui no debate. Ele exigiria por si só, um capítulo extra que fosse capaz de levantar temas como os já citados nacionalismo, trabalhismo, sindicalismo, identidade, dentre outros. Temas por demais extensos, complexos e de uma bibliografia vasta. Servimos de alguns pontos isolados durante o trabalho, visto que os momentos históricos e as simpatias dos governos brasileiros a alguns pontos utilizados pelo nazi-fascismo se cruzam.

O jornalista ressalta a crítica vindoura do “inglês, o francês, o italiano, o suíço, o espanhol, o português”

quando eles verificarem que nada o que supunham encontrar no Brasil lhes foi proporcionado, hotel, facilidade de transporte, etc. – seremos duramente criticados. Aí então iremos nos revoltar. Iremos nos sentir fundamentalmente ofendidos. Ofendidíssimos. E de bolsos vazios.... Como é infalível, entretanto – nem pode deixar de ser assim – que um dia haveremos de nos arrepender, embora tardiamente, o arrependimento que durará fatalmente um século, por não termos sabido aproveitar melhor a ocasião. (edição 6257 de 13/01/1950)

A crítica de que a *oportunidade* de realizar um evento grandioso escapou à mão e teria sido diferente se

houvesse cabeças mais assentadas, mais experiência e menos falatório; mais técnicos e menos “comissionados”, o Campeonato do Mundo de 50, constituir-se-ia em maravilhosa fonte de renda para os cofres públicos. Fosse por quem de direito, orientado e assistido, acabaria inteligentemente transformado em lucrativa fonte de turismo. Quer dizer: em rendoso meio de propaganda como foi para a Itália em 34; como foi para a França o de 38; e como foram para Berlim e Londres os Jogos Olímpicos de 36 e 48.

Diferente, na opinião do jornalista, a ponto de superar a marca dos

20 mil atletas estrangeiros e mais de dois milhões de turistas, gente que se abalou dos quatro lados da terra para assistir as competições e deixar no *Reich* (grifo nosso) bilhões de marcos!

Itália e França fizeram projetos semelhantes. E nós o que fizemos, além do Estádio Municipal – base da propaganda da “Copa do Mundo” de 50 – um Estádio que muitos combatem por nele não haverem acreditado desde o princípio, ou por não compreender que alguém possa acreditar nele sinceramente e sem “marmita”?

Romualdo Silva chegou à França e aproveitando a ocasião entrevistou Jules Rimet, então presidente da FIFA. Este ressaltou que “o Brasil precisa entender que um Campeonato do Mundo é feito para o mundo, e não exclusivamente para aquele que o patrocina. ” A fala de Jules Rimet ao repórter brasileiro vai no sentido de uma Copa não internada em seu próprio espaço ou de realizações que também, e arriscamos dizer, prioritariamente, satisfizessem as expectativas de turistas e/ou das nações participantes. O legado – ainda que essa palavra não tenha sido usual àquele evento – não poderia ser somente um estádio, como inclusive mencionava o jornalista em sua escrita. Mas chamamos atenção para a reportagem acima, por drasticamente contrastar com o que até aquele momento vinha aparecendo nas páginas do *Jornal dos Sports*. O intenso otimismo praticado por Mário Filho e outros editores naquele espaço, ganhava nos primeiros dias de 1950

uma crítica “realista” de uma determinada situação ausente nas capas e no interior do *JS*. Aparentemente, o jornal que de tudo fizera para emplacar junto à população as benesses de uma Copa do Mundo no Brasil, inclusive mencionando a própria “vontade geral” e a ajuda do povo possuía agora entre os seus uma voz dissonante, “após uma viagem ao estrangeiro”.

Mas as campanhas pró Estádio possuíam mais força e na edição de 6270 de 28 de janeiro de 1950 já dava uma data para a inauguração do Estádio Municipal. Seria o dia 25 de maio. Pouco menos de quatro meses o estádio deveria ser entregue à cidade e a edição seguinte, do dia 29, mostrava ainda as estruturas de sustentação do que viriam a ser uma das maiores marcas de identificação do *Colosso do Derby*, a marquise do Estádio. Em suas estruturas e posteriormente, nas próprias, várias foram as imagens feitas das mais “ilustres” personalidades políticas e esportivas. Em quase todas a presença de Mário Filho era certa. Ao lado do prefeito, engenheiros, chefes de construção, outros jornalistas... em cada oportunidade o diretor do *JS* se fazia notar. E quanto mais se aproximava a conclusão das obras do Estádio Municipal e a chegada do Campeonato Mundial, mais o jornalista era presente tanto nas matérias quanto nas fotografias das obras. A 26 de março – edição 6.316 – uma foto feita por um avião mostrava aos leitores uma “magnífica visão do Estádio Municipal” já com boa parte da marquise instalada, arquibancadas construídas e uma grande obra ao redor. Com um editorial que chamava a atenção para o local onde seria disputada a Copa do Mundo, “o maior certame de *football* de todos os tempos” o *JS* finalizava pontuando o que faltava ainda da obra do “gigante do *Derby Club*” e reafirmando que dentro de pouco tempo ela seria concluída “diante da dedicação que os operários estão atacando a obra”; uma “obra da engenharia patricia, que constitue verdadeiro orgulho para todos os brasileiros. ”

“A mais impressionante fotografia do *Derby*” surgia na capa do *JS* em pleno abril (edição 6.326, 7 de abril de 1950) em foto de Angelo Gomes – fotógrafo oficial do jornal. O que se via era uma imagem aérea do Estádio Municipal, com grande parte das placas de concreto, que formariam as marquises, já colocadas. Como a imagem foi feita de maneira aberta, flagra-se os arredores do estádio, para além das obras também no entorno. As casas ainda baixas, a linha férrea da Central do Brasil, a avenida Maracanã, o quartel do Corpo de Bombeiros, marcavam a “obra magnífica, para o presente e para a posteridade”. A imagem fora encomendada pelo *JS* e programada para ser feita em horário específico. Às 16:15h, segundo o jornal “no horário previsto” de início dos jogos. O jornal faz a menção à posição que o sol chega ao estádio nesse turno, de modo a

não perturbar a visão dos jogadores e dos torcedores. Dessa maneira a obra esportiva que serviu para consagrar a administração do General Angelo Mendes de Moraes *à frente dos destinos da Metrópole* (grifo nosso), oferece aí um aspecto de arte e beleza conjugadas. E assim o desporto brasileiro fica possuindo a maior praça de esportes do mundo.

Proposital nosso grifo, pois, segundo o “Diário de Maior Circulação da América do Sul”, o empreendimento e a dedicação de Angelo Mendes de Moraes faziam parte de um projeto de cidade. Para alguns, principalmente os adversários políticos, era ousadia, mas para os defensores da Copa e da construção do Estádio Municipal a cidade não seria a mesma após a grandiosa obra. Nas análises do jornal nos parece que a construção do Estádio era o primeiro plano e a Copa do Mundo de Futebol um pano de fundo. Não à toa a ênfase no campeonato mundial se inicia em meados de abril de 1950, quando ganha um pouco mais de destaque na capa do periódico. As reportagens se concentram, contudo, nas seleções que viriam ao Brasil e nos ocasos, desistências, ameaças de não comparecimento; e claro, sempre como pequena nota de que o *Colosso do Derby* era erguido. A prefeitura do Rio de Janeiro dava total apoio à competição, o jornal mencionava sempre os esforços do prefeito em fazer parte do mundial acontecer e que a cidade fosse o palco principal e a cidade de maior destaque. Isso de fato ocorreu. Chamava atenção de muitos a construção, tanto que as constantes visitas ocorreriam de forma ainda mais intensa cada vez que se aproximava a conclusão da obra. O gigantismo do Estádio Municipal era apreciado, inclusive, internacionalmente e isso se refletia nessas próprias visitas, como a de pilotos da *Scandinavian Air Lines* e de membros da colônia sueca, que juntamente ao cônsul Per Sodeberg, estiveram nas dependências da construção em 25 de abril de 1950, segundo a edição 6.340 do dia seguinte.

Se por um lado a importância do jornalista Mario Filho na campanha para a construção do Estádio Municipal era notória, outra figura também ganhou muito destaque nas páginas do periódico *Jornal dos Sports*. Durante toda a “Batalha do Estádio” a pessoa de Angelo Mendes de Moraes, o general-de-divisão que também era prefeito do Rio de Janeiro, indicado por Eurico Gaspar Dutra em 1946, Mendes de Moraes permaneceu até 1951 no Executivo. Em muitas das edições do *JS*, quando se trata da construção do estádio à figura do prefeito são tecidas loas. Como na edição de 11 de junho (6.380), que talvez tenha sido a maior “homenagem (...) que os esportes coletivamente prestarão ao prefeito”. Segundo a reportagem, o general Angelo Mendes de Moraes fora “um administrador público que soube cativar as simpatias gerais dos desportistas, pelo seu trabalho eficiente, esforçado e desinteressado em favor das causas do esporte.” Além disso,

reforçava o administrador como um dos principais vencedores da “Batalha do Estádio”. Mas o principal destaque era de fato a fotografia do busto do prefeito, que segundo o jornal, como homenagem ficaria na entrada do Estádio Municipal e inaugurado juntamente ao Colosso do *Derby*.

A inauguração oficial ocorreu numa sexta-feira, 16 de junho de 1950, com grande cobertura da imprensa. O *Jornal do Brasil* publicou nas páginas dedicadas aos esportes do número 139, uma planta baixa “de modo claro e preciso o acesso ao Estádio Municipal”, assinalando as arquibancadas e o acesso a geral. Mas de certo o maior destaque ficou por conta do *JS*.

A capa da edição de número 6.384, saída poucas horas antes à inauguração do Estádio, era totalmente dedicada ao evento, que se iniciaria às 9h, “com a chegada de S. Excia. O Senhor Presidente da República e corte da fita simbólica no portão da avenida Maracanã. ” O título “entrega do maior estádio do mundo ao povo! O Colosso! ” Vinha acompanhado de várias charges bem-humoradas e satíricas em relação ao estádio – “a Copa do Mundo será no Brasil. Só se for no quintal lá de casa”. Conversavam, dois personagens –, representavam aqueles que não acreditavam nas obras, mas também algumas fotos das importantes personalidades que haviam sido decisivas na Batalha do Estádio. Mario Filho – além de fotografado foi representado como um soldado, de arma em punho e charuto na boca em meio aos estampidos de bombas e a legenda “o primeiro soldado da Batalha do Estádio” –, Herculano Gomes e Angelo Mendes de Moraes estavam presentes. Bem como a foto de um “operário brasileiro [que] demonstrou o valor da sua cooperação. ” Este era apontado por um personagem saído de dentro do estádio, portando um violão na mão direita e exclamando: “e neste estádio haveremos de ser campeões do mundo. ” Além da foto de uma parte do Estádio mostrando arquibancadas, geral e um pedaço da obra ainda a ser realizada. Por toda a edição, notícias e matérias especiais demonstravam de alguma maneira um determinado aspecto do Estádio Municipal. Do quadro de energia, responsável pela alimentação do estádio até uma coluna assinada pelo engenheiro Mario Bacellar Rodrigues, um dos responsáveis pela obra, na qual o mesmo ressaltava a “vitória do povo brasileiro [...] de dotar sua Capital de um estádio condigno com sua categoria de uma das mais belas cidades do mundo” o Estádio estava retratado. O profissional também mencionava, citando apenas uma empresa, a Sika LTDA., o “comprometimento” (grifo nosso) das mesmas em realizar a entrega de determinados materiais para a construção “sem prazo certo para o pagamento”, recusando, assim “os conselhos que lhes foram dados, de que tal procedimento lhes iria redundar em total prejuízo”.

Ou seja, segundo o mesmo, houve problemas na organização para uma construção de grande porte que durou menos de três anos e foi inaugurada ainda inacabada. Porém, o mesmo otimismo que esteve presente nas primeiras capas do *JS* mencionando o início da “Batalha do Estádio” se fazia notável também naquele momento de conclusão e entrega das obras à sociedade. Em matéria do também engenheiro Fernando Magalhães e dono da empresa homônima, há a descrição de uma “obra feita com o coração”, em que “a construção trouxe a confiança a uns, a indiferença a outros e a desconfiança a muitos”, porém o respectivo empresário diz só ter aceitado a empreitada por “muito ter acreditado na construção” encabeçada pelo “Prefeito do distrito, muito interessado em dar à Metrópole do Brasil uma obra digna de sua *civilização e cultura* (grifo nosso) desportiva.” A famosa coluna “Bolas na Lagoa”, escrita por Pedro Nunes sob o título de “O soldado conhecido”, classificava o periódico como uma “barricada” pela construção do estádio. Também rendia muitas homenagens a Mário Filho, mencionando-o, assim como a ilustração presente na capa da respectiva edição, como um soldado, “mais operoso dos obreiros do gigante que hoje se ergue majestoso no Maracanã, realização que impulsiona cem anos de desenvolvimento na vida esportiva da nação.” Por fim, a edição dedicava em sua página 6 um histórico de todo o processo de construção do Estádio. Desde a tramitação dos processos burocráticos e políticos na Câmara dos Vereadores, a construção iniciada em agosto de 1948, até aquele dia da entrega do Estádio Municipal, além dos esforços e das descrenças no processo. A reportagem também afirmava o compromisso no qual o *JS* se empenhara, o de lutar pelo estádio e a

cada nova etapa iniciada era sempre comemorada com grande júbilo pelo JORNAL DOS SPORTS, que assim manifestava a intensa alegria que ia se apoderando de todo o povo do Rio, de todo o povo brasileiro, à medida que iam sendo vencidas as etapas da construção. (16/06/1950)

Mas a “cereja do bolo” da edição que encerrava um empenho histórico na campanha de construção do Estádio Municipal – talvez uma “cruzada” não mais repetida na imprensa brasileira em relação a um aparelho esportivo –, fosse o artigo escrito pelo próprio Mário Filho à página 9 do periódico dirigido pelo próprio. Ao lê-lo à vontade era a de transcrevê-lo na íntegra para esta dissertação. O que daria muito trabalho a adaptá-la às estéticas normativas e acadêmicas. No entanto, o jornalista brinda o encerramento de uma jornada, em detalhes que nos permitem avaliar o que foi, para o próprio a vitória na *Batalha do Estádio*.

Venho esperando o dia de hoje há um bocado de tempo. O dia de hoje, a princípio, não tinha data. Não era propriamente um dia, era uma visão. Eu via o estádio pronto: bastava fechar os olhos para vê-lo [...]. Eu não via o dia, via o estádio. [...] O estádio é um milagre, um milagre na expressão mais pura porque é obra de fé [...]. É uma massa de ferro e cimento que desafia o tempo. Honrando o trabalho do homem. No caso, o homem brasileiro [...]. Eu me orgulho de ter acreditado no estádio, de ter lutado por ele, mas me orgulho também de ser brasileiro. Foi o brasileiro que realizou esta obra que nas palavras do engenheiro Barassi, *honra a humanidade* (grifo nosso).

Assim, o texto de Mario Filho expressava de um sentimentalismo para com o estádio, a expectativa de ver realizada a grande obra pela qual se empenhou, tanto diante de políticos e autoridades quanto diante da população carioca. Também lembrava que durante a “Batalha do Estádio” houve várias sub-batalhas, “a batalha dos projetos” se referindo aos projetos arquitetônicos para a viabilidade financeira e de espaço da obra, “a batalha do terreno” – onde construir o Estádio Municipal? E por que construí-lo? Foram algumas questões ligadas a essa batalha. Lembremos, pois, de todo o debate entre os políticos que envolviam tal ponto -, “a batalha do dinheiro”, aliás, a princípio as verbas não poderiam sair totalmente dos cofres do município, após toda a campanha de financiamento “popular” do estádio e do comprometimento da esfera federal a maior parte dos investimentos ficaram, inevitavelmente, ainda por parte da prefeitura do Rio de Janeiro, cerca de 80% do valor empregado. Mario Filho também recorda que um estádio do porte do Estádio Municipal estava cotado desde 1941, ainda sobre a administração de Gustavo Capanema, “que chegou a ter cinquenta mil contos arrecadados especialmente para a construção”. No entanto, a obra sempre fora adiada, talvez, esperassem as autoridades, por um motivo extra para realizá-la, uma Copa, por exemplo – como já vimos, também a Grande Guerra foi uma dessas razões de adiamentos. Dizia Mario Filho que 1948 não era um dos momentos mais propícios para a construção do Estádio Municipal. Para ele, “em quarenta e um (1941) era mais fácil que em 45 (1945) e em quarenta e cinco era mais fácil que quarenta e oito (1948)”. Ainda assim àquele momento, mesmo com recursos escassos e a necessidade de se fazer extensas campanhas de apoio à construção, na qual “escrevia o mínimo de dois artigos por dia a favor do estádio”, não haveria de desacreditar naquilo que era “a maior obra do povo brasileiro”. Lembrava também aquilo que o predecessor de Angelo, o outrora prefeito Hildebrando de Góis, mencionara anos depois, já com a possibilidade de escolher pelo lugar do *Derby Club*: “havia o projeto, havia o terreno e o dinheiro se arranjaria.” Não especificara, contudo, a forma de como se arranjaria o dinheiro, mas com a chegada de Mendes de Moraes a promessa se tornara compromisso deste, para com Mario Filho, mas também com a cidade do Rio de Janeiro e com os brasileiros, em geral. “Todos que o

precederam na Batalha do Estádio, aceitavam o menor pretexto para o recuo. ” E na verdade quando Angelo Mendes de Moraes assumiu seu cargo, não havia projeto, terreno, muito menos o dinheiro. O diretor do periódico narra a segunda vez em que vira o General-prefeito e este lhe dissera que a construção não era uma promessa, mas um compromisso assumido e que de tudo faria para sua realização, sem voltar atrás. “Olhe bem: não é uma promessa, é um compromisso. Eu nunca faltei, nem faltarei com um compromisso assumido. ” Teria dito, Angelo Mendes de Moraes a Mario Filho nesse encontro citado. Talvez, por essa empatia e por acreditar de fato no empenho do prefeito, o que realmente aconteceu, o jornalista tece tamanhas congratulações e elogios a grandiosidade do Estádio Municipal, mas também e principalmente – no caso deste artigo – ao prefeito Angelo Mendes de Moraes. Nas linhas desse artigo, escritas por Mario Filho, surge pela primeira vez a sugestão do nome do Estádio Municipal ser justamente Mendes de Moraes, “o nome de um homem como ficou gravado na memória do povo”. E findava dizendo que a homenagem era pertinente por se tratar de “um homem que acreditou em si mesmo. Que acreditou no Brasil. ”

Por fim, à página 10, a fotografia destacada dos três grandes responsáveis pela construção do Estádio, segundo o *JS*. O prefeito ao centro ladeado pelo responsável técnico e diretor das obras, Coronel Herculano Gomes e pelo diretor técnico do Estádio, Paulo Guedes, a quem ficou incumbido a direção da ADEM. Na mesma página vê-se duas fotografias internas do Estádio municipal, onde vê-se “parte do campo, o fosso, *as populares*, local das cadeiras cativas, arquibancadas e refletores. ” As últimas páginas foram dedicadas a menções honrosas às empresas que de alguma forma auxiliaram na construção do estádio ou no fornecimento de algum tipo de material e/ou objeto. Por exemplo a Copral LTDA, ovacionada por realizar os revestimentos em pinturas, pisos e azulejos, onde necessário – no vestiário dos atletas, por exemplo. Também a empresa que confeccionou as cadeiras cativas – Estamparia Nogueira – fora lembrada nas páginas da edição especial de inauguração do Estádio Municipal.

No dia seguinte, 17 de junho, o “batismo do estádio” ficou por conta do enfrentamento entre paulistas e cariocas, com ingressos disponíveis ao público geral. O selecionado paulista venceu os cariocas pelo placar de 3x1, sendo este o primeiro jogo no campo do Estádio Municipal. No dia anterior, na inauguração oficial, compareceram as autoridades políticas e religiosas do país, como o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o Prefeito Mendes de Moraes, dentre outros. Mas o espetáculo primeiro foi retratado na edição de 6.386 de 18 de

junho, do JS. A primeira vez que o Estádio Municipal recebeu um público “do seu tamanho”. Cerca de 150.000 espectadores, “em romarias intermináveis dentro e fora”, foram conhecer o estádio e acompanhar paulistas contra cariocas, por entre restos de madeiramento e restos de obra que ainda se encontravam nas arquibancadas e como sustentação das marquises. A capa trazia a chamada “Sem precedentes, na vida esportiva do país, a abertura dos portões do *gigante do Maracanã* (grifo nosso). A cidade invadiu o estádio!” A segunda vez que o estádio é associado ao nome da avenida paralela a ele e com o qual seria conhecido popularmente *a posteriori*. Também pela primeira vez apareciam as arquibancadas cheias de torcedores, em uma fotografia de Angelo Gomes – o fotógrafo oficial do periódico. O número, já citado acima, foi considerado a partir de estimativas, visto que à época o controle das entradas não era eficiente. Tanto por ser a primeira vez em se abria o recém construído estádio para uma partida e até mesmo pela falta de controle tecnológico para o controle das entradas no estádio. Porém, o que vale mencionar é que desde os primeiros momentos do Estádio Municipal, ele de fato serviu como um dos locais de lazer e entretenimento de grande parte da população carioca. Do primeiro jogo, até grande parte da década de 2000 ele foi ponto de encontro de torcedores e apreciadores do futebol carioca e brasileiro. Substituindo em grande parte outros esportes que até então tinham grande popularidade na cidade do Rio de Janeiro.

2.3 A Copa do Mundo de 1950: o primeiro evento do Gigante.

2.3.1 A derrocada de um projeto nacional ou o surgimento do “país do futebol”?

Com sua inauguração, a esperança era a de que o selecionado nacional pudesse surpreender com resultados positivos. Vogel (1982) afirmou num dos primeiros trabalhos de Sociologia e Antropologia do futebol brasileiro que naquela conjuntura “o Estádio Municipal tinha sido edificado em um prazo curtíssimo”, como vimos que, de fato o foi. Menos de três anos e o terreno do *Derby Club* fora transformado no maior estádio de futebol do mundo. O objetivo era fornecer ao futebol brasileiro um palco digno para sua afirmação épica. A população em geral tinha uma esperança ressabiada devido aos resultados nas três competições anteriores. Tanto na competição 1930 quanto na de 1934 a seleção, composta basicamente de jogadores do eixo Rio-São Paulo, havia sido eliminada ainda nas fases iniciais. Mas na última Copa (1938 – França) antes de eclodir

a Segunda Grande Guerra, a organização entre jogadores e comissão técnica possibilitou um terceiro lugar ao vencer a Suécia por 4x2. Ainda assim, seria necessário mais para garantir o sucesso e conseqüentemente a confiança diante dos torcedores, e uma competição “em casa” seria o momento oportuno de tal afirmação.

Antes da grande final contra o Uruguai a campanha brasileira foi de resultados ascendentes, chegando a finalíssima o clima de festa e de confiança já havia ganhado as ruas, os bares e a imprensa. Ao contrário dos platinos que obtiveram um desempenho mediano, cheios de empates ao longo do torneio, mas suficientes para fazê-los disputar a final sem nenhuma vantagem; esta era brasileira, pois bastava um empate para a seleção se sagrar campeã mundial pela primeira vez. O que só ocorreria em 1958 na Suécia. O prefeito Ângelo Mendes de Moraes – homenageado com seu nome e um busto no estádio – chegou a declarar aos jornais da época que

o governo municipal cumpriu seu dever, construindo o estádio que aí está. Agora, jogadores do Brasil, cumpri o vosso! ⁵⁹

Ficava claro nos discursos que a grande responsabilidade estava sob os ombros dos jogadores e que se a vitória naquele jogo era a própria representação de um projeto vitorioso, a derrota igualmente seria “a derrota de uma raça”, foi justamente o segundo evento o que ocorreu em 16 de julho de 1950. Naquele ano em que o mundo se encontrou no Maracanã, ⁶⁰ o país sede parecia ter se perdido nos seus próprios projetos de construção do *ethos* vencedor. Para Galeano (2012) “o Maracanã continua a chorar a derrota brasileira”.

Dos muitos eventos vindouros, este seria, portanto, o primeiro fato impresso na memória do indivíduo brasileiro na construção histórica da representação sobre o Maracanã. Uma “tragédia” como reportaram os jornalistas daquele tempo, o *Maracanazo* como a ela se referiram os uruguaios.

Toda a concepção da derrota histórica para a “celeste olímpica”, colocou em xeque a proposta confeccionada e defendida a ferro e fogo pelos nacionalistas. Principalmente por fortemente terem se associado ao pensamento desenvolvimentista. Portanto, a derrota da seleção pareceu a muitos a derrota de um povo. Se por um lado o “homem brasileiro” era capaz de construir um estádio da magnitude arquitetônica do *Colosso do Derby* – como defendera Mario Filho nas

⁵⁹ In Placar nº623, 30 de abril de 1982. Citado em Vogel (1982, p.89)

⁶⁰ Para Vogel o mundo se reuniu no estádio Mario Filho a partir das representações simbólicas das bandeiras nacionais expostas ao longo da competição.

colunas do JS – ele ainda se mostrava atrasado e apegado ao seu complexo de “vira-latas”. A locomotiva do desenvolvimento estacionara naquele momento em que Alcides Ghiggia avançara pela lateral, vencendo Bigode, até fulminar o goleiro Barbosa em um chute na diagonal e assim marcar o segundo gol uruguaio.

O “moço do samba”, personagem do chargista Otelo, no JS, parecia ter perdido toda a sua “alegria, vibração, entusiasmo” (Moura, 1998)⁶¹. Ele que fora criado no início de 1950 para representar toda diferença do futebol brasileiro em relação ao praticado pelo resto do mundo, perdia seu sentido. Calaram “as cuícas, os pandeiros, os reco-recos e os violões que nunca (tinham) se afastado dos nossos campos de *football*”. A personagem de Otelo, contudo, seria contrariada pela situação que se viu naquele 16 de julho de 1950. Dizia ele:

não somos um povo que vai para as praças desportivas chorar. Somos alegres até na hora da derrota. Seguimos à risca o velho lema – “Malandro não estrila”.

O que se viu, porém, após aquele evento foi desolação, um abatimento, quase que um luto fúnebre pelo fracasso de um escrete dos mais qualificados no futebol mundial da época. Mas “os deuses do futebol” tinham outros planos. E neles o selecionado brasileiro não era o protagonista. Estimava-se um público na casa das 200 mil pessoas naquela tarde de 1950 no Estádio Municipal; segundo o IBGE⁶² a população recenseada do município do Rio de Janeiro naquele ano era de 2.377.451. Ou seja, quase 10% da população estava no Estádio Municipal para ver Brasil x Uruguai. Os números do público presente são contraditórios. Contabiliza-se 173.850 pagantes. Sabe-se que foram ofertados 120 mil ingressos nas arquibancadas e 14 mil para as numeradas. Além disso, haviam as cadeiras cativas, adquiridas antecipadamente, como já vimos. Em torno de 5 mil cadeiras vendidas. Também a Geral, onde a contabilização dos presentes era dificultada pela capacidade de um inúmero de torcedores obrigatoriamente em pé. Contudo, os dados dos presentes no dia da final são imprecisos, mas é consenso que beirava os 200 mil, podendo mesmo ter ultrapassado essa cifra.

⁶¹ Não entraremos aqui nos preparativos dessa partida. Tanto na preparação dos desportistas quando na expectativa de uma parte considerável da população. O estudo de Gisella de Araújo Moura, já citado outras vezes e agora - respectivamente, merece ser lido e consultado para um detalhamento maior.

⁶² Dados da tabela “População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das Capitais – 1872-2010”

Foi ali, forjado a partir de uma derrota, que outra tradição começou a ser construída e consolidada nas décadas seguintes. A de que o Brasil era o “país do futebol”. De fato, ao sediar um evento como a Copa do Mundo, o país entrava numa rota de reconhecimento esportivo perante a muitos outros países do globo. As tecnologias informacionais se concentravam entre o rádio e o jornal e o tempo de disseminação da informação era reconhecidamente maior. A partir dali os talentos individuais começaram a surgir e a acentuação do processo de profissionalização dos jogadores também beneficiariam o reconhecimento das gerações futuras perante o universo do futebol. São muitos os fatores contribuintes para essa tradição que menciona o Brasil como um dos principais países do futebol. Um deles, citado subjetivamente no capítulo anterior, é o fato de as capitais serem propícias a prática esportiva. Mas nos atentemos à questão da Copa perdida e toda sua influência nesse processo. Historicamente as políticas de Estado para o futebol foram, e ainda são, poucas e com baixo investimento financeiro. Vide a própria construção do Estádio Municipal. Quase sempre dependente de investimentos privados, no caso do futebol através dos próprios clubes os jogadores devem se responsabilizar pela construção de sua carreira até conseguir sobreviver de seu trabalho no esporte. Àquela época a situação era ainda mais difícil, tanto que muitos jogadores com ascendência europeia, desde a década de 1930, optavam por jogar nos países do velho mundo, principalmente com a abertura desse mercado aos latinos, como aconteceu de maneira extensa com a seleção italiana, que permitia vários *oriundi* – ou seja, estrangeiros com ascendência italiana – em seus quadros. Do Brasil Amphiloquio Guarisi Marques, o Filó Guarisi, jogador do Corinthians Paulista e descendente de italianos, foi o pioneiro em optar por defender a *squadra azzurri*, sendo campeão mundial em 1934. Acontece que posteriormente a Copa de 1950 o investimento, inclusive na construção de outros estádios comparáveis ao Estádio Municipal carioca, foram se intensificando, assim como a criação de campeonatos com maior integração de times das diferentes partes do país e não só no eixo Rio-São Paulo-Minas. Além disso as excursões dos próprios times brasileiros por outros continentes, mas principalmente na Europa, também serviram como publicidade ao futebol jogado no Brasil. Após a derrota na Copa de 1954 para Hungria de Púskas, o que viria a seguir seria o bicampeonato consecutivo – 1958 e 1962, na Suécia e Chile, respectivamente – e a consagração internacional com o título de 1970. Ali houve uma maior junção da figura festiva, carnavalesca, do futebol brasileiro com o talento individual. Garrincha e Pelé já haviam encantado os europeus com suas maneiras de jogar. O drible, a astúcia, o molejo ao conduzir a bola. Tanto que, muitos associam

essa maneira de jogar, dando dribles e passes que mais se assemelham a uma dança, à ginga das músicas típicas brasileiras, o samba por exemplo. Entretanto, é preciso tomar cuidado, com essa comparação. Visto que a naturalização desses processos culturais como inerentes a um determinado povo, sociedade, grupo de pessoas e etc. tende a contradizer os aspectos que os próprios estudos sócio antropológicos demonstram. Ainda que possa haver uma certa influência de um determinado item cultural, a dança – por exemplo, em um outro aspecto também da cultura, aqui o futebol, ele é antes de tudo explicável através dos processos sociais e mesmo culturais que um indivíduo pode passar. Aliás, nenhum indivíduo tem em sua genética, “no seu sangue”, uma partícula de samba, de futebol ou de qualquer outro esporte. São os incentivos na relação ambiente-espaço que propiciam a construção do gosto e as habilidades em uma determinada esfera. Contudo, de fato, a maneira de jogar de muitos brasileiros conquistou tanto um público nativo como também apreciadores internacionais. Mas aquela derrota de 1950 ficaria marcada na vida esportiva de cada um daqueles jogadores que estavam em campo, mas também das gerações posteriores de futebolistas. Também ficaria permanente na história do *Colosso do Derby*. O *Maracanazzo* jamais seria esquecido e a tentativa de ao vencer a Copa, para a qual o Estádio Municipal fora preparado, “ingressar no bloco dos países desenvolvidos” (Moura, 1998) por um lado, talvez o mais esperado, não ocorrera. Mas a consagração como uma das principais seleções de futebol do mundo era só uma questão de tempo de campeonatos mundiais disputados. O Estádio Municipal, entretanto, teria os seus dias de glória iniciados ali, naquele 16 de julho, um dia em que aparentemente o fracasso reinou por entre um mar de gente, blocos de concreto e restos de uma obra inacabada.

2.3.2 O Maracanã antes dos megaeventos. Tempos áureos (?)

Antes de passar por grandes reformulações o Estádio Municipal ainda receberia grandes públicos, um modo interativo de torcer, sem contar em um inúmeros de shows e celebridades e jogos de outros esportes – como retratado no primeiro capítulo. Também batizado com nome do prefeito Mendes de Moraes, logo após sua inauguração, recebeu com o tempo, informalmente, o nome da Avenida que está ao seu lado. Maracanã foi o nome que a população majoritariamente atribuiu ao estádio que oficialmente se chama Mario Filho – como já citado.

No ano de 1969 o Brasil possuía uma “safra” de jogadores de grande qualidade técnica atuando pelos campeonatos estaduais e regionais. Um deles era Pelé e este estava prestes a fazer

história no futebol ao ter a possibilidade de chegar a marca de mil gols. A oportunidade ocorreria justamente no Estádio do Maracanã, em um jogo contra o Vasco da Gama no dia 19 de novembro. A expectativa da população era grande, pois, o jogador era considerado um dos maiores e mais habilidosos do futebol brasileiro. Já possuía o *status* de ídolo desde 1958, quando estreou na Copa do Mundo da Suécia e “foi chamado de *Rei* pela imprensa francesa. ” Repleto de torcedores – 65.157 presentes –, que mais torciam pelo feito de Pelé do que pela vitória de um dos times em campo, “a maioria dos espectadores abandonou o estádio após a marcação do gol histórico”, aos 34 minutos do segundo tempo, quando o jogador do Santos F.C foi substituído. Deixaram, no entanto, uma renda de NCr\$ 253.275,25 “em um jogo sem importância na classificação”, como mencionava a edição 194 do *Jornal do Brasil* (20/11/1969), que dedicou a capa e matérias especiais no seu *Caderno de Esportes* para aquele feito ocorrido no Maracanã.

Uma das situações mais inusitadas ocorridas no estádio se deu na fase semifinal do Campeonato Brasileiro de 1976. Uma ocasião impensável atualmente – ao menos em se tratando de clubes –, dias de intenso controle de torcedores, divisão minoritária de ingresso para a torcida visitante, redução da capacidade física dos estádios, violência abrupta entre organizadas rivais, dentre outras variantes. Um dos jogos da fase “mata-mata” foi entre Fluminense e Corinthians. No domingo 5 de dezembro o Maracanã recebeu um público de 176 mil espectadores, com 146 mil pagantes. Desses, cerca 50 mil eram torcedores corintianos. Os alvinegros paulistas também receberam o reforço de rivais do tricolor carioca. Inúmeros foram os torcedores alvirrubros, alvinegros cariocas, cruzmaltinos e rubro-negros a compor a torcida do Sport Club Corinthians Paulista naquela partida. Entretanto o destaque realmente ficou a cargos das caravanas de São Paulo que lotaram a cidade do Rio de Janeiro. O time corintiano vinha mal naquele campeonato, mas após cinco vitórias consecutivas a torcida começava a acreditar no possível. Somado a isso o presidente tricolor à época, Francisco Horta, havia declarado aos jornalistas, dias antes daquele jogo que “se a torcida do Corinthians é mesmo tão fiel como apregoam quero ver se ela irá ao Rio incentivar seu time na partida contra o Fluminense. ” A provocação foi comprada como missão a ser cumprida pela torcida corintiana. Naquele 5 de dezembro se daria “uma impensável loucura coletiva. ” (Neves, 2009)

O *Jornal do Brasil* em edição do dia seguinte (nº 242 de 6 de dezembro) estampou em sua capa uma fotografia da praia de Copacabana com grande lotação e a legenda “Cariocas foram maioria. Os paulistas saíram cedo. ” Logicamente em direção ao Maracanã. Juntamente com essa

imagem, aparece outra, das arquibancadas superiores mostrando “o entusiasmo da torcida do *Corinthians*, que ocupou meio Maracanã, e empurra o time para a frente, na vitória sobre o Flu. ” À página 11 o jornal exibia uma charge do cartunista Ziraldo na qual a imagem do Cristo Redentor, com as mãos ao pé do ouvido ouvia o ecoar de “Curinnn-tcha” vindo do chão, numa menção ao grito dos torcedores corintianos. Além de outra, também de Ziraldo, na página 20 em que um anjo sorridente ordena a torcedores alvinegros, que se encontram comemorando aos gritos de “curinnn-tcha”, “vivas” e risadas, que voltem pra casa “sem morrer, hem! Sem morrer”. Numa menção à invasão corintiana à cidade do Rio de Janeiro – como o evento ficou conhecido –, vê-se vários ônibus e aviões seguindo uma placa indicativa que mostra o caminho de São Paulo. Também e muito propiciamente o *Caderno de Esportes* daquele dia foi basicamente dedicado a partida entre o time paulista e o carioca. Em sua primeira página o destaque para o goleiro dos paulistas, Tobias, que defendeu dois penais. Abaixo, a legenda “*Corinthians*, a vitória de uma paixão. ” Também uma imagem de torcedores nas arquibancadas com uma faixa onde se lê: “a maior torcida do mundo, *no maior estádio do mundo* (grifo nosso). ” João Saldanha também assina uma coluna sobre a partida, que segundo ele fora “mais ou menos. Excessivamente medroso de ambas as partes”, mas ressalta nas primeiras linhas, o fenômeno ocorrido no Maracanã e na cidade do Rio de Janeiro, a “torcida do *Corinthians* que veio apoiar o time. ” O jornal mostra também as ocorrências policiais pela cidade do Rio naquele dia. Como a movimentação de torcedores foi muito intensa a Secretaria de Segurança recomendou aos policiais de plantão a resolução *in loco* dos casos menos graves que envolvessem violência, brigas, tumultos. As prisões e averiguações nas delegacias ficariam por conta de roubos, furtos ou casos que apresentasse lesões corporais. A 13ª Delegacia de Polícia, localizada em Copacabana “atendeu várias brigas de torcedores que se agrediram, inclusive, com garrafadas. ” Mas o jornal reitera que nenhum evento mais grave ocorreu. Os paulistas se dirigiram cedo ao estádio, por volta das 13h, passando antes pela praia, já os cariocas permaneceram mais tempo “aproveitando o mar e o dia ensolarado” o quanto puderam, antes de se direcionarem ao Maracanã. O relato da reportagem demonstra a inserção do estádio na vida da cidade do Rio de Janeiro. Aproveitar a paisagem natural e depois ir para o estádio era parte do entretenimento comum da cidade. As caravanas paulistas contaram com 100 ônibus só da *Fiel Jovem Torcida – Camisa 12*. Cada corintiano que contou com os serviços da organizada – cerca de 3 mil – pagou à época Cr\$ 150 para se deslocar de São Paulo ao Rio de Janeiro. De fato, os relatos trazidos por aquela edição do *JB*, mostravam a maior caravana de torcedores dentro

território nacional. Relatava o “chefão das caravanas”, Cláudio Faria Romero, de 22 anos, ao jornalista José Nêumanne Pinto:

Esta é uma viagem especial, meu caro. Nunca houve uma caravana tão grande. A média de ônibus quando o Corinthians viaja ao Rio é de 12. Agora temos que organizar a torcida em 100 ônibus. Nunca vi nada igual

A cidade do Rio de Janeiro só veria uma nova “invasão” após trinta e oito anos daquela mobilização de paulistas pela cidade. Referimo-nos à final entre Argentina e Alemanha. Mas esse evento veremos um pouco mais a frente.

Para muitos torcedores entrevistados notamos uma tendência em citar as décadas de 1970 e 1980 como se essas fossem os bons tempos do Estádio do Maracanã. Os de mais idade, se apegam na “áurea do Maracanã”, como mencionou o Sr. Marco Andrade, na tarde do dia 25 de setembro de 2015. Morador da Tijuca, encontrei-o fazendo sua caminhada matinal nos arredores do Maracanã, próximo à bilheteria 3. Chamou-me a atenção por vestir uma antiga camisa do Bangu A.C. e caminhar devagar, o que me permitiu uma aproximação e explicação das minhas intenções. Questionei qual a importância do estádio para a cidade do Rio de Janeiro e na sequência se ele era um torcedor do Bangu que frequentava tanto o Maracanã, quanto “Moça Bonita”, o estádio de seu alvirrubro.

Lá eu não vou mais, mas ainda venho aqui (Maracanã) porque moro bem perto. Gosto muito de futebol, embora essas “peladas” de hoje estejam duras de mais de se ver. Mas venho.

O Maracanã é o símbolo dessa cidade, não é! É bonito, tem charme, tem história. Quando viajo, eu viajo muito, e falo que sou do Rio e moro ao lado do Maracanã todo mundo admira. É realmente um privilégio. Já foi mais, mas ainda hoje é. Nada se compara ao Maracanã. Os grandes jogos lá de trás, os grandes jogadores do Brasil passaram aí. Todo mundo gostava de vir naqueles tempos. Criança, mulher, casais. Era muita gente. Até pra ver jogo que não valia nada. Hoje não tem ninguém em qualquer jogo. Só quando já vai sendo campeão que eu vejo ele (Maracanã) cheio. Antigamente não. No começo e no meio tinha torcida. Pra decidir, nem se fala. Era gente pra tudo que é lado. Mas hoje está bonito também. É e sempre será o “Maraca”!

Perguntei se ele achava que a razão de não ter público era o preço do ingresso e Sr. Marco não titubeou. Mencionou que

realmente R\$ 50 para ver Bangu e Vasco é muito dinheiro. Eu ainda não pago, mas você paga, meus filhos pagam. Aí eles – tenho 3 homens – querem ir lá em São Januário. Pra dois eu ainda tenho que pagar porque estudam, mas pagam meia. Mais transporte, porque não vou de carro pra lá. Aí fica caro. Realmente é um ou outro.

Já pela hora do almoço me dirigi a um bar bem em frente ao setor C do estádio, na rua Prof. Eurico Rabelo. Na mesa dois homens discutiam justamente sobre futebol. Pedi licença me apresentando e adentrei à conversa perguntando se ambos poderiam participar de uma pesquisa. Um se mostrou mais solícito, embora ressaltado que não queria ser gravado e que tinha compromisso há poucos minutos. Guardei o gravador e num caderno pequeno fui traçando anotando alguns pontos que já havia pré-determinado no questionário, como relatado na introdução desse trabalho, sempre andava com esse caderno para eventuais recusas ou demonstrações de incômodo dos entrevistados perante meu gravador.

- Ivan, torcedor do Vasco, morador do Andaraí, autônomo, 52 anos.

Assim, diretamente se identificou. Seu colega só falou: “Julinho”. Como notei um certo estranhamento preferi começar informalmente perguntando da crítica situação do Vasco da Gama naquele campeonato de 2015.

- É ‘rapá’, já era.

Tive a sensação de que seria uma entrevista perdida, mas logo em seguida me surpreenderia, justamente com o membro da mesa mais calado. Julinho perguntou meu time, sentindo-me incerto se deveria responder, desconversei dizendo morar no interior do estado do Rio e torcer pelo Volta Redonda F.C o que de fato é verdade, mas aquela não era minha primeira opção como torcedor. Mas foi justamente ali que a conversa abriu e então pude realizar meu trabalho.

-É em 2005 você tava aí, então, contra a gente. Naquele monte de ônibus de Volta Redonda.

Mencionava a final do Campeonato Carioca de 2005, quando o Volta Redonda chegou às finais contra o Fluminense e saiu derrotado com lances polêmicos. Respondi que infelizmente não pude vir, mas que havia acompanhado o jogo em casa com o coração dividido, pois também torcia

para o Fluminense. Naquele ano a prefeitura de Volta Redonda, motivada pela ótima campanha que o time havia feito – vencendo inclusive o primeiro jogo das finais pelo placar de 4x3 – fretou vários ônibus com empresas de transporte da cidade para deslocar cerca de 8.000 pessoas da “Cidade do Aço” para a “Cidade Maravilhosa”.

-Aquele jogo foi bom, o time do Voltaço era ‘certinho’, quase perdemos.

Então lembrei que aquele fora o último campeonato carioca antes das reformas para o Pan de 2007. O último jogo ocorrera em 17 de março e já no mês seguinte o estádio fechara as portas para atividades até janeiro de 2006 a fim de ter o campo rebaixado, cadeiras colocadas em todos os setores. Acabava naquele ano a “geral”. Julinho mencionara que a partir dali o Maracanã nunca mais foi o mesmo. E estava diferente. - Pra melhor ou pior? Questionei.

Não sei. Diferente. Pra quem viveu ali dentro é estranho entrar hoje. Mas ainda é o Maracanã. Tem magia ainda. Só não *pulsa mais* (grifo nosso).

- Mas que faz o estádio e o time pulsarem são os torcedores. Você acha que mudaram os torcedores também? Questionei.

Acho que mudou tudo. Não sei dizer. Porque quando a gente vai, ainda rola aquela emoção, aquele aperto de ganhar perder. Mas hoje até a chegada é diferente. Antes vinha “de mulão”, ‘né’ não “Nem”? Assim se dirigia a Ivan. O bonde! Chegava aqui a estação tremia. Mas hoje a galera vem na bagunça, mas é mais na deles.

Perguntei até quando o estádio era como ele narrava.

Até noventa e pouco. Não, 2000 ainda era assim. Aquela final mesmo tava cheia, tava bonita. Mas já não vinha muita gente por causa das brigas. “Tô” com 42 anos. Desde moleque que eu venho. Era muito melhor. Era barato, dava pra pular por cima, entrar por baixo. Sempre tinha um que torcia também e aliviava. Então todo mundo vinha. Agora não. Tem polícia, segurança, os caras do colete, câmera, cachorro... tudo vigiando. Se pisar errado o cara de “garfã”.

Quando me preparava para mais perguntas. Ivan se levantou e foi pagar a conta no balcão. Dei-me por satisfeito, me despedi agradecendo e me retirei. Deixando os dois de pé próximo ao caixa.

Notei, portanto, que valorização dos “outros tempos” era notória e talvez algo a explorar melhor nas próximas entrevistas.

2.3.3 Modernizações (?) no estádio: a era dos megaeventos.

O estádio passara ao longo de sua história por algumas modificações. Nos concentraremos nas que mais impactaram o formato especial interior, em nosso ponto de vista impactando, conseqüentemente no comportamento, ou melhor, na forma de torcer dentro do estádio.

Em 1992 o “maior do mundo” começou a passar pela primeira modificação em sua história contemporânea. Devido a um grave acidente na grade da arquibancada superior três pessoas morreram e oficialmente oitenta e sete receberam atendimento hospitalar. A grade se rompeu e os torcedores caíram de uma altura de quase quatro metros sobre as cadeiras do antigo setor 4. O jogo era entre Flamengo e Botafogo pela final do campeonato brasileiro e o Maracanã estava repleto, mais de 145 mil torcedores, a maioria de rubro-negros. O *Jornal do Brasil* (nº 103, 20/07/1992) do dia seguinte à tragédia mostrava o relato de alguns torcedores que diziam ter iniciado um tumulto em meio a

facção Raça Rubro-Negra. Os torcedores tentando escapar da confusão – alguns afirmam que houve uma briga, com tiros -, desceram correndo os degraus e pressionaram a grade, que não resistiu.

E de que estava tão cheio que

uma hora antes do jogo começar já não se via lugar na arquibancada. [...] torcedores se aglomeravam nos túneis de acesso às arquibancadas. Até a torcida alvi-negra, condensada num quinto do estádio, era uma cabeça atrás da outra.

Um torcedor relatava, “vim precavido, com um banquinho, mas a polícia me tirou na entrada” e a reportagem dizia: “mesmo na ponta dos pés não viu nada.” O “macete” de alguns torcedores era acompanhar o balanço da marquise. Caso de Norimar Rosa que trabalhava no Maracanã e sabia como identificar os resultados. “Se vier aqui da direita eu sei que foi gol do Flamengo. Se vier da esquerda é do Botafogo. E se vier do meio? É briga.”

O jornal menciona alguns fatores daquela tragédia. A superlotação no setor superior, a má conservação do alumínio da grade, o despreparo de policiais do estádio, bem como a falta de material para primeiros socorros, uma completa “falta de um sistema de atendimento ao torcedor”. Além disso, “a Televisão deveria transmitir o jogo para todo país, (por isso) os times entraram em campo com o estádio vivendo o tumulto. ” Entretanto, o Maracanã mostrou que vive da alegria do futebol, se dependesse da estrutura jamais será o melhor do mundo. ” Assim todo o problema do estádio em relação a estrutura física era posto à tona e exigia da Suderj a resolução para prevenir situações como aquela.

Também chama atenção uma pequena reportagem sobre os moradores e o entorno do estádio. Àquela época mencionavam assaltos, confusões e dias de jogo, tiroteios entre torcidas e o barulho de dentro do estádio. Mas havia também os entusiastas por habitarem próximo ao “maior do mundo. ”

Todas essas questões não eram exclusividade do Maracanã. Mesmo os outros estádios do país lidavam com questões parecidas e até os estádios europeus também sofriam com toda essa falta de preparo e estrutura de bem-estar do torcedor. Todo esse processo só seria alterado, não sem custo, com início no fim dos anos 1980 e entre as décadas de 1990 e 2000. No caso do Maracanã, esse evento trágico fez com que em sete meses algumas reformas fossem providenciadas como a troca de todo o sistema de gradeamento que servia como parapeito aos torcedores das arquibancadas superiores. O valor da obra foi estimada em Cr\$ 50 milhões.

Nos anos 2000 outra grande modificação foi a colocação de cadeiras no anel superior e inferior das arquibancadas. O “concreto frio” e com ar de obra inacabada, dava lugar a cadeiras plásticas amarelas e verdes visando um maior conforto e segurança para os torcedores. Lembrando que com a cadeira a tendência era a de poder controlar melhor a quantidade de indivíduos nas arquibancadas, além de prevenir as antigas concentrações desordenadas. Ainda se manteve o espaço da “geral”, onde não havia cadeiras, assento ou algo parecido. Manteve-se também o fosso de separação entre torcida e campo.

2.4 O Pan-Americano de 2007.

As principais modificações no início dos anos 2000 foram intensificadas entre 2005 e 2006. Visto que a cidade receberia os Jogos Pan-Americanos de 2007. Ao candidatar-se em 2000 e ser anunciada em 2003 como sede, a questão dos megaeventos estava colocada, bem como todo seu

debate com prós e contras. Nos ateremos brevemente à temática do Estádio Municipal Mario Filho, embora compreendamos que outras questões relevantes estão, por si só relacionadas, pois é nesse momento que o botão de *start* é acionado na cidade do Rio de Janeiro, chamando a atenção de autoridades políticas, figuras públicas, movimentos sociais, empresários, moradores dos locais afetados pelos jogos, enfim de um sem número de grupos direta ou indiretamente interessados. São postos no cerne da questão as temáticas como mobilidade urbana, direito à moradia, programas sociais de incentivo ao esporte, saneamento básico, questões ambientais – a despoluição da Baía de Guanabara, por exemplo –, segurança pública e outros temas. A palavra que começa a ser utilizada naquele momento para tratar o *posteriori* ao Pan é *legado* (grifo nosso). Qual seria o legado não só simbólico, mas físico, material, para a cidade do Rio de Janeiro?

Na revista ACAD Brasil, 2004, o então prefeito César Maia registrava: Preparamos uma ampla agenda de compromissos sociais a serem implementados, prioritariamente nas comunidades com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) mais baixo. Vamos ampliar o Programa Favela-Bairro, com investimentos de US\$ 1 bilhão, o que vai melhorar a vida de um milhão de pessoas... expansão do Sistema de Saúde da Família, aumento na proporção de alunos que concluem a 8ª série, redução da mortalidade infantil, complementação de renda, integração social da população de rua e muito mais... com os novos equipamentos que serão construídos para o Pan, vamos poder atender 750 mil crianças. (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, 2011)

Os Comitês Populares de eventos foram criados em várias capitais brasileiras. No Rio de Janeiro não seria diferente. Um relatório construído desde 2004 e lançado em 2011 pelo Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas demonstra vários dados referentes aos investimentos e promessas feitas em relação às temáticas já expostas acima. O mesmo estudo demonstra que à época a estimativa de gastos na casa dos R\$ 3,5 bilhões veio a se confirmar no relatório do Tribunal de Contas da União (TCU). Orçado em R\$ 128,6 milhões, a princípio, quando a candidatura fora anunciada, o valor inflou mais de 444% em 2006 e seguiu crescendo até o evento. Enquanto isso no Pan de 2011, em Guadalajara no México, não chegava a R\$ 2,5 bilhões.

A sociedade civil, porém, questionou através de suas instituições o “legado” de tamanho investimento. Visto que grande parte das obras tiveram que ser refeitas para eventos posteriores, como o velódromo de Jacarepaguá – desmontado e construído outro – ou foram abandonadas com o tempo levando a completa deterioração das instalações. Além disso é sabido pela experiência

posterior e também pela literatura acadêmica⁶³ que a especulação imobiliária se utiliza de um suposto legado material para a hipervalorização de áreas próximas e mesmo as construídas para o evento.

O Parque Aquático Julio Delamare, o Estádio Mario Filho e o Maracanãzinho custaram cerca de R\$ 304 milhões aos cofres públicos e parcerias privadas. A primeira estimativa era que a reforma do Maracanã atenderia às exigências vindouras, em caso de outros megaeventos. Visto que desde 1996 o Brasil cogitava candidaturas para a Copa do Mundo de Futebol e a para os Jogos Olímpicos. Entretanto, não foi isso o que ocorreu. O estádio seria fechado e reformado novamente. Para o Pan-Americano, como já mencionado acima, as cadeiras numeradas ocuparam o lugar da antiga “geral”, o gramado foi rebaixado em 1,40m para propiciar uma melhor visão do jogo, outras duas rampas de acesso foram adicionadas, os acessos às arquibancadas foram aumentados na largura, telões de alta definição foram instalados em cada canto na parte superior, a redução de capacidade de público. Tudo isso para que pudesse receber as cerimônias de abertura e encerramento dos jogos mais importantes do continente americano. Com os constantes fechamentos os jogos dos clubes cariocas, principalmente Flamengo, Fluminense e Botafogo – que além de ter seu estádio cedido ao COI e também passou por reformas estruturais por ocasião de uma fenda na estrutura de ferro de sustentação –, foram espalhados para outros locais, como o interior do estado do Rio de Janeiro e em outros estados da federação. Porém ressaltamos aqui que as reformas do Estádio do Maracanã serviram pouco a pouco para alterar toda a estrutura espacial interna e mesmo externa. As novas rampas construídas visando maior mobilidade e fluidez no acesso ao seu interior e até a marquise, que tombada pelo IPHAN, posteriormente daria lugar a uma lona visando a cobertura de uma área maior de cadeiras, as próprias cadeiras no lugar das arquibancadas. Enfim todo um processo de descaracterização da obra inicial visando o conforto e a segurança dos torcedores. A antiga lógica de cidade esportiva dava lugar a cidade dos megaeventos, cada vez mais com um determinado nicho da população excluída dos processos de decisão e mesmo do que se convencionou chamar de legado.

⁶³ Ver por exemplo Magalhães, 2013.

2.3.3.2 A Copa do Mundo de Futebol e o *New Maracanã*

Construído para a Copa do Mundo passados exatos 64 anos daquele evento o estádio municipal Mário Filho ⁶⁴, ou Maracanã, o seu segundo campeonato mundial de futebol. Após todos esses anos, muitos já eram os grandes estádios brasileiros, praticamente um por estado da federação e após diversas reformas arquitetônicas o estádio carioca já não poderia mais ser chamado de “o maior do mundo”. Sua capacidade foi sendo reduzida desde 2005 e muitos dos seus espaços, antes considerados clássicos, foram extintos em defesa da segurança dos torcedores e do conforto a ser proporcionado aos mesmos.

O anúncio de que o Brasil seria a sede da Copa de 2014 se deu sete anos antes. A 30 de outubro de 2007 a *Fédération Internationale de Football Association* tornou real a oficialização do evento esportivo. Não sem antes submeter a sua avaliação, ao dossiê de candidatura do país que

dadas as exigências da FIFA em termos de infraestrutura, o Brasil seria o país cuja economia teria condições de suportar, sem maiores sobressaltos, os investimentos demandados, além de ser um país no qual o futebol é o esporte hegemônico, sem contar o seu potencial turístico e sua reputação de hospitalidade. (Damo, 2013)

As exigências da FIFA englobavam muitos quesitos com finalidades exteriores ao universo do futebol. Desde tópicos como o fluxo urbano, melhorias de saneamento básico e outros aportes benéficos às cidades sede até, obviamente, a modernização das praças onde os jogos são realizados. Daí a ideia deste megaevento, bem como as Olimpíadas, ganharam a alcunha da “oportunidade” (grifo nosso) e não do fardo (Damo, 2013). Oportunidade de melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, de atração do capital empresarial para investir tanto em comércio, como em lazer e infraestrutura urbana, exploração do capital turístico, enfim, um sem números de ações capazes de “revitalizar” os locais das cidades e o seu próprio *modus vivendi*.

A inspiração maior da chamada “oportunidade” ao se realizar um megaevento talvez seja Barcelona, ou melhor, Barcelona 1992⁶⁵. A construção desse discurso, inclusive por autoridades

⁶⁴ A mudança de nome do homenageado ocorreria em 1966, após a morte do jornalista e irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, como uma forma de lhe tecer a honra pelo estádio que se empenhou em apoiar.

⁶⁵ Nos ateremos brevemente nesse ponto, visto que uma explanação mais longa poderia nos fazer desviar do intuito principal. Para mais detalhes sobre a cidade de Barcelona ver Limonadi (2005).

políticas, vive graças a revitalização promovida na cidade catalã. Limonad (2005) demonstra uma realidade para fora do *sensu comum* de cidade exemplo. Se por um lado a concretude do surgimento de uma “outra” Barcelona a partir de 1992 é verdade que a mesma apresentou uma

larga trajetória espaço-temporal [...] rumo à globalização e a uma gradual degradação e fragmentação da cidade, bem como a uma alienação de seu uso e apropriação por parte de seus habitantes.

Logo infere-se do argumento da geógrafa e arquiteta que a cidade possuiu processos que também deixaram de lado uma parte da população, contrariando assim o discurso construído de um modelo único e “saudável” no refazimento da cidade de Barcelona. Limonad ainda demonstra uma amplitude de diversidade em diversos pontos daquele local. Não só a cultura se diversificara, mas também os modos de se operar e viver nos processos culturais. Barcelona, como muitas grandes cidades é múltipla, existindo e coexistindo “múltiplas Barcelonas”. Como Barcelona, o Rio de Janeiro também é “tal qual um mosaico de Gaudí”.

O “modelo Barcelona”⁶⁶ foi muito citado quando se iniciou, ainda em 2007, o “momento Rio”. Com a estimativa da realização de todos os megaeventos mais populares no Brasil, tendo a cidade do Rio de Janeiro figurando como uma das principais sedes desses eventos, a “oportunidade” de mudanças na vida urbana, bem como ressurgimento dos próprios espaços, revitalizando-os, estava posta em voga. Para tanto, muitos locais consagrados da vida carioca seriam reconstruídos, revitalizados, modernizados, aproveitando a “oportunidade” dos megaeventos. E após o Pan-Americano de 2007, o momento era do futebol. Era a vez da Copa do Mundo do esporte mais popular do planeta. Era a vez do Estádio Municipal Angelo Mendes de Moraes, digo Mário Filho; ou melhor, Maracanã.

No início desse capítulo dedicado ao estádio vimos que o seu surgimento nasce no seio de um debate político nacional-desenvolvimentista. Um dos pontos dessa esfera é justamente o setor público, por isso o estádio foi construído pelo e para o município. O grande fomentador dessa política era justamente o Estado. Com o retorno da Copa do Mundo ao Brasil em 2014 a situação já era bem diferente daquela conjuntura dos anos 1950. No universo do futebol o setor privado já angariara para si os modelos eficazes de administração e gestão – como vimos no capítulo 1.

⁶⁶ O conceito de “modelo Barcelona” aparece de passagem na obra de Limonad (2005). Para mais detalhes ver a crítica de Borja (2005).

Embora haja nuances e variáveis regionais em todo o globo terrestre, alguns lugares com “mais capitalismo” outros com menos, a mercantilização do esporte na contemporaneidade é tão notável em qualquer extremo do planisfério.

Em se tratando de observar os estádios de futebol, bem como as torcidas que nele compõe parte do espetáculo tendemos a apontar as transformações ocorridas de modo geral nesses espaços de emoção. Os primeiros modelos de gestão dos estádios se concentravam ou na propriedade de um clube ou na administração estatal. São Januário, Laranjeiras, no Rio de Janeiro, o antigo Parque Antártica em São Paulo são exemplos do primeiro modelo. Pacaembu e Maracanã, no segundo. Se por um lado os estádios pertencentes aos clubes, em tese são privados, na prática os donos desses locais são justamente os sócios, pois a legislação brasileira proíbe a obtenção de um clube por empresas. No entanto, o que temos visto no futebol, em se tratando dos estádios, é um fenômeno que já ocorre nos Estados Unidos desde os anos 1980 em outros esportes, mas mais significativamente na *National Basketball Association* (NBA). A mais rica liga de basquete do mundo incentivou suas franquias a conceder a administração de seus ginásios à iniciativa privada, isentando os clubes de alocar recursos às custosas manutenções nas dependências permitindo que os interesses se voltem para outras áreas. O que vemos então, são nomes de empresas aéreas, multinacionais de fast-food, empresas de telefonia, redes bancárias e etc. estampados *on the floor* das quadras que por ora são chamadas *arenas*. Seguindo esse caminho alguns times europeus de futebol deram esses passos ainda nos anos 1990. Mas foi nos anos 2000 que essa forma de administração se disseminou mais fortemente. No Brasil esse processo é ainda primitivo e não se tem apontamentos que vingará. As empresas não criaram grandes parcerias com os clubes para promover tais obras. Podemos apontar dois motivos, o primeiro deles diz respeito diretamente à publicidade das marcas que tendem a ser estampadas nas camisas dos clubes, diferentemente da *NBA*, com investimentos que podem variar de acordo com o valor do clube, estimativa de torcedores e mesmo do resultado em campo. Outro caso e o que muito nos importa nesse momento é que as empresas que se associaram na construção de estádios tiveram preferência por parcerias com os setores públicos, por vários motivos, mas por se mostrar mais rentável e de retorno certo, visto que se por um lado a burocracia estatal compromete a celeridade de determinados processos, por outro ela é a garantia mais que exata de retorno financeiro e prevenção a determinados tipos de calote. Foi exatamente dessa forma e na conjuntura de um grande evento que o Estádio Mario Filho passou à administração privada, após sua reforma. Uma das cláusulas entre a Prefeitura do

Rio de Janeiro e a construtora Odebrecht S.A era justamente a exploração do espaço e dos serviços por essa última em troca de um pagamento mensal ao poder público. Uma espécie de Parceria-Pública-Privada, também conhecidas como PPP's.

Com a escolha do Brasil como sede da Copa de 2014 o argumento da “oportunidade” foi logo escolhido e defendido pelo poder público e também por parte do grande nicho do setor privado, principalmente os dedicados ao turismo e a construção civil. A sociedade brasileira no geral se mostrou passiva no início do processo. Em 2007, quando da escolha, o Brasil contava com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores), um entusiasta do evento e apreciador de futebol, principalmente do Corinthians. Damo (2013) demonstra as aproximações do Governo Federal e do poder público com a entidade máxima do futebol mundial através da própria Confederação Brasileira de Futebol, traçando, assim toda uma rede de contatos e benefícios para ambas as partes no caso da escolha do Brasil (Damo, 2012). Alguns setores que poderiam se mostrar contrários a todo aquele processo estava de certa maneira apaziguado com a liderança de um governo historicamente defensor de causas sociais e até com uma inclinação política à esquerda. Isso mudaria com o passar dos anos, principalmente quando as contradições começaram a assolar o Partido dos Trabalhadores em se tratando das obras para a Copa e dos reais benefícios para as populações das cidades. Assim, grande parte dos movimentos sociais acharam respaldo em uma parcela significativa da população e da mídia. Era comum durante os anos próximos ao evento, reportagens sobre os “atingidos pela Copa”, em várias cidades. No Rio de Janeiro não seria diferente.

Voltando ao Maracanã a proposta inicial de reforma também comprometia suas estruturas anexas. A Escola Municipal Friedenreich seria demolida no projeto inicial para dar lugar a quadras e o Museu do Índio em uma ampliação de vagas de estacionamento. Mas a pressão popular forçou as esferas públicas a recuar. Contudo, visando atender as especificações da FIFA o que ainda restava do antigo Estádio Municipal foi posto abaixo. O Maracanã fora praticamente destruído e um “novo” estádio erguido em seu lugar. Como se pode atestar nas comparações das plantas baixas com os modelos de 1950 e 2014 (anexos).

Ao custo final de R\$ 1,5 bilhões, dados divulgados pelo próprio Governo Federal, o *New Maracanã* teve a capacidade reduzida para 78,8 mil pessoas. Possui quatro telões de alta definição, cerca de 230 banheiros e 60 bares/lanchonetes, camarotes e áreas *Vip* e cadeiras numeradas.

O relatório apresentado em abril de 2011 e aprovado pelo próprio Tribunal de Contas da União colocava a posto alguns itens a serem observados. No próprio ficava isento qualquer irregularidade na firmação do contrato entre as partes interessadas; de um lado o Estado, do outro a construtora Odebrecht. Também estipulava as cláusulas observadas entre o chamado *Consórcio Maracanã* que a posteriori seria a administradora do estádio no lugar da antiga Suderj. Colocava a par o relatório, em sua página 2, os itens abaixo:

6. Características do Projeto:

6.2. Por meio da Concorrência 045/2010/SEOBRAS, foi selecionada empresa para a elaboração do projeto executivo e execução de obras de reforma e adequação do complexo Maracanã. *O vencedor foi o Consórcio Maracanã, liderado pela Empresa Odebrecht Serviços de Engenharia e Construção S/A com a proposta de R\$ 705.589.143,72;*

6.3. *O projeto contempla a modernização geométrica e espacial do **complexo do Maracanã**, para adequá-lo ao padrão internacional de arenas esportivas, e atender às exigências da FIFA, previstas para a realização da Copa do Mundo de 2014.*

6.4. Capacidade: 76.525, com restrição da capacidade para 75.027 espectadores durante os jogos da Copa do Mundo;

6.5. Custo do projeto: R\$ 705.589.143,00, referentes a estudos e projetos, obras civis, montagens e instalações (automação), móveis e utensílios (cadeiras) e BDI (16%);

6.6. Fontes dos recursos (quadro de usos e fontes do Relatório de análise):

i. R\$ 400.000.000,00 captados pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro junto ao BNDES; e ii. R\$ 305.589.143,72 constituídos por recursos próprios do Tesouro Estadual.

6.7. Garantias para o financiamento junto ao BNDES: *será fornecida pela União;* (Todos grifos nossos)

Ressalte-se o valor da obra, bem como a garantia dos recursos através do poder público. Além disso chamamos atenção para a reforma e readequação de todo o Complexo do Maracanã e não só do estádio. Também chamamos atenção para os interesses em torno do próprio Complexo. À época, vinculou-se nos principais jornais do país o interesse de se construir ao lado do Maracanã um Shopping Center, além de diversas lojas, um verdadeiro complexo de entretenimento que não teria o futebol como protagonista e muito menos a população em geral. Como já dissemos, projetos foram logo abortados pela pressão popular que se exerceu sobre as esferas públicas.

O relatório do TCU também apontava um estudo – a partir dos dados da própria Suderj – em que se concluíra que a administração do estádio era deficitária e isso parecia um entrave para a realização das obras. Tanto que o TCU sugere a liberação de 20% a mais do valor para a melhoria da gestão e administração do espaço, considerada ainda no relatório que o espaço seria administrado pelo Estado na figura de sua Superintendência e não a passagem do Complexo do Maracanã à iniciativa privada. À página 3 tais questões eram postas, sendo inclusive uma crítica

dura à forma como os dados foram apresentados pelo Governo do Estado a fim de “mitigar o risco de má gestão do complexo esportivo.”

9.2. Estudo de viabilidade econômica da arena, com foco na sustentabilidade financeira no longo prazo e na solução de gestão (arenas): o Governo do Estado do Rio de Janeiro apresentou o estudo preliminar de viabilidade econômico-financeira do Estádio do Maracanã, elaborado pela Secretaria Estadual de Obras. Embora o referido estudo aponte viabilidade operacional da arena, o BNDES ressaltou [...] que, segundo dados da SUDERJ, de 2007 a 2009, o complexo do Maracanã é deficitário, tendo como uma de suas principais receitas o aporte de recursos do Tesouro Estadual. Nesse sentido, e considerando que a projeção de superávit do estudo de viabilidade econômica está embasada em premissas agressivas, como forma de mitigar o risco de má gestão do complexo esportivo e a conseqüente continuidade de dependência de recursos do Tesouro Estadual, o BNDES condicionou a liberação de parcela superior a 20% do crédito à contratação de estudo que contemple a elaboração de um plano de melhoria de gestão, governança e transparência para a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ), entidade que administra o estádio, bem como para o complexo esportivo do Maracanã.

Afora algumas irregularidades o TCU foi unânime em votar pela aprovação dos recursos, ressaltando insistentemente a necessidade de acompanhamento da alocação de recursos pelos órgãos competentes da Banco Nacional do Desenvolvimento Social (BNDES) e da Caixa Econômica Federal, visto que os recursos sairiam diretamente desses bancos estatais.

Para a realização, como já visto, necessitava-se da adequação dos estádios brasileiros – agora nomeados de *arena* – aos padrões detalhados pela FIFA em seu *Estádios de futebol. Recomendações e requisitos técnicos*. Um documento reatualizado no ano de 2011 pela entidade máxima do futebol. De uma extensão considerável, suas 217 páginas mencionam cada detalhe na padronização dos estádios que são escolhidos para sediar os jogos em qualquer fase da competição. São doze itens que elencam os padrões a serem apresentados a Comissão Técnica da entidade em avaliações constantes durante todo o processo de adequação e um parecer positivo pouco antes do evento. São tais pontos: 1 – decisões na fase de pré-construção; 2 – Segurança física e patrimonial; 3 - Orientação e estacionamento; 4 – Área de jogo; 5 – Jogadores e árbitros; 6 – Espectadores; 7 – Hospitalidade; 8 – Mídia; 9 – Iluminação e energia; 10 – Comunicação e áreas adicionais; 11 – Futsal e futebol de areia e 12 – Instalações temporárias. Estes se subdividem em vários outros itens, que por questão de espaço não serão tratados aqui. Chamamos atenção, contudo, para o ponto 6, que trata dos “espectadores”. A própria conceituação parece tratar de seres passivos dentro de um estádio de futebol. Mas como bem sabemos e sugeriremos mais à frente o próprio futebol se

reinventa a cada nova etapa que a ele é imposta. Quando tratarmos do relato dos torcedores durante a Copa do mundo em jogos no Rio de Janeiro exporemos mais nossa interpretação.

Ocorre que o item citado acima, à página 109, especifica o nível mínimo de conforto para os espectadores que “devem ficar sentados. Os assentos devem ser individuais e fixados à estrutura, confortáveis e com encostos com altura mínima de 30 cm para fornecer apoio”. A padronização do espaço parece influenciar também o comportamento de cada torcedor. Mas o item também menciona que “é importante que todo o processo de entrada não seja estressante ou desnecessariamente demorado” a fim de não tumultuar o processo de entrada no estádio, evitando confrontos e conflitos entre torcedores.

Com a construção do novo estádio as antigas cadeiras cativas, aquelas das intensas campanhas do *Jornal do Sport* tiveram sua titularidade questionada pelo consórcio que administraria o estádio. Um conflito a ser resolvido pelas novas administrações do novo espaço que seria o *New Maracanã*. Quando souberam que poderiam ter um direito extinto, muitos donos das cativas perpétuas entraram em contato com a Suderj – que a princípio não sabia como resolver o imbróglio, já que não seria ela a administradora, mas o consórcio. A Justiça foi acionada e garantiu o direito aos interessados em permanecer com as cadeiras. Após a construção e passagem do estádio à iniciativa privada houve a intenção de cobrança de uma nova “*taxa administrativa*” dos titulares e/ou herdeiros das cativas, o que foi derrubado em Tribunal. A administradora do estádio juntamente a Suderj realizou um recadastramento das cadeiras, modificando através de sorteio, inclusive os locais das mesmas. No antigo Maracanã as cadeiras eram reservadas nos locais: quadras A e B; e setores 1, 2 e 3. Com o novo desenho interno do Maracanã elas foram relocadas nos Setores A, B, C, D e E, como compara a imagem 10. Ao todo foram recadastradas 4.968 titularidades de 5.000 constantes no cadastro oficial. Por um fio toda aquela campanha feita em 1950 que ajudou inclusive a financiar o Estádio Municipal não seria posta abaixo pelo novo modelo de gestão do novo estádio.

Nos processos finais de escrita e revisão desse trabalho surgiram várias denúncias de corrupção feitas por políticos e empresários que ligavam a construtora responsável pela obra do Maracanã em escândalos de corrupção. A mídia esportiva veiculara, tempos antes, sobre uma possível devolução da administração do estádio a Prefeitura do Rio de Janeiro. O Consórcio Maracanã – inicialmente formado por Odebrecht S.A, IMX e ASG – vencera a licitação pública para administrar o estádio por trinta e cinco anos, pagando por isso uma quantia de R\$ 181,5

milhões, divididos em parcelas anuais de R\$ 5,5 milhões. Um valor muito abaixo dos recursos empregados pelo Estado na construção. Após menos de dois anos de administração o Consórcio Maracanã anunciou a devolução do estádio à iniciativa pública. Já quando houve a impossibilidade de se construir o almejado complexo de entretenimento no lugar do Complexo do Maracanã, os executivos do Consórcio Maracanã – que atualmente não conta mais com a IMG –, alegaram que a mudança no projeto original inviabilizaria a continuação da parceria, pois a renda só com os eventos no estádio seria deficitária para o conglomerado de empresas. A situação se agravou nos primeiros meses de 2016 com a prisão dos principais executivos da Odebrecht acusados de corrupção e superfaturamento em licitações públicas. Estes chegaram a delatar o ex-governador do Estado, Sérgio Cabral, por cobrar propinas na reconstrução do Maracanã e nas obras do metrô na cidade do Rio, como mostra o *Valor Econômico* (28/06/2016). O Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ) também solicitou ao Ministério Público Estadual a devolução de cerca de R\$ 93 milhões, pagos indevidamente a construtoras. Segundo o TCE os valores contavam de propinas e materiais supervalorizados para a reconstrução do Estádio, como bem noticiou *O Globo* (23/03/2016). Conclui-se que o Estádio que teve o aumento de orçamento no valor inicial até o custo final devido a essas manobras entre o setor público e o privado numa relação de reciprocidade e existência. O capital de fato necessita do Estado!

Todo o estádio do Maracanã, como os outros que também foram sede de jogos, se adequaram a essa padronização. Todo o interior foi modernizado a partir das especificações do documento citado. Cadeiras, que já existiam, instalações sanitárias, estacionamentos, também o entorno, tudo fora modificado no estádio. Isso gerou vários debates em meio aos torcedores e também no meio acadêmico. Poderia essa modernização afetar a forma de torcer? Seria ela um caminho para a “elitização” dos espaços torcedores? Questionamentos que motivaram esse trabalho, numa tentativa de buscar o mínimo de respostas e encontrar determinados apontamentos. Quem poderia responder tais problemas? Muito provavelmente os próprios torcedores, aqueles que estavam ou que estiveram um dia dentro daquele que fora chamado pela imprensa como o “*Colosso do Derby*”, o “Gigante do Maracanã” ou “O maior do mundo”. Alcinha que nos idos de 2014 já não poderia ser direcionada àquele novo estádio construído às margens da avenida homônima. Diferentemente daquele erguido entre 1947 e 1950, o de 2014 também era rodeado por uma Universidade, pelo morro de Mangureira, pela estação do trem, mas já não aparentava a imponência interna dos grandes estádios construídos no século passado. A ponto de em uma entrevista ouvir,

tanto faz entrar no Maracanã, no Mineirão, no de Brasília (Mané Garrincha). Só muda a cor das cadeiras. É bonito, tem conforto, mas se eu fosse jogador não sentiria medo do outro time por jogar na casa dele. São campos como outros quaisquer.

Passado todo esse tempo o Rio de Janeiro viu um dos seus principais cartões postais perder sua essência, mas seriam capazes os torcedores de reinventá-lo, reestruturando suas formas e maneiras de torcer em um estádio que pouco lembra o monumento de outrora?

As relações dos torcedores no espaço do Maracanã em alguns casos se mostram bem diferentes das épocas, como demonstra o depoimento de Reinaldo Oliveira Filho. Torcedor “enlouquecido pelo Flamengo”, como se denomina, e morador de Bento Ribeiro - subúrbio carioca -, aos 72 anos já perdeu as contas de quantas vezes foi ao Maracanã. Sr. Reinaldo me recebeu em sua casa no bairro “onde se toca samba o ano inteiro”, como dizia o samba *Depois de Madureira*. O conheci através de seu filho, Reinaldo Júnior, também rubro-negro, a quem entrevistei no Maracanã. Ele quem me indicou seu pai. Disse-me: “Ele tem histórias de lá. Mas vai ter que ir lá em casa.” Logo me prontifiquei para alguns dias depois. E chegando fomos a entrevista.

- Ia muito. Era acordar, almoçar, brincar com as crianças e ia pro bar. Dali pegava o trem e ia. Antes do trem era a condução mesmo. Vi de tudo naquele lugar. Ganhar, perder... mas, mais ganhar do que perder. É Flamengo, não é! Tive tristezas medonhas como o pênalti que o Tita perdeu [Vasco x Flamengo em 1977] e algumas pro Casal 20 [referência a Assis e Washington do Fluminense], negros desgraçados! Mas vi Zagallo, Tita, Adílio, Galinho de Quintino [Zico], Júnior, muita gente boa. – Você viu seu time campeão do mundo, meu filho? Eu vi o meu!

Indaguei sobre quais lugares que ele frequentava no Maracanã.

Ah! Em tudo! Já vi jogo dentro do campo! Tinha um sujeito que trabalhava lá e ele punha uma *cambada* pra dentro. Se fosse jogo sem importância, desses aí contra Americano, Olaria a gente via de pertinho. Mas ia muito pra geral mesmo, perto do fosso, ali era barato, isso quando pagava e ficava gritando e com o radinho no ouvido.

Sobre hoje Sr. Reinaldo diz que não vai mais por causa da saúde.

Meu filho vai. Diz que é bonito. Eu só vejo na Globo né. Agora tem a pirata também [tv a cabo sem assinatura oficial] aí passa tudo.

Outro personagem cujos depoimentos foram interessantes, responde pelo apelido de *Tri*. João Augusto de Castro Rangel advém de uma família de botafoguenses. E graças ao pai foi

jogador da base do clube. Com exatos 60 anos e residente em Niterói, onde nos encontramos, diz não ter filhos mas incentiva os sobrinhos a seguir torcendo pelo Botafogo.

De vez em quando eu vou ao estádio. Hoje o pique é outro e tem a violência também. A torcida do Botafogo ficou muito barra pesada. Na época do *Russão* a briga ficava entre eles e era mão na mão. Hoje os caras vêm armados e machucam criança, adolescente, pai, mãe... Evito. Mas as crianças quando estão aqui querem ver o Flamengo! Eu acabo indo! Crianças, não é!”

Não poderia ser diferente, cresci no Botafogo. Meu pai viu o tetra carioca! Somos solitários até nisso. Os únicos a ter 4 consecutivos [de 1932 a 1935]. Eu não gostava muito de esportes, mas de futebol de botão. Até que meu pai me levou pro campo do Botafogo e falou com o pessoal. Ele vai treinar aqui e jogar bola no clube. Meu pai conhecia todo mundo lá. Tive um tio no remo. Entre 68 e 70 eu jogava lá. Até que um dia fomos jogar no Maracanã contra o juniores do Bangu. Quando entrei e vi a torcida eu fingi amarrar as chuteiras e comecei a chorar. Eu queria ir pra casa. Correr dali. Tinha muita gente porque depois o time principal jogaria. Minhas pernas bambearam tanto que não conseguia correr. O técnico me substituiu com 5 minutos. Nunca mais joguei bola, mas nunca deixei de torcer pelo Botafogo. Sempre que estava no Rio ou em Niterói eu ia. Ia muito pra arquibancada mesmo, mas não gostava de ficar com as charangas ou jovens [torcidas organizadas jovens], gostava do meu cantinho atrás de um gol e ficava lá com meu pai. Mas era bonita aquela torcida.

Sr. Reinaldo por sua condição social frequentava prioritariamente os locais mais baratos, a *geral*, por exemplo. Enquanto *Tri* possuía outra relação com o estádio, pois foi jogador e possuía uma condição financeira melhor, frequentava as arquibancadas. Entretanto, mostrou-se tolhido pela grandiosidade do estádio, ao atuar pela primeira vez em um jogo naquele lugar.

Analisando as memórias do já citado jornalista Oldemário Touguinhó, o mesmo revela a importância dada a determinados setores do estádio. Locais mencionados como espaços de distinção, onde somente determinados indivíduos teriam a prioridade de estar. Um desses locais privilegiados era a Tribuna de Honra. Para nela adentrar eram necessárias vestimentas consideradas “adequadas”. Aos homens somente de paletó e gravata. Mas Oldemário menciona a vulgarização do espaço que era “frequentado por reis e príncipes. A Rainha Elizabeth, por exemplo”. E continua em tom de decepção a falar sobre uma possível vulgarização e abertura deste setor a pessoas comuns, ou sem reconhecimento social que as torne gabaritadas a frequentar o espaço e assim valorizá-lo.

Hoje pode entrar com qualquer roupa e futuramente vão acabar permitindo bermuda. (...) A Tribuna deixou de ser austera (...) hoje qualquer bundão pode acabar na Tribuna de Honra.

Os espaços, para o respectivo jornalista, perderam importância diante da perda de identidade do estádio. Ao aceitar qualquer um a Tribuna perderia sua principal função, a de manter as honrarias e a distinção social a quem nela estivesse. Em contrapartida há em sua obra sobre o Maracanã o reconhecimento do espaço popular, a geral. Para Touguinhó ela “sempre foi uma das grandes atrações do Maracanã, porque seu torcedor era um tipo especial no futebol, com personalidade marcante.” Ele reconhece e menciona a carnavalização daquelas personagens. “Uns se pintavam, se fantasiavam ou inventavam tipos. Era um dos melhores lugares para se ter emoção.” Talvez pela proximidade com o campo, outrora separado apenas pelo fosso de três metros de profundidade por três de largura. “Ali era o local onde os jogadores lançavam suas camisas após uma vitória ou um gol emocionante”, lembra *Tri*. Para Oldemário Touguinhó que escreveu suas memórias em 1998 e não viu as últimas reformas

a geral foi fechada muito mais pelo interesse comercial das placas de anúncios instaladas à beira do campo, que tiraram definitivamente a visão do torcedor, que por recomendação da FIFA, que só permite jogo com torcedor sentado.

Os depoimentos mostram algumas das relações de proximidade com o estádio, como um lugar de emoção, de relações entre pessoas e seus clubes, relações de reconhecimento e pertencimento. No próximo capítulo daremos tratamento às entrevistas pretendendo confrontar os pontos de vistas sobre o espaço a fim de se verificar como as pessoas lidam/lidavam afetivamente com os espaços do Maracanã. Se estas relações foram alteradas a partir das determinadas reformas bem como se uma nova forma de torcer vem sendo verificada é o que pretendíamos nos início das pesquisas.

3 Novos e velhos personagens

3.1 Torcer e torcedores. Representações e memórias.

Arriscamos um palpite: não haveria futebol sem uma categoria essencial para vários aspectos do jogo. Os torcedores. Eles são responsáveis pelo incentivo, mas também podem “jogar contra” o time. Fazem cair técnicos, “trazem” ou afastam jogadores, perseguem aqueles que não demonstram resultados satisfatórios ou uma entrega razoável em campo, tem apreço ou desprezo por determinados jogadores e até se relacionam de maneira direta e amigável com alguns. Podem

fazer do estádio um espetáculo, com fogos de artifício, instrumentos musicais, mosaicos, mas também levar o caos os espaços torcedores quando se utilizam de violência⁶⁷. São “organizados”, “uniformizados”, “femininas”, “jovens”, “*queers*” ou sem vinculação alguma. Categorizar essa “categoria”, se assim podemos chama-los, é um desafio para qualquer pesquisador. Ela, por si só, possui múltiplas facetas. O que tentamos com nossa pesquisa é apresentar algumas delas, como já explicitamos na introdução, a partir das relações com o e no, Maracanã.

No Brasil, a palavra *torcer*, como identificador daqueles que apreciam o futebol e escolhem um clube como preferencial se originou no início do século XIX, quando a implementação de clubes de futebol começou a levar aos estádios uma parcela de jovens e adultos da *high-life* com seus lenços. Estes eram torcidos no decorrer da partida e logo o ato daria nome àqueles que se dirigiam às arquibancadas para, enfim, torcer por uma agremiação. Na Itália são *tifosi*, ou seja, associados ao tifo, uma patologia epidêmica, contagiosa e parasitária. Seria o futebol essa doença contagiosa? Muito provavelmente. O esporte mais popular do mundo não detém esse título à toa e não lhe foi outorgado da noite para o dia. Ainda que hoje seja visto como um jogo simples, capaz de se fazer entender tanto pelo doutor quanto pelo iletrado, ele – o futebol – passou e passava pelas diversas classes sociais. Desde sempre arrastou um público invejável a outros esportes, que se valem da preferência regional para angariar multidões aos seus parques esportivos. O *football* americano tem sempre seus campos cheios, da primeira à última partida da temporada. Mas restringe sua popularidade a América do Norte. Já o futebol, de bola nos pés, é popular na China, Brasil, na Islândia. E só é popular aquilo que requer povo e atinge o gosto do povo.

3.1.2 Nostálgicos ou saudosistas? Que saudade do velho Maracanã!

“Que saudade do velho Maracanã! ” Foi exatamente dessa forma que se iniciou uma das primeiras entrevistas que realizei próximo ao Estádio Mário Filho. Era quase fim de tarde de uma quarta-feira, 12 de agosto de 2015. Havia marcado encontro com dois membros de uma torcida organizada no centro da cidade, mais propriamente em um bar próximo ao Teatro Municipal. Já tinha se passado uma hora do horário predeterminado e nenhum dos meus possíveis entrevistados

⁶⁷ Muitos são os estudos concentrados nas Ciências Sociais e Humanas capazes de debater, não só a violência no universo do futebol, como outras questões que às vezes aparecem nesse trabalho. Não aprofundaremos determinados temas, pois exigiria mais tempo de pesquisa e espaço para escrita. Nos deteremos naqueles, quando necessário, que apareceram nas entrevistas da pesquisa.

estavam presentes. Pelo celular enviei mensagens, sem retorno. Restava esperar mais um pouco, pois ambos trabalhavam também por aquelas redondezas. Como as horas passavam e parecia ter minha tentativa frustrada me dirigi ao Maracanã. Como atividade para não perder a viagem pensei que pelo menos poderia fazer abordagens ao redor do estádio, já que era dia de jogo. Cheguei já com um pequeno movimento de torcedores e ambulantes. Parei próximo a um grupo de jovens que pareciam estar em êxtase por estarem ali pela primeira vez. Talvez seria um bom grupo para responder algumas perguntas, mas desisti e me voltei a um ambulante credenciado por uma empresa de sorvetes, no intuito de comprar algo para me saciar. Ele também observava aquele grupo, provavelmente com o intuito de lhes lançar um olhar que chamasse a atenção ao seu produto. Quando me voltei a ele, aquelas palavras me foram dirigidas. E prosseguiu: “eles ó, não viram nada!” Fiz-me de desentendido, mas no fundo já sabia do que ele falava. Foi aí que me apresentei formalmente; por ter visto ali, por detrás daquele jaleco azul e um carrinho de picolé, um torcedor.

José Ananias, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1960, mais precisamente em 1967. Chegou com dois irmãos mais velhos e o pai, vindos de São João Nepomuceno. Torce pelo Flamengo desde os 11 anos de idade, quando deixou a cidade mineira e em busca de trabalho foi morar na Penha com um tio e os recém-chegados. É aposentado, mas “faz bicos” para complementar a renda e ajudar a manter filhos e netos. Quando iniciamos, nossa conversa-entrevista eu deixei claro que não iria lhe atrapalhar no seu ofício e quando necessário poderia se afastar sem problemas. Eu lhe perguntei o que aqueles jovens que se revezavam em fotos diante do estádio haviam deixado de ver.

Ah, eles não viram o Maracanã de verdade. Você viu? Esse aí é só plástico. O que que há lá dentro? Vê na televisão que é colorido – se referindo às cadeiras –, mas não parece nem de longe com o Maracanã de antes. O último jogo aí que me arrepiou foi o Flamengo campeão – Campeonato Brasileiro de 2009. De resto, meu filho é plástico. Plástico e caro.

Questionei quais as diferenças daquele Maracanã de 2009, desse construído para a Copa de 2014, já que muitas das modificações internas naquele ano já haviam sido feitas.

Não, mas tem. Claro que tem. Acho que está menor. Não está? Não cabe tanta gente mais não. Está diferente. Eu nunca vi muita gente mais. Ó vai ver hoje, como vai ficar.

Ponderei o que de fato estava diferente nas estruturas do estádio nas épocas que ele citara. Em 2009, Flamengo e Grêmio fizeram o jogo do título do Campeonato Brasileiro no Estádio Mário Filho. A decisão do campeão ficou para última rodada, com mais dois times, além do rubro-negro, com chances de conquistar o título. O público que assistiu àquela partida, por si só era um dos diferenciais. Foram 84.848 mil torcedores, para uma totalidade de 87.000 lugares. Atualmente são pouco mais de 78 mil lugares. De fato, naquela quarta-feira, pouco mais de 20 mil torcedores adentraram ao Maracanã para assistir Flamengo vs. Atlético-PR, também pelo Campeonato Brasileiro.

Continuamos conversando sobre a frequência que ele ia ao estádio e se naquele “novo Maracanã” tinha menos emoção que no “velho”. Quais seriam as causas e as consequências disso. Sr. José alegou que não sabia as causas, mas que a consequência era a que ele próprio não frequentava mais aqueles espaços tão desconhecidos agora, mas tão conhecidos de outrora. Em parte, porque a vida tinha lhe dado mais responsabilidade com a chegada de dois netos e a diminuição da renda pela aposentadoria. Aliás, não ganhava horas extras mais.

O dinheiro vai para outra coisa, né. Mas eu sou mais velho. Tem que trabalhar um pouco mais e nem sobra tempo. Hoje que eu estou aqui para vender no jogo, senão ficava mais perto de casa.

Acho que é mais caro que antes. Eu vinha com meus irmãos e ficávamos na Geral e até a arquibancada era barata. A gente pegava uns trocados e vinha pra cá. Passeava, via jogo, bebia, saía sem hora pra chegar em casa. Pela televisão a gente vê sempre vazio. Na Copa encheu, né! Mas aí era caro demais. Como eu ia pagar pra ver jogo. Até queria, mas não dava não. Quanto tá hoje? Acho que se eu vender o carrinho todo da pra gente ir.

Com o horário daquela partida se iniciando agradei e fui percorrer mais o estádio para realizar algumas outras entrevistas. Próximo a estátua do Bellini abordei alguns outros torcedores que terão suas entrevistas analisadas mais a frente por não se encaixarem na categorização dessa parte. Eu procurava pessoas aparentemente de mais idade, visto que a questão aparência poderia ser traduzida como vivência do estádio em outras épocas. Uma hipótese que por vezes foi contrariada sob diversos aspectos. Um deles, o fato de que nem todos que viveram os “tempos áureos” acharem que aqueles foram os melhores tempos do estádio.

No grupo abordado havia uma mulher que se encaixava, aparentemente, nesse grupo de experientes. Nice, é rubro-negra, professora de Arte, possui dois filhos também rubro-negros, ambos a acompanhavam naquele dia. Segundo ela o Maracanã é mais bonito, mas de fato, não é o

mesmo estádio de antigamente. Quando estudava no Pedro II e encontrava com os amigos e o futuro marido, que era do Santo Inácio para irem aos jogos.

Hoje acompanho os meninos porque gosto e eles também. O Maracanã era mais intenso. Esse Isso aqui pulsava, era agitado, mais vivo. Eu vim na Copa e estava bem organizado, coisa que não se vê em jogos normais. Lindo por dentro, cheio de gente educada te abordando. Era para ser assim hoje. Mas não é. Ainda assim é bom. Hoje os meninos podem vir com mais calma. Antes era mais perigoso, pois era gente que não acabava. Pra todo lado.

Lhe questionei se em todo jogo o estádio ficava cheio. Aliás como encher um estádio tão grande?

Não mesmo. Mas as torcidas vinham. Meu marido era assim. Não tinha compromisso, ele vinha ver qualquer time. Era a diversão dele. Não aturava esse negócio de ver pela televisão. Passava até mal em jogo decisivo e ele tivesse que trabalhar ou ficar em casa. Gostava do Maracanã. Trazia muito eles – se volta aos filhos.

Uma torcida organizada também se aglomerava ainda em um pequeno grupo próximo a rampa E. Todos jovens, abordei um rapaz que segurava uma faixa da organizada. Betinho, seu apelido, disse-me não gostar do “novo Maracanã”, segundo ele as instalações são boas e pouco se importa com elas, mas não se parece com o antigo estádio “que ouvia todos falarem e que vê em reportagens”, embora

a gente vai onde o Flamengo vai. Então não tem estádio ruim, não. Ficar entre aquelas cadeiras atrapalha. Como vai bandeirar ali? Fica difícil. A gente faz tudo pro Flamengo. É amor. Pode crer? Mas o Engenhão também é da mesma forma. Hoje é tudo igual.

Uma das questões que eu levantava a ele era se a modificação do espaço alterava a forma de torcer, ou seja, o comportamento da torcida dentro do próprio.

Cara, a gente dá um jeito. Eu não vim no Maracanã há muito tempo. Sempre tem os caras que contam como era e tal. Mas o segredo é a torcida estar junto. Antes da Copa era “maneiro” também. Tem os vídeos da torcida do Flamengo e a gente vê que era diferente. Mas nós fazemos bem, também. O que importa é a torcida chegar junto.

Consegui ter contato visual com um grupo de quatro homens que estavam com a camisa de uma das mais antigas torcidas organizadas do Flamengo, a *Raça Rubro-Negra*. A torcida foi gestada entre os anos de 1976/1977 com o intuito de modificar a forma como o clube se comportava em campo, pois, apesar de ter bons resultados, o Flamengo não conquistara nada de

mais expressivo. Daí, após uma dissidência com a Torcida Flamar e um hiato de alguns meses, era criada uma campanha que se utilizou de cartazes colados ao redor e dentro do estádio, além de vinhetas em programas de rádio com a chamada “*vem aí o maior movimento de torcidas do Brasil*”. Uma nova forma de torcer e “empurrar o time”. Além disso, também gostariam de implantar um novo *modus operandi* nas próprias arquibancadas do Maracanã, com diferenciais às antigas charangas musicais e outras torcidas de menor expressão dentro do estádio, com mais bandeiras, fogos de artifício e cantos de incentivo durante os jogos.

Ao identificar-me, automaticamente os três pararam e me foram solícitos, mas estavam apressados para encontrar a outra parte da torcida e perguntei se poderia acompanhá-los enquanto conversávamos “informalmente”. Fomos falando sobre o momento do futebol brasileiro e mundial e Cristiano, de 42 anos, o mais velho entre eles, revelou que seu filho, de 7 anos, torce mais para o Barcelona que para o Flamengo. Um dado não tão incomum em tempos de futebol globalizado e com toda a mercantilização do esporte, como já defendemos no primeiro capítulo. Ponderava sobre o fato de o Barcelona além de ter uma equipe sempre muito competitiva, contar em seus esportes com jogadores brasileiros, o que ajudava a criar todo esse mantra juvenil de identificação com o clube catalão.

Quando entramos no assunto Maracanã comecei a questioná-los, de acordo com meus objetivos. Marcio, de 37 anos, começou a frequentar muito cedo o Maracanã, por conta de um tio que o levava, já que o pai não gosta de futebol. Sua opinião é a de que o estádio hoje é mais confortável e mais bonito do que nas décadas de 1990, quando começou a “entender mais de futebol”. Segundo ele isso não quer dizer que o estádio seja de fato, melhor que antes.

Em partes, acho pior. Você vai ver que hoje vai ter pouquíssima gente. Em um jogo desses as pessoas vinham para ver o time, mesmo jogando mal, mas vinham. Não era estádio cheio. A torcida vinha com raiva, para protestar. Lembro do meu tio jogar uma nota de R\$ 1 e ela cair no fosso. Eu fiquei olhando e pensando que eu estava com fome e aquela grana poderia ter sido minha. Um real na época era muito dinheiro para um moleque de 15 anos. Gostava do Maracanã mais espaçoso. Era mais interessante. Às vezes eu ficava rodando de um lado para o outro quando vínhamos para a Geral. Aquilo era loucura. Tinha de tudo. A primeira vez que vi um seio ao vivo foi ali. Simplesmente uma mulher tirou os seios para fora no meio da gente. Foi delírio geral. Mas hoje o estádio é mais limpo, mais organizado. Mas “to” dizendo aquele Maracanã era bem mais divertido.

A fala de Marcio, como na grande parte daqueles que sentem faltado “velho Maracanã” vai no sentido da construção das nossas memórias afetivas a partir de um selecionado de lembranças.

Delas surgem os espaços de emoção. Numa ligação psicológica entre o fato ocorrido e o constructo realizado pela mente nasce todo esse arcabouço das lembranças. Sejam boas ou más. Reais ou fantasiadas. Para Halbwachs (2006) todos os caracteres impressos naquilo que se nomeia como memória, só são possíveis a partir dos problemas no binômio recordação-localização quando se leva em consideração os contextos sociais vividos. O espaço do Maracanã seria esse espaço “encharcado” das emoções vividas e ali construídas.

Pierre Nora (1993) diz que a história-testemunho advém através do “retorno do evento”. Ou seja, o fato recontado, lembrado é uma volta com novas nuances àquilo que foi experimentado. Nesse caso, a ferramenta da história-oral ou dessas entrevistas realizadas, foram breves retornos experimentados tanto por seus viventes-narradores, quanto por mim, que me colocava a interagir e mesmo me empolgar com tantas histórias.

Daquele dia consegui agendar para dali há alguns dias um com encontros com dois torcedores ligados àquela organizada. Voltando ao Rio, nos encontramos em um restaurante na Vila Valqueire. Carlos André, o Chico, é membro da torcida *Raça Rubro-Negra* desde 1989. Segundo ele, sua entrada se deu justamente pela identificação com aquela maneira de torcer e muitos foram os bons momentos, mas também de algumas derrotas e tristezas. Começamos falando sobre o documentário “*Fla-Flu, 40 minutos antes do nada*”, de Renato Terra, lançado em 2013. A introdução de nossa conversa girou sobre as nossas frustrações quanto aos nossos respectivos clubes. Alegria de um, tristeza do outro. Chico, contou que estava no Maracanã em 25 de junho de 1995 e aquela tinha sido a sua maior frustração até os dias atuais. Para rubro-negros o fatídico 25/06 está marcado na memória como o dia do “gol de barriga” de Renato Portaluppi, o Renato Gaúcho. Com um público que ultrapassou os 112 mil presentes, em sua maioria de rubro-negros, o Maracanã foi palco de uma decisão histórica para ambos os times. O Flamengo possuía três jogadores remanescentes da seleção brasileira campeã do mundo de 1994. Romário, Branco e Mazinho haviam levantado a taça na Copa dos Estados Unidos. Já o Fluminense contava com um time modesto. A estrela do time era Renato Gaúcho, já não tão novo quanto antes, quando inclusive jogara pelo rubro-negro.

“Bicho, eu me lembro como se fosse hoje. Só tinha flamenguista no Maracanã naquele dia. A torcida do Fluminense era pequenininha. O Maracanã rubro-negro. Aí, sai aquele gol. Na hora eu não vi. Só fui ver em casa, mesmo assim não quis nem ver de muito perto não. Só olhei assim e sai pro quarto, com raiva. Eu estava bandeirando. A torcida já estava

cantando e comemorando, porque o empate era nosso. Aí o [...] do Renato faz aquele gol. O Maracanã morreu.

Perguntei se depois daquele dia havia tido outro jogo com a mesma intensidade tanto no campo como nas arquibancadas e como ele avaliava o estádio atualmente.

É muito diferente você ter cem mil cabeças do seu lado gritando. Hoje só dá pra ter oitenta mil e olhe lá. Se pro torcedor já é de tremer as pernas, imagina o jogador que vai pro campo? O Maracanã nunca foi “caldeirão”. Porque era muito grande, mas era por isso que o grito ecoava ali dentro. Pô, um inferno, não é parceiro?! A torcida do Flamengo faz aquele coro. Imagino como deve ser do outro lado ouvir aquilo. Eu vejo que realmente é outro estádio. Outro. [...] o Maracanã tinha alma. A alma era essa torcida gigantesca. De todo canto da cidade. O coração apertado ao subir a rampa e bater de frente com aquela massa de gente pulando, cantando, tudo muito colorido. Hoje a gente faz festa, não é a mesma. Mas é bonita também. Mas não a mesma coisa. Pô, meus filhos não viram aquele campo gigante. O gigante do Maraca. Eu ouvi o: “a Suderj informa”... Fora que o futebol era melhor, não é? Pô, Zico, Júnior, Pet (Petkovic), Leandro, Romário, Bebeto... Cadê esses caras hoje em dia? O futebol tá ruim, mas a gente gosta não é? Fazer o quê?

Questionei se havia muita violência no Maracanã, se já havia presenciado brigas, confusões, tanto entre torcedores quanto da polícia.

Cara, a coisa começou a ficar tensa mesmo nos anos 1990, mas aí era o Rio todo assim, não é? Eu já vi briga, mas nunca fui de brigar. Estádio é pra se divertir. É lógico que se você bater de frente e não der pra sair. Dá com a bandeira que pra afastar, mas se der pra evitar. Torcedor não é violento não. Claro, tem aquele mais exaltado. Mas se todo mundo estiver de boa, esse a gente controla. Eu já vi nego armado no Maracanã, mas devia ser polícia. Tem gente que passa arma escondida ou é conhecido de polícia, mas a gente mesmo só briga pra proteger. Hoje tem mais controle. Quando tem jogo olha a quantidade de polícia! Clássico então. Mas ta mais tranquilo.

Todo o discurso de Chico é o de um torcedor que além de ser um apaixonado por seu clube, é também apreciador de futebol e também das antigas formas do Maracanã. Em nosso encontro ele sempre mencionara sua paixão pelo seu clube e alguns imbróglios particulares em que se metera por causa da sua ida aos jogos, tanto no Maracanã, quanto em outros estádios pelo Brasil. O mais longe que chegara a ir foi a Bahia, numa caravana da torcida para assistir a um jogo “que não valia nada”. Em sua visão o espaço do *New Maracanã* não prejudica o ato de torcer, mas havia uma certa predileção por aquele “antigo Maracanã”. Há nos discursos toda a representação que os torcedores fazem daquele objeto Maracanã. O estádio é não é um objeto isolado da vida desses apreciadores do futebol, arriscamos a dizer que nem mesmo da cidade. Ele é símbolo, em uma relação dialética, da vida individual e coletiva. Até mesmo quem não gosta do esporte tende a apreciar o monumento que de fato é o Maracanã. Na próxima entrevista a ser apresentada uma

questão interessante me foi apresentada. A suspensão das relações tempo-espaco-compromissos. Ou melhor, a suspensão da vida diária. Uma problemática apontada pela teoria e de fato, vista na prática ao entrevistar o Sr. Adenir.

Professor de física e matemática, aposentado, Sr. Adenir atuou em diversas escolas da cidade do Rio de Janeiro. Um vascaíno roxo e “como todo carioca, também americano”. Cheguei a ele através de seu sobrinho Romulo, membro de um movimento de torcedores. Nos encontramos em uma lanchonete próximo a seu apartamento no bairro de Botafogo. Trajado com uma camisa e um boné do “Gigante da Colina”, o professor de 64 anos trazia a tira colo um caderno. Pensei ser anotações sobre o tema, pois em um contato prévio, expliquei como seria nosso encontro. Na verdade, era um caderno com anotações variadas e as minhas também entrariam ali. “É para não esquecer. Depois quero ler seu trabalho e ver se não mudou nada que falei.” Garanti que não mudaria nada, a não ser as correções gramaticais e suprimiria o que não achasse pertinente, no que concordou. Meu roteiro com Sr. Adenir foi simples. Disse a ele: Maracanã. E de pronto ele respondeu: “a casa de todo brasileiro.” Espantei-me com aquela resposta, pois esperava algo mais direcionado ao seu clube ou ao Rio de Janeiro. Mas o professor se mostrou um nacionalista. Então, todo brasileiro deveria conhecer o Maracanã? Questionei.

Se vir ao Rio, sim. Como o Cristo, Copa e as paisagens naturais. Além da Colombo, Amarelinho, Bar Luiz e todas as nossas “carioquices”. O Maracanã é patrimônio de todo brasileiro, de todo carioca. Ele não é do Estado e nem pode ser da iniciativa privada. Ele é do povo brasileiro. Ele é patrimônio do futebol, do mundo. Você deve saber bem da história do Estádio.

Adenir é frequentador assíduo do Maracanã e de São Januário. Não pertence a torcidas organizadas e nunca fez parte por achar que as mesmas cometem excessos, mas admitiu a importância das mesmas para a “alegria das arquibancadas”. Também defende o Maracanã de outrora, em relação às reformas que para ele descaracterizaram não só o interior do estádio, mas a própria vida de uma cidade.

Sem elas o jogo fica meio perdido. Quem está ali não sabe se grita, se apoia, se xinga, se canta. A torcida te leva para um lado ou outro. O time está ruim eles gritam pra incentivar ou vão. Aí quem não faz parte vai atrás. Isso é o que eles fazem de melhor. Puxam o time pra cima ou pra baixo.

Sobre o que estádio. Claro que o Maracanã de antigamente era mais que um estádio de futebol. O Maracanã era um símbolo da cidade, ainda é, mas o turista hoje olha e deve pensar mas é isso? O Maracanã hoje vive da mística, da história que teve no passado. 90 mil pessoas ali dentro. O médico ao lado do ambulante, o gari no meio de engratados. Nível escolar misturado em vários níveis. Tinha espaço pro cara que descia o morro e para o garoto zona sul. Tá entendendo? Era antes de tudo um grande encontro ali dentro.

Hoje não vejo isso. Não no Maracanã. Em São Januário isso acontece. Você olha e vê que o time do povo é o Vasco, não o Flamengo. Aqui – mostrando a cruz de malta -, isso é o povo. Nasceu povo. Os flamenguistas são a maior torcida? Duvido. Números podem mentir. Sei bem disso. O Flamengo não nasceu do povo. O Vasco é povo. Você vê isso no campo. Na torcida. O povo de diversas formas e gêneros está no Vasco. Mas o Maracanã hoje é estádio de classe média. Eu posso ir ao Maracanã, mas e aquele sujeito que não pode pagar R\$ 30 no ingresso? Isso é culpa da Copa? Não. Se tivessem batido o pé o Maracanã era o mesmo. Faltou convencer o povo que era um mal negócio modificar o Maracanã. O povo não viu que seria excluído.

A fala de Sr. Adenir além de demonstrar compreensão sobre as questões da rivalidade acentuada nos últimos anos entre dois clubes do Rio de Janeiro mostra o caráter de um conhecimento da história social do futebol na cidade. De fato, o seu Clube de Regatas Vasco da Gama surgiu em uma área que se popularizou e ao contrário dos outros clubes que mantiveram sua grande expressão no futebol carioca o cruzmaltino não era da área nobre da cidade. Também coloca pontos importantes como o “congraçamento” entre diferentes classes sociais dentro daquele espaço de emoção. Mas seu discurso deve ser relativizado em partes. Pensamos que apesar da reformulação do estádio ainda é comum, por se tratar de um espaço não tão delimitado como se imagina, haver um certo congraçamento entre os diferentes. Embora também haja uma forte exclusão o que se confirma na entrevista seguinte.

Outro cruzmaltino também chegou até a mim a partir de um contato inesperado. A maioria das vezes de me deslocava até a “cidade maravilhosa”, o fazia a partir da cidade de Paracambi, pelos trens da Super Via. A conexão Japeri-Central do Brasil me levava ao centro do Rio num período de tempo bem mais curto e menos custoso se feito de ônibus na linha Volta Redonda-Rio de Janeiro. Era descer a Serra das Araras de carro, estacioná-lo em Paracambi, pegar o trem, fazer a conexão no Ramal Japeri e cortar grande parte da Baixada Fluminense e saltar na Estação Central do Brasil. Dali o deslocamento para qualquer parte da cidade era mais fácil. A volta se dava da maneira inversa, com o diferencial de geralmente ser o “horário do *rush*”. Ou seja, trens superlotados e uma demora um pouco maior de deslocamento, além do cansaço pelas atividades realizadas e da própria viagem. Pois bem, eu fazia o trajeto de retorno do Rio de Janeiro. Havia passado a manhã de uma sexta-feira (18/09) na Biblioteca Nacional no setor de periódicos. Após o almoço havia a possibilidade de realizar uma entrevista com um membro de um movimento de torcidas. Para isso teria que me deslocar até a Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), na Gávea. O tempo era um tanto escasso, mas fiz o planejado. Saindo do bairro da Gávea já pelas

18h, a chegada até a Central do Brasil se deu após 20h. Encarei o trem lotado, mas com grande parte do serviço de pesquisa colhido e uma entrevista no gravador. A viagem de trem por si só é uma atividade sócio antropológica, é um mercado sobre trilhos, com preços muito abaixo do praticado no mercado oficial, digamos assim. Trabalhadores que vivem à margem desse mercado de consumo e forma de trabalho que entram nas estatísticas ou no CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

A viagem já estava quase no fim e o trem já esvaziara o suficiente, já que uma parcela significativa dos passageiros desce na Estação Nova Iguaçu. Já era possível se locomover no seu interior e mesmo achar um assento, o que fiz, quando veio até o vagão um senhor esguio e baixo com um gancho nas mãos. Preso a ele vários sacos plásticos com barras de chocolate no interior. O vendedor parou em pé bem a minha frente e anunciou a promoção.

- Freguês! Promoção pra queimar o estoque! Tá mais barato que no Guanabara ou no Mundial. São dois por um real. Vai levar, patrão?

Fiz uma compra, coloquei na mochila e ele se sentou na poltrona ao meu lado se dizendo cansado, pois o dia havia sido puxado. Aquele era o terceiro ramal no dia e o seu produto ainda não havia sido vendido ao todo. Mas segundo ele já estava de bom tamanho. Eu lhe disse que o dia também tinha sido corrido e que voltava para Volta Redonda.

- Mas o trem só vai até Paracambi! O resto “tú” vai de ônibus?

Expliquei o motivo e a forma do meu deslocamento. E ali descobri Antônio Silva Pereira, 52 anos, morador de Vigário Geral, vascaíno e um “ex-torcedor”. Como se definiu. Perguntei se ele ia até o final do trajeto, em Japeri. Pois já se passava das 21h e havia a volta.

- Vou até lá e depois pego a volta.

Sua volta seria demorada. Iria até a estação Maracanã, fazia a integração com o Ramal Saracuruna e saltava em Vigário. Chegaria em casa pelas 23.30h, mas não trabalharia no dia seguinte porque estaria cansado e precisava resolver coisas.

Por que você é um ex-torcedor?

Sabe como é, não é, irmão?! Já sofri muito por futebol. Ficava sem comer, só bebendo e vendo jogo. Aí os caras lá ganhando milhões e a gente suando aqui pra ganhar uns trocos. Osso! Além disso, três rebaixamentos? Haja coração! O time não merece mais. Já torci muito. Ia de ônibus, trem, carona... pra São Januário, Maracanã... Chega o trabalho, pô. Eu gosto de futebol. Quem não gosta, mas estádio. Tô fora! E ninguém mais quer pobre no campo, não.

Enquanto a viagem seguia parecia que o cansaço havia tomado Antonio que preferia ser entrevistado por mim do que andar pelos vagões restantes para realizar suas vendas. Como havia frequentado o Maracanã, perguntei o que ele achava do estádio, das reformas, da Copa do Mundo, se havia ido a algum jogo no novo estádio.

Olha, no Maracanã – após as reformas – eu só fui trabalhar. Até pensei em ir ano passado no último jogo do Vasco, foi lá. Mas pensei bem. Minha patroa chiou, aí eu fiquei em casa. Vi em casa. Sofri em casa, não é?! Mas fui ao redor. Na Copa nem trabalhar a gente podia. Era guarda, polícia, segurança. Tinha que ficar em outros lugares e só no trem mesmo.

Nesse momento eu o interrompi por uma curiosidade. “A Copa” havia o impedido de realizar seu trabalho cotidiano?

Rapaz, a rapaziada imaginou que ia tirar um troco extra com os gringos. Mas a gente não pode chegar nem perto do estádio e em dia de jogo aqui no Rio, no trem, também ficou complicado. Tinha lugar que não podia entrar ambulante, nem morador. Eu fui para Copacabana, fiquei em Botafogo, trabalhei no Saara com um vizinho. A gente vai se virando.

Quando voltamos ao assunto “Maracanã” uma senhora o interrompeu e comprou seis chocolates ao preço de R\$ 3, pagos em moedinhas.

-Tá acabando, freguês. Aproveita que está descendo e leva aqui, campeão!

Após a breve propaganda voltamos a falar sobre o estádio e de onde ele gostava de ficar.

Ah, eu fui muito. Sempre morei ali. Penha, depois Vigário Geral. É longe, mas ia muito. Sempre de “mulão”. Encontrava uns amigos, chegava no ônibus, no trem e ia. Até pela condição a gente pagava a Geral. Mas de vez em quando rolava arquibancada. Mas não era esse preço de hoje não. Dava pra ir tranquilo. É que sempre fui de economizar pra fazer outras coisas, tomar uma cerveja, umas cachaças... O Maracanã era acolhedor. Abraçava a gente, a gente abraçava o time e assim ia. Era aquele calor de gente. Cheio ou vazio era bacana. Mas vivia mais cheio que vazio. Eu até sacaneei um amigo meu. A torcida do Fluminense agora é azul e amarela – as cores das cadeiras do Maracanã. Mas na verdade tá todo mundo assim. Quem vai pagar cinquenta contos pra ir no campo? A gente se reúne, compra uma alcatra, Brahma a rodo e faz uma festa lá. Faz isso direto. O Ingresso custa R\$ 50? Pega R\$ 10 de cada um, aí. Fecha o bar e assiste lá. Antigamente com R\$ 10 a gente pagava pra cinco cabeças. O que é mais negócio? Ficar em casa, no botequim, no vizinho. Acabou o jogo tá dentro de casa e ainda gastou pouco.

Perguntei sobre a diferença de ir ao estádio e assistir em casa. Mas Antonio decidiu saltar em Engenheiro Pedreira e pegar o trem de volta e a resposta foi breve:

- Melhor estádio. Melhor o Maracanã dos pobres.

O contexto de classe é uma marca muito presente no discurso de Antonio. O lugar de onde se fala é o lugar de onde se vive e Antonio é um trabalhador que naquele momento se encontrava fora do mercado de trabalho formal. Era um morador da periferia que mantinha um vínculo com o seu clube e com o estádio que “acolhia” ao contrário desse estádio e de eventos que segregam, como a Copa que por suas razões não permitiu que “ambulantes” realizassem seu trabalho nas imediações do Maracanã. Dessa forma o “ex-torcedor” que se desiluiu com seu time, mas também com o universo do próprio futebol – o futebol dos milhões e dos astros, no senso comum o futebol moderno – deixa de realizar algo que aprecia e admira, tanto por motivos financeiros quanto por questões inerentes a sua preferência de torcer. Mas arrisco dizer que interpretando a fala e o comportamento daquele trabalhador era mais uma questão econômica que um desamor pelo seu clube de coração.

3.1.3 Jovens nas organizadas e movimentos torcedores.

“Somente o que sentimos justifica o que fazemos.” Essa era a frase estampada na camisa de um dos líderes de uma torcida organizada do “tricolor das Laranjeiras”. Ela surgiu na forma de mosaico no último jogo do campeonato brasileiro de 2010, disputado no Estádio Newton Santos, vulgo *Engenhão*, no bairro do Engenho de Dentro, entre Fluminense e Guarani.

Talvez seja a frase mais representativa para compreender um pouco do múltiplo e caleidoscópico universo das torcidas chamadas organizadas, uniformizadas e dos movimentos populares de torcedores.

3.1.3.1 As organizadas

No Rio de Janeiro as torcidas com filiação são chamadas de *organizadas*. A primeira torcida organizada na cidade foi a *Charanga Rubro-Negra*, fundada em 1942 por Jaime de Carvalho. O Estádio Angelo de Moraes, recebia essa torcida que portava instrumentos de bandinhas marciais juntamente com instrumentos de sopro tocando choros, sambas e marchinhas de carnaval. Alguns torcedores se incomodavam com aquele “som de carnaval” nas arquibancadas e se afastavam ou começavam a pedir que a torcida fosse para outro lugar do estádio. Com o tempo a “*Charanga do Jaime*” se consolidou e influenciou todas as torcidas posteriores. Hoje é impensável uma torcida

organizada sem instrumentos musicais, geralmente instrumentos percussivos como o surdo, a caixa, o tamborim.

A partir dos anos 1960 houve uma certa ruptura entre as gerações mais jovens e aquelas que haviam iniciado o processo de construção das torcidas organizadas (Buarque de Hollanda, 2010)⁶⁸. Nasceram assim as torcidas denominadas “jovens”. Desde então as torcidas jovens se multiplicaram sob o manto de todas as agremiações tanto no próprio estado do Rio de Janeiro como em todos os outros onde há mesmo um pequeno clube de futebol. As torcidas também desmembraram seu centralismo na cidade do Rio de Janeiro, montando “filiais” em cidades do interior, Baixada Fluminense, região serrana e mesmo nos bairros.

Canis, famílias, pelotões, regiões, são algumas das divisões feitas pelas próprias torcidas a fim de localizar seus torcedores nessas “filiais” que se espalham por todo o estado e mesmo fora dele. A torcida Raça Rubro-Negra contabiliza, por exemplo, vinte e cinco filiais fora do Estado do Rio de Janeiro. Sendo quatro fora do país (Argentina, Estados Unidos, Japão e Inglaterra). O Fluminense, uma associação de torcedores que residem em Nova Iorque e fizeram um movimento denominado NY Flu para assistir aos jogos do clube no bar *The Legends – Football Factory*.

Minha aproximação com torcedores organizados se deu basicamente nos jogos. A tentativa de contatos anteriores através de mensagens por redes sociais, pelo próprio *site* da torcida ou por e-mail se mostraram ineficazes. Muitas das vezes as mensagens ficavam sem respostas ou solicitavam o envio do formulário de pesquisa com a promessa de resposta posterior, o que não aconteceu. Então a melhor forma era tentar o contato no estádio e/ou nos arredores.

Durante o campeonato carioca de 2015 tivemos aproximação com membros das seguintes torcidas organizadas: Raça Rubro-Negra – Flamengo, Young Flu – Fluminense e TJB – Botafogo. Composta maciçamente de jovens, homens e mulheres, na faixa dos 18 aos 30 anos as torcidas organizadas possuem toda uma logística operacional. Tem sede, cadastro nacional de pessoa jurídica e registro em cartórios. Além disso, todos os membros devem ser associados a ela através de pagamento de mensalidade após ter todos os dados registrados na própria torcida. O Estatuto do Torcedor (2003) no intuito de “estabelecer normas de proteção e defesa do torcedor” define em seu Artigo 2º A, torcida organizada como

⁶⁸ A obra citada trata da construção desse processo de formação das torcidas jovens e uma ampla gama de associações e representações feitas por esses grupos. A associação, por exemplo, com símbolos de guerra – cantos, imagens e até mesmo o comportamento do confronto com grupos rivais.

pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade.

Também exige que nos dados do associado constem nome, RG, CPF, filiação, profissão, escolaridade, estado civil e data de nascimento. Aparentemente um cadastro formal como muitos, o registro dos membros das torcidas pode ser solicitado pelas autoridades policiais e devem ser, ao menos teoricamente, atualizados com frequência perante as Delegacias Legais da Polícia Civil do Estado. Tal procedimento surgiu na tentativa de punir e prevenir confrontos violentos entre membros rivais. O estatuto, no Artigo 37, também prevê o afastamento dos estádios de torcidas e dirigentes que por ventura tenham seus membros envolvidos em confrontos em dias de jogo ou conflitos agendados.

O Carioca 2015 se iniciou em jogos pelo interior, Maracanã e Engenhão só reabriram ao público da segunda rodada em diante. Perante 2.850 presentes o Fluminense enfrentou o Friburguense no Estádio da Cidadania, em Volta Redonda. Dos presentes, aproximadamente 62 pessoas eram membros da torcida Young Flu. Muitos deles eram da própria 31ª Família, Volta Redonda-Barra Mansa, outros haviam se deslocado da Baixada Fluminense e Rio de Janeiro. Por volta das 18h a organizada já estava nos arredores do estádio, concentrada em um bar. Ali obtive o primeiro contato com membros dessa torcida. Bruninho e Pepe, 23 e 24 anos respectivamente, foram os primeiros com os quais me encontrei. Ambos com um copo plástico de cerveja na mão começaram a falar sobre a caravana vinda do Rio de Janeiro. A viagem havia sido relativamente tranquila. Questionei sobre a importância do Maracanã para o campeonato Carioca e para os times que o disputavam, assim como a estrutura do novo Maracanã e as relações com o “velho” estádio. Pepe começou falando:

É bom viajar. Caravana é maneiro. E aqui é perto. Ruim foi parar em Presidente Prudente. A gente se diverte, zoa, vem torcer. Hoje é o primeiro. Jogo bobo. A gente vem porque é torcida.

Pouco me importo com estádio. O lance é ir. O Maracanã é maneiro. A gente faz nossa parte. Eu gosto é de agitar tudo. Até o Engenhão é tranquilo. Só da mais porrada, porque é tudo apertado. Mas a gente encara também. Canta: “Young Flu é assim mesmo, dá porrada em qualquer um...”

Já Bruninho dividiu uma opinião diferente. Para ele o Maracanã é a casa do Fluminense e “infelizmente da galinhada”- se referindo ao Flamengo.

A Young tá no sangue. Meu pai foi da torcida e hoje eu e meu irmão também somos. Meu pai fala do Maracanã. Altas histórias do estádio, da torcida, das brigas, do seu Armando⁶⁹. Eu também acho que o Maracanã de antigamente devia ser mais maneiro. Hoje tudo é proibido. Naquela época não. Agora que a gente conseguiu voltar com o pó-de-arroz. Tava proibido. Mas o negócio é torcer, apoiar o time, ir atrás. Seja aqui, lá no Rio.

Interessei-me por entrevistar seu pai. Mas seria impossível nos próximos dias, pois estava trabalhando embarcado. Também entrevistei o líder daquela caravana rumo a Volta Redonda. João faz parte da torcida desde 2001 e atualmente tem função diretiva. Sua função é a de organizar toda parte de transporte nas caravanas da torcida. Já participou de um sem número de caravanas. João acha que o Maracanã novo é um pouco proibitivo para a maioria dos torcedores, segundo ele, mas não é algo absurdo do ponto de vista financeiro. Segundo ele os campeonatos não valem o preço que se paga para acompanhá-lo.

Naquele dia entrevistei mais cinco torcedores com as seguintes questões/respostas:

1º O Maracanã faria diferença no jogo de hoje?

2º O Maracanã é um espaço para (o) torcer/torcedor?

3º O valor dos ingressos era um obstáculo para frequentar o estádio?

1º - Todos novamente afirmaram que o Maracanã faria a diferença naquele jogo decisivo.

2º - Três entrevistados afirmaram ser o “novo Maracanã” um espaço confortável às torcidas. Sete entrevistados disseram não ser o Maracanã um espaço propício para os torcedores organizados.

3º - Oito entrevistados disseram que o preço é um obstáculo para frequentar os jogos. Dois entrevistados disseram que o valor não é um obstáculo.

No dia 4 de fevereiro o Barra Mansa F.C voltava à primeira divisão do Estadual em um jogo contra o Flamengo, no Maracanã. A expectativa para o jogo era muito grande, tanto por parte dos torcedores do “Leão do Sul”, quanto dos próprios jogadores. Muitos deles pisariam pela primeira vez nos “gramados sagrados do Maraca”, como me disse João Viana, dono do bar na periferia da cidade, que também serve de sede da torcida alvi-azul. A prefeitura da cidade, juntamente com a Torcida Organizada Mancha Azul, mobilizou uma pequena caravana rumo a cidade do Rio. Consegui embarcar junto aos mesmos, a fim de observar aquela experiência ímpar para os muitos,

⁶⁹ Armando Giesta, fundador da torcida Young Flu.

que às 16h começaram a se concentrar no centro da cidade à espera dos ônibus que partiriam às 17h rumo ao Maracanã.

A expectativa era a de no mínimo empatar com o rubro-negro, mas além disso “encontrar casa cheia”. Sr. João deixou o bar fechado naquele dia. Só os membros da torcida tiveram acesso para pegar os materiais. Às 15h ele chegara ao “Jardim das Preguiças” – um parque ecológico de cem anos, rodeado por lojas comerciais e a linha do trem. Perguntei sobre a expectativa de ver seus dois times do coração se enfrentarem e a expectativa de ir ao Maracanã pela primeira vez.

Ah, meu filho. Essa noite eu nem dormi direito. Acordando toda hora pensando que ia perder o ônibus. Parece até decisão. Mas é o segundo jogo do Barra Mansa. Imagina se “nós chegarmos” na final? Olha a festa!

Eu já quis muito ir ao Maracanã, mas nunca dava. Agora o prefeito arrumou essa pra gente, vamos lá. É o estádio da Copa. Deve ser muito lindo. Tô até meio nervoso. Preocupado também. Esse bando de jovem. A gente fica responsável. O Rio tem muita morte, roubo. Fico com medo também. Mas Deus vai na frente. É por uma boa causa.

Enquanto entrevistava Sr. João a torcida chegava cantando “gritos de guerra”.

- “Vamos fazer o Maracanã tremer. É o Leão do Sul!” Gritou um dos jovens.

Leandro Gierard tem 33 anos e além de tricolor torce também pelo Barra Mansa.

De vez em quando eu vou ao Maracanã. Fui muito no Engenhão. Mas ainda não fui depois da Copa. Deve pela TV é bem bonito, vamos ver de perto. Vamos ver se o Barra Mansa vence. É difícil, mas nada é impossível no futebol. A torcida do BM vai. Mesmo pequena vamos fazer barulho!

Nilson Nicolau, tem 62 anos. Nasceu e cresceu em Barra Mansa e reside bem próximo ao estádio do Barra Mansa, localizado no bairro Colônia Santo Antônio. Atualmente por motivos de segurança e por não atender a diversos itens, a FERJ não autorizou a realização dos jogos do Campeonato Carioca no Estádio Leão do Sul. Um estádio modesto, com capacidade oficial para para oitocentas pessoas, mas com recomendação do Corpo de Bombeiros de receber até quinhentas. O estádio não possui iluminação noturna e conta com uma única entrada para torcedores. Sr. Nilson conta que ia a pé ver os jogos e que mesmo o Barra Mansa tendo um péssimo time ele gosta de acompanhar. Também iria pela primeira vez ao Maracanã. Apesar de torcer pelo Fluminense só vê o time quando ele joga na cidade vizinha de Volta Redonda, onde por sinal, o Barra Mansa mandará seus jogos.

Só vou porque um vereador amigo me deu dois ingressos. Senão não iria. Mas animei porque os amigos também vão e espero conhecer o Maracanã de perto. Nunca fui. Meu filho vai sempre. Diz que é bonito. Vamos lá ver.

Às 17.30h partiram dois ônibus levando os torcedores ao Maracanã. Fui no ônibus onde se concentrava a organizada Mancha Azul. O começo da viagem estava bem animado. Cantos, gritos de guerra, provocações regionais com as torcidas de Volta Redonda e Resende. De vez em quando um membro gritava “Vasco” e era vaiado, “Nense”, “Mengo” e as vaias se repetiam. Isso mostrava que os times regionais, geralmente de menor expressão, dividem seus torcedores com os clubes da capital. Sentei-me ao lado de Magno, 23 anos. Não estava com a “turma dos fundos” do ônibus, mas vestia uma camisa branca com a logo da torcida estampada: “o terror do Sul do estado”. Também é torcedor do Flamengo e aproveitaria para ver o time.

Quem ganhar tá bom. Mas queria que o Barra Mansa não perdesse feio. E também permanecesse na primeira (divisão). Eu gosto de futebol. Faço Educação Física por isso. Quero trabalhar com fisiologia esportiva.

Magno nunca havia pisado no Maracanã, sendo aquela sua primeira vez. Achava, no entanto, que a experiência seria interessante para ver de perto um estádio que fora usado na Copa. Sua expectativa era a de encontrar instalações modernas e tecnológicas no estádio. Acostumado a tão somente ver pela televisão ou em jogos que o Flamengo realizava em Volta Redonda, conhecer o “Gigante do Maracanã” era uma vivência distinta.

Estou levando câmera para tirar muitas fotos e mostrar pra galera. Espero que tenha muita torcida. Nós somos poucos, mas quero ver a do Flamengo.

A expectativa dos organizadores daquela caravana era a de preencher ao menos cinco ônibus. O que não ocorreu. Foram apenas 73 torcedores em dois ônibus fretados, vale dizer, todos homens. Nem mesmo na organizada havia mulheres.

Após conversarmos, me dirigi ao fundo do ônibus para observar mais de perto a coletividade. Perguntei de maneira geral o que esperavam do Maracanã e quem estava indo pela primeira vez. A maioria daqueles torcedores não tinham entrado no Maracanã, com exceção de três jovens que também faziam parte de outras torcidas organizadas. Esses iam ao Maracanã com mais frequência. Um deles advertiu: “Não tem nada demais. É como qualquer outro. Só que novo. ” Seu

companheiro de poltrona esbravejou: “Nada a ver. É diferente. Vai dizer que é igual ao Raulino (Estádio do Volta Redonda)? A conversa se animou e a maioria concordava que o Maracanã tinha um diferencial. O tamanho talvez. “Mas já não é tão grande. Diminuiu tudo. Até o campo. ” Um dos garotos mencionou. Como tão logo começaram a cantar retornei às poltronas mais à frente a fim de localizar Sr. Nilson. Conversamos um pouco mais sobre assuntos do futebol até que seu companheiro de poltrona entrou na conversa. Aproveitei para entrevistá-lo. Orlando é bancário e estava de férias. Aproveitou para ver o retorno do Barra Mansa à primeira divisão do estadual. Também se mostrava contente em poder voltar ao Maracanã. Sua primeira vez foi ainda nos anos 1980 para ver o seu Vasco de Roberto Dinamite.

Esperava encontrar um estádio bonito. Não muito parecido com aquele de tempos atrás. Tem mais saudade do seu time com bons resultados.

Chegamos ao Maracanã antes das 21h e logo nos dirigimos ao nosso setor Sul, destinado à torcida visitante, já que a torcida do Flamengo ocupa o setor Norte. A torcida do Barra Mansa foi proibida de adentrar ao estádio com os instrumentos musicais que levavam. Algumas faixas e bandeiras também foram barradas e tiveram que voltar ao bagageiro do ônibus. Sr. João Viana, que a todo o tempo estava próximo aos torcedores mais jovens da organizada, de pronto acatou a ordem de um policial que deu a escolha dos materiais ficarem retidos com a polícia até o fim do jogo ou voltar com os mesmos. O estádio estava bem vazio. Com os setores laterais praticamente sem nenhum torcedor. Com o passar do tempo mais de 14.400 rubro-negros ocupavam as arquibancadas atrás do gol à direita das cabines de transmissão. Procurei por Magno e o encontrei com a pequena câmera a tira colo fazendo suas fotografias.

- E aí, era como esperava? Perguntei.

É bem bonito. Achava que era maior. De fora parece ser muito maior. Mas é “gigante” mesmo. Mas acho que eu queria estar do lado de lá. Pra mim teria mais gente. Está meio vazio.

Deixei o rapaz com sua câmera, celular, alguns colegas da torcida, além de sua vontade de passar ao outro lado e me aloquei próximo a Sr. João, que estava contente de estar ali.

Ó, bem bonito mesmo. Já liguei para minha mulher e está tudo bem lá. Vamos ver o que vai dar. “Vamos Barra Mansa”!

Nesse momento comecei a explicar a ele como era o Maracanã antes das reformas da Copa do Mundo e mesmo antes do Pan-Americano. Das reduções que o próprio campo sofrerá com o tempo e que o estádio não figurava mais entre os maiores do mundo. Sr. João ouvia atento e soltou um breve “é, meu filho. As coisas mudam.” Concordei com o simpático senhor e em se tratando de Maracanã elas mudaram muito.

Diante de uma torcida bem maior e mais ruidosa – mas ainda assim pequena – a organizada do Leão do Sul não conseguia ecoar seus tímidos cantos de incentivo pelo estádio. Calou-se ainda mais ao primeiro gol rubro-negro e tornaram-se meros espectadores da partida quando o placar marcou 2x0. Alguns, como o Orlando e Nilson, foram dar uma volta pelas dependências do Maracanã. Eu observava aquela jovem torcida e me sentei próximo a eles. Perguntei o que tinham achado e foram unânimes em elogiar o Estádio.

Ao fim da partida o Flamengo já havia marcado quatro vezes, contra nenhum do Barra Mansa F.C. Mas no retorno ao ônibus nada de desolação, o resultado parecia ser esperado por todos ali presentes. João, Nilson, Orlando e o jovem Magno elogiavam o “*New Maracanã*”. Segundo eles era confortável, com tudo novo e conservado. A iluminação com as cores do clube mandante do jogo também mereceu atenção de Magno. Naquele dia as cores rubro-negras iluminavam a cobertura branca do estádio que substituiu a antiga marquise de concreto. Essa os barra-mansenses, à exceção de Orlando, não chegaram a observar de perto.

No dia 19 de fevereiro retornei ao estádio com a torcida Raça Rubro-Negra. Com vitórias crescentes no campeonato. A torcida compareceu em um número razoável. Foram mais de 24 mil presentes. O que ainda assim é um público considerado ruim pelos analistas esportivos e também por torcedores. Contra o Boa Vista, de Saquarema-RJ, o clube também venceu agradando boa parte da torcida. André Veiga, conhecido como Andrezinho, estudante de Direito, era um dos membros que entrevistei naquele dia antes de jogo. Tratamos de alguns temas como violência, o papel da torcida, o futebol “moderno” – como denominou o momento do futebol não só no Brasil, como no mundo.

- Você acha que o futebol no Brasil é moderno?

É e não é. É um atrasado querendo ser Europa. Sacou? Ingressos caros, torcidas criminalizadas, mas também embrutecidas. Muitos Não gostam de política e não tratam o futebol como algo político. O futebol em si é paupérrimo. Hoje vamos ao jogo e vai ver que é medonho esse time do Flamengo. O torcedor que acostumou a ganhar títulos com

bons jogadores hoje olha pro time e vê um Canteiros o Cirino e pensa, que “beleza de time”. Ou seja, os bons jogadores saem do Brasil. Que moderno é esse?

Os estádios da Copa são modernos, mas não modernizaram o acesso a eles. Tipo. Vou ao Maracanã. Como, de carro e ônibus? Lotado, trânsito. De trem, com esse horário de jogo, cheio. A pé? Longe. Tá entendendo? Aí o torcedor não vai. Passa na Premiere. Melhor? Muito melhor.

Sobre o Maracanã eu não tenho experiência de torcer naquele Maracanã. Mas esse realmente é outro. Todo carioca sabe que aquele já era. Não estou fazendo juízo de valor, se bom ou ruim. O “*New Maracanã*” é outro estádio de futebol. Não pertence a mim, a você. Você está escrevendo sobre o Maracanã. Qual deles? Eu penso assim. Minha família cresceu indo ao Maracanã. Eu frequentei o mais “moderno”. Vou dizer que não gosto? Claro que gosto. Mas compreendo que não é o estádio do meu pai.

É complicado não ter violência entre torcidas. É rivalidade. O estado é que tem que dar conta disso. A gente existe para apoiar o time. O resto quem tem que fazer é o poder público e a empresa que administra o estádio. O torcedor se for tratado como torcedor ele não barbariza. Agora, se é tratado como manada, vai se comportar como boi.

Partimos do centro da cidade para o Maracanã e lá chegando encontramos alguns amigos de André, também da torcida. Ambos compartilhavam as opiniões de André. Embora gostassem do Maracanã ao estilo novo, exceto pela constante falta de público. Público que não faltou ao clássico contra o Botafogo no dia 1º de março. Terminada aquela partida contra o Boa Vista. Alguns líderes da torcida avisaram de um encontro na sede da mesma para preparar os materiais a serem utilizados no jogo contra o alvinegro. Naquele dia seria comemorado os 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.

Naquele domingo fui ao Maracanã com o intuito de ficar ao redor do estádio e não entrar para observar no jogo. Embora o mando de campo fosse do clube alvinegro as torcidas pareciam estar bem divididas ao redor do Maracanã. Naquele dia procuraria por torcedores organizados.

Primeiro me dirigi ao acesso da UERJ, entrada dos alvinegros. Um grupo de uma organizada se preparava para entrar no Maracanã, mas ainda estavam no entorno. Abordei um grupo de três homens e duas mulheres. Todos trajando blusas com caveiras e a inscrição da torcida. Como de praxe, apresentei minhas intenções de pesquisa, assim como o assunto. Dos quatro que responderam minhas questões, três – entre eles as mulheres – alegaram que o Maracanã é um ótimo estádio para assistir aos jogos. Com instalações adequadas aos torcedores. Uma delas ressaltou, “principalmente depois da Copa”. Na verdade, ela se referia às reformas recentes no estádio. Também não viam diferença entre o Maracanã e o Engenhão no aspecto torcer-assistir ao jogo. Andando um pouco ao redor, encontrei o GEPE (Grupamento Especial de Policiamento em Estádios) fazendo a escolta de um grupo de torcedores rubro-negros e outros tantos policiais em circulação pelas dependências externas Maracanã. Como em todo “clássico” a atenção e os ânimos dos policiais se redobram. Uma dupla de militares observava a entrada de torcedores no setor D

(oeste). Ambos com uma arma no coldre e um cassetete de madeira brilhante. Por ser setor misto, talvez era o dos mais tranquilos, do ponto de vista dos policiais militares. A soldado Rodrigues e o soldado Hércules eram os responsáveis por aquela área do estádio. Ao me apresentar a soldado logo me advertiu que me responderia “de rabo de olho”, pois a “Patamo da supervisão estava rodando por ali”. Expliquei que eram pequenas e curtas perguntas e que se precisassem se ausentar ou interromper não teria problema. Perguntei se havia tido algum registro de confronto entre torcedores ali, se era de fato mais fácil ficar naquele setor ou nos outros, se a reforma no estádio tinha facilitado a segurança dos torcedores e a prevenção de atos violentos e também como era a atuação da polícia na prevenção a incidentes violentos entre torcedores. Rodrigues tratou de me responder.

Até o momento não observei nem fomos solicitados a atender nenhum evento. Parece bem tranquilo hoje. Apesar de jogo grande. Eu não tenho preferência de setor. Por mim qualquer local está bom. É só observar bem e ser objetivo. Não pode entrar com isso, com aquilo e pronto. Quando há confronto intervir e dispersar. Só isso. Acho que o cenário é mais aberto. Tanto aqui fora quanto lá dentro. Lá é mais fácil de identificar quem tumultua. Está mais fácil sim.

Em nenhum momento a policial mencionou formas outras de identificar os causadores das ações de violência. O operacional policial consistia em simplesmente “intervir e dispersar” os causadores de confusão. Enquanto a entrevistava um rapaz botafoguense solicitou informações ao policial.

- Onde é o D?

Brevemente o militar disse ser do lado oposto ao que nos encontrávamos. Agradecendo o alvinegro ameaçou se dirigir ao seu setor passando pelo setor F e E. De pronto o soldado Hércules o advertiu:

- Não vai por aí, não. Tá maluco? Ali é a torcida do Flamengo. Passa pelo outro lado.

Agradei aos dois, desejei bom trabalho e corri até o rapaz. Perguntei se poderia acompanhá-lo até sua entrada. Marco Bastos é morador de São Gonçalo e era a primeira vez, após as reformas, que ia assistir a um jogo no Maracanã. Tinha ido sozinho, pois seus amigos não puderam acompanhá-lo.

Mas no estádio nunca se está só. No primeiro lance já se descola uma companhia e tá tudo certo. Acho que o estádio ficou mais interessante. Mas estou falando e só vi na televisão. Acho que hoje me surpreenderei e espero que o Botafogo ganhe. Acho que vai ficar bonito lá dentro. A torcida veio e parece que vai ficar bem cheio.

De fato, aquele aniversário da cidade tinha sido presenteado com uma tarde bem ensolarada e um Maracanã com mais da metade de sua capacidade atual. Uma “típica tarde carioca”, como me disse André Veiga. Pouco depois de me despedir de Marco e me dirigir à entrada na Avenida Maracanã, no Bellini. André tinha vindo com uma parte da torcida que saía da Tijuca e escoltada por duas viaturas e quase dez policiais chegara ao Maracanã sem registro de ocorrências pelo caminho. Naquele dia não conversamos muito, já que André estava empolgado e já um pouco ébrio. Marcamos de responder a um questionário que enviaria por e-mail e nos despedimos. O jogo terminou com a vitória alvinegra, tendo eu me retirado dos arredores do estádio antes mesmo do término da partida. Era preciso tranquilidade ao voltar para casa numa viagem média, mas cansativa.

Fiz algumas incursões há mais junto com as organizadas citadas naquele estadual de 2015. Como mencionado na introdução, muitas entrevistas ficarão para trabalhos posteriores. Seja por não tratar de assuntos pertinentes no momento, seja por escolha metodológica ainda indefinida. Por mais duas vezes eu participaria de caravanas junto às organizadas. Uma com a do Botafogo, outra com a do Fluminense.

Em 2015 o Botafogo se encontrava na série B do Campeonato Brasileiro. No sábado, 28 de novembro adentrei no ônibus de viagem de uma torcida jovem do time. Íamos até o estádio Nilton Santos, Engenheiro, para a partida contra o América-MG. O alvinegro já havia garantido seu retorno à primeira divisão do campeonato o que possibilitou um clima descontraído na viagem e até um estádio bem esvaziado. Pouco mais de 16 mil pessoas compunham a torcida do “glorioso” naquela tarde, em um dos últimos jogos daquele campeonato. O ônibus em que viajamos não possuía ar-condicionado, com as janelas abertas o 25º Canil deixou a cidade de Volta Redonda até o Rio de Janeiro. Como o clima era de comemoração a torcida se manteve cantante em boa parte da viagem. Uma parada estratégica foi feita para o ingresso ao ônibus de mais alguns torcedores, vindos de uma cidade vizinha.

Naquela caravana entrevistei oito integrantes da organizada, alguns pontos transcrevo abaixo. Entretanto, me restringi a três questões a serem perguntadas.

1º O Maracanã é um estádio moderno?

2º O Maracanã é um espaço para (o) torcer/torcedor?

3º O valor dos ingressos era um obstáculo para frequentar o estádio?

As repostas vieram da seguinte forma:

1º - Todos responderam ser o Maracanã um estádio moderno. Mas não o mais moderno.

2º - 7 disseram ser o Maracanã um espaço para o torcedor. Ainda que haja problemas.

3º - Todos concordaram que o valor dos ingressos era um problema para frequentar o estádio. Mas fizeram a ressalva: “quando não conseguimos ingressos pela torcida.”

Mas a festa era tamanha dentro daquele ônibus que vi meu trabalho ser comprometido pelo excesso de bebidas alcóolicas ingeridas por grande parte dos jovens. Apenas quatro mulheres acompanhavam aquela caravana. Quando entrevistava duas delas o tema girava sobre o Maracanã. Juntou-se a nós mais três garotos e o assunto virou para a criminalização das torcidas organizadas. Sobre o Maracanã foram unânimes em elogiar as instalações do estádio. Embora o Botafogo estivesse afastado do estádio do Maracanã, mandando seus jogos prioritariamente no seu estádio, no Engenho de Dentro, os alvinegros preferiam o Maracanã. Um deles disse acreditar que o Estádio Nilton Santos, fora uma maneira da prefeitura e do próprio time ganharem dinheiro. Disse não entender a construção do estádio em uma cidade que já possuía “um Maracanã” e também não entender porque o interesse do clube no aparelho esportivo, sendo que “o Botafogo não tem nenhuma ligação com aquele lugar”. Questionei se ambos os estádios não estavam muito parecidos em sua essência.

Se parecem mesmo. As cadeiras, o campo. As arquibancadas do Engenhão são mais altas. Mas o jeito é o mesmo. Mas eu acho o Engenhão mais apertado, de uma cadeira pra outra.

Os torcedores não pareciam ter se interessado pela conversa. Então respeitei a vontade subjetiva e me voltei ao meu assento, mas continuava a observar toda aquela movimentação. Chegando ao Estádio Nilton Santos a torcida com a qual eu saí de Volta Redonda se encontrava bem entorpecida o que no decorrer da partida foi se esvaindo. O Botafogo empataria com o América-MG, mas o retorno a série A já estava consumado.

Quando já estava escrevendo boa parte do trabalho surgiu a oportunidade de acompanhar uma caravana para fora do estado do Rio de Janeiro. Isso ocorreu devido aos jogos da Copa Sul-Minas-Rio, também conhecida como Primeira Liga. Criada em 2016 a competição era uma forma de protesto de alguns clubes brasileiros contra a CBF – que a princípio não reconheceu o campeonato, mas depois liberou sua realização. O jogo era a decisão da Copa, entre Fluminense e Atlético Paranaense, ocorrera no dia 20 de abril e como o time carioca possuía a melhor campanha o mando de campo era seu. Contudo, o Maracanã estava novamente fechado para competições oficiais,

desde os primeiros meses do ano, pois já se iniciara os preparativos para as Olimpíadas. O contraditório era o fato da concessionária que à época administrava o estádio ter liberado o mesmo para o show da banda inglesa Rolling Stones, no mês de fevereiro receber mais de 60 mil pessoas no gramado do Maracanã. Contradição em partes, pois, no contrato inicial entre Estado e empresários, as competições esportivas poderiam ficar em segundo plano no caso de eventos musicais de grande porte. A concessionária era a exploradora dos direitos do Maracanã e a decisão das concessões aos clubes era dela. Os times do Rio que participavam da competição – Fluminense e Flamengo – optaram por realizar seus jogos no interior do estado ou mesmo fora deste. Para a final cogitou-se Volta Redonda-RJ, Vitória-ES, Brasília-DF mas optou-se por Juiz de Fora-MG. A cidade mineira foi escolhida pela diretoria do clube tricolor por ser considerada de fácil acesso a cariocas e fluminenses e ainda contar com uma boa torcida em Minas.

Considerava interessante entrevistar torcedores sobre a falta do Maracanã sob aquelas condições e ainda mais em um jogo decisivo. Entrei em contato com membros de uma das organizadas que logo me ofereceu o pacote completo – transporte, ingresso e consumação no interior do ônibus. A consumação se resumia a latas de cerveja, água, vodka, alguns pacotes de amendoim e biscoitos. Respondi que só precisava do transporte, pois já havia providenciado o ingresso e não haveria necessidade de consumação. No horário marcado, estava eu no ponto combinado. Dois ônibus aguardavam os torcedores da organizada e avulsos, também chamados de “povão” pelos torcedores organizados. Eu era um do povo. Um dos líderes da torcida conferia a listagem com nome e CPF e direcionava para um ou outro ônibus. A organizada se concentrava em um e o “povão” em outro. Solicitei ir no ônibus juntamente à torcida e então fui direcionado ao primeiro estacionado. Logo que entrei fui cumprimentado por alguns jovens que se encontravam no fundo do ônibus já usufruindo de sua consumação. Além de mim outras dez pessoas que não pertenciam àquela torcida foram direcionadas para o mesmo ônibus. O que de pronto gerou um pequeno burburinho e reclamações entre os organizados. Naquele momento eu tão somente observava tudo o que acontecia. Bem próximo ao horário combinado para a saída do ônibus, o líder da torcida entrou em cada veículo para conferir os passageiros. No que subiu os primeiros degraus do que estava foi recebido com alguns palavrões e a repetida reclamação de que nem todos no veículo eram da organizada. O líder ignorou alguns e mandou outros calarem a boca. Partimos rumo à cidade mineira. Aproveitei a viagem para realizar entrevista de alguns membros da torcida organizada e também do “povão”. Como minha experiência em outras caravanas não

tinham sido das melhores, em se tratando de recolhimento dos dados, tão logo pude comecei os meus trabalhos. A primeira coisa foi sentar ao lado do líder daquela “família” e explicar minhas intenções. Ele estava no primeiro banco do ônibus, do lado oposto do motorista verificando a listagem de nomes e o valor em dinheiro recebido. No que terminei, ele ainda de cabeça baixa, fitando aquela tabela de nomes, me respondeu:

- Beleza. Só cuidado com os nomes da galera aí. Pode dar rolo se bater pra outras torcidas ou polícia.

Concordei em deixar alguns anônimos a não ser que me fosse permitido a identificação. Perguntei se poderíamos conversar após o término daquela tarefa dele.

- Vou ficar aqui na frente. Volta aí.

Sentei-me no braço da poltrona bem perto do fundo e abordei um rapaz e um senhor de meia idade que estavam lado a lado. Ambos fazem parte da torcida e o garoto era menor de idade. Seu pai foi o primeiro a falar.

Eu sei do que acontece nessas viagens. Já fui jovem e até hoje sou filiado. Por isso que quando dá acompanho. Mas hoje estou indo por ser decisão. Senão ele iria sozinho. Sobre o fato do Maracanã estar fechado acho ruim. Com certeza hoje seria dia de vê-lo lotado. Show da torcida e etc. Além de ser o lugar do Fluminense, tirando Laranjeiras.

Seu filho concordou e completou dizendo que a experiência do Maracanã é única. A primeira vez que foram ao Maracanã juntos foi pela Libertadores de 2008 no jogo contra o São Paulo.

Eu sempre fui muito ao Maracanã antes de sair da cidade. Depois fui trabalhar fora e ia menos. Mas quando estava no Rio era sagrado. Estádio por si só é muito bom. Uma experiência única. Só o torcedor que vai ao estádio sabe das emoções que sente. 2008 nós rimos e choramos juntos, não é – fala a seu filho.
Nós fomos naquele do São Paulo e depois o da LDU. Sofrido!

Para melhor otimizar meu tempo repeti os procedimentos da caravana alvinegra. Dividindo minhas questões em três tópicos a serem perguntados da seguinte forma:

1º o Maracanã faria diferença no jogo de hoje?

2º O Maracanã é um espaço para (o) torcer/torcedor?

3º O valor dos ingressos era um obstáculo para frequentar o estádio?

Dali em diante me concentrei nesses pontos e um questionário onde se assinalava X, que o entrevistado poderia ou não responder.

Naquela caravana, realizei quinze entrevistas com os membros das organizadas. Os tópicos foram assim respondidos:

1º - Todos afirmaram que o Maracanã faria a diferença naquele jogo decisivo.

2º - 10 entrevistados afirmaram ser o “novo Maracanã” um espaço confortável, mas não propício para as torcidas. Pois todos seus materiais não são facilmente adaptados aos espaços. 3 entrevistados disseram que é um espaço bom para torcer e para o torcedor. 2 entrevistados disseram que tanto faz o espaço.

3º - 12 entrevistados disseram que o preço é um obstáculo para frequentar os jogos. 3 entrevistados disseram que o valor não é um obstáculo.

Depois que tive essas questões respondidas pensei em abordar alguns do “povão”, mas adieei um pouco mais essas entrevistas ao ver que o líder da caravana já havia findado suas tarefas. Perguntei se ele poderia responder algumas questões e ele disse: “senta aí. Vamos ver.” Repeti as questões que já havia exposto aos outros integrantes da torcida e sua opinião está contabilizada nos tópicos acima. Após isso, começamos a conversar sobre o futebol de maneira geral e sobre as expectativas para o time naquela temporada. Assim abria caminho e procurava me familiarizar com alguém que eu não conhecia e que se mostrava reticente em responder determinadas questões. Mas aos poucos fomos nos tornando mais empáticos a ponto de me permitir a questionar determinados pontos inerentes a uma torcida organizada. Então fiz uma pergunta:

- Quando eu cheguei ao ônibus, reparei que você tinha muitos ingressos ainda nas mãos. Eles já estavam vendidos? Como você os comprou?

O líder deu um sorriso tímido e me explicou que muitos deles eram dos próprios integrantes da torcida que haviam adquirido o “pacote completo”, outros ele ainda tentaria vender antes do início da partida.

- Acho que você sabe a resposta dos ingressos. Disse ele.

- Eu deduzo. Mas posso estar errado.

Esses ingressos vinham da sede da torcida, que por diversos meios conseguiam diretamente com o clube. “Mas nada ilegal.” De acordo com ele. Após a sede receber, ela distribuía aos líderes que mais compareciam com suas “famílias” aos jogos e nos eventos realizados pela torcida.

Se não estivermos lá quando a torcida precisa depois não tem esses ingressos. Uma mão lava a outra. Os ingressos podem ter um pequeno ágio, que não pode ultrapassar o valor

da inteira. Um ingresso de meia entrada pode ser vendido um pouco acima do seu valor, mas abaixo da inteira para uma pessoa que não seja estudante. Aí a gente ganha um pouco mais e sustenta as finanças da torcida, barateia o valor do transporte da caravana, compra cerveja e por aí vai.

Também questionei sobre a condição financeira daqueles jovens que em um dia de semana e mesmo em vários deixavam seus compromissos para seguir seu time. Ele me explicou que naquela caravana muitos deles não tralhavam, eram estudantes e que “pra alguns a torcida pagava os ingressos, para outros o pai é quem paga.” Seguimos conversando mais um pouco. E decide voltar para a minha poltrona e guardar o material na minha mochila. Naquela caravana somente duas mulheres, de 26 e 28 anos respectivamente. Majoritariamente os homens faziam parte daquelas organizações torcedoras.

A viagem seguia animada, com algumas histórias de confronto lançadas ao ar por algum torcedor, cantos de incentivo ao time e alguns provocativos à torcidas rivais, bebidas e outros tipos de entorpecentes, quando um dos líderes – até então e só havia reparado no que contabilizava os ingressos –, informou para todos no ônibus que a torcida organizada “Os Fanáticos”, do Atlético-PR, adversário naquela noite, estava a alguns minutos atrás dos nossos ônibus. Ao contrário do que eu esperava o ânimo se inflamou e a expectativa de um confronto tomou conta do ônibus. Alguns diziam, “mas tá tranquilo. Nosso ônibus não está identificado pelo lado de fora. Eles não vão perceber.” Após alguns minutos o mesmo líder que havia feito o anúncio decretou uma parada em um posto de gasolina, já próximo a entrada de Juiz de Fora. A maior parte dos torcedores ficou sem entender. “Vai parar pra tomar porrada? Os caras estão com quatro ônibus e a gente com dois. Não vai dar pra encarar, não.” Mas outros torcedores pareciam bem tranquilos. Alguns começaram a recolher pedaços de paralelepípedos e pedras pelo chão esburacado do posto de gasolina no qual paramos. Abriam-se o bagageiro do ônibus e alguns mastros de bandeira feitos de bambu foram levados para o interior do ônibus. “Na dúvida, melhor deixar aqui em cima que a gente já desce ‘lambendo’ tudo. Nós que éramos “povão” ficamos apreensivos, mas no papel de pesquisador-observador era esperar e ver o que aconteceria.

A viagem seguiu e ao adentrar a cidade de Juiz de Fora, foi possível observar vários carros da Polícia Militar de Minas Gerais à espera de torcedores. Nosso ônibus foi abordado por dois policiais. E quando recebemos a ordem de parada os torcedores começaram a tirar toda vestimenta que fazia menção à torcida organizada e sentaram nas poltronas. O policial abriu a porta da cabine que separava o motorista do restante dos passageiros olhou e perguntou se era de “uniformizada”.

O líder da caravana que havia separado e mesclado alguns torcedores não organizados àquela organizada prontamente disse: “é povão.” O policial então verificou a documentação do ônibus, nos liberando em seguida. Fazendo apenas a menção de que seríamos escoltados até o estádio por duas viaturas. Nessa hora um dos líderes virou-se para trás e gritou: “viu, seus [...]. E se tivesse só torcida?”

Como o ônibus não estava identificado com nada do Fluminense pelo lado de fora, tão logo adentramos no local próprio para o estacionamento dos ônibus, fomos recepcionados por latas de cerveja, bandeiradas e outros objetos lançados em direção ao ônibus. A organizada de pronto tratou de acender iluminadores e colocar as bandeiras com as cores do Fluminense pela porta do ônibus para finalizar a hostilidade. No entanto, mais momentos “de emoção” ainda estavam por vir.

Desci do ônibus e tratei de procurar torcedores que tinham ido do Rio de Janeiro para Juiz de Fora a fim de seguir realizando algumas entrevistas. A princípio, encontrava torcedores vindos do interior do estado do Rio de Janeiro e das cidades de Minas próximas a Juiz de Fora.

Com a aproximação do horário da partida mais ônibus com torcedores chegavam ao estádio. Encontrei um ônibus vindo da cidade do Rio de Janeiro com outra torcida organizada e então repeti as perguntas que havia feito aos torcedores organizados no interior do ônibus. Ali, fiz mais dez entrevistas que se resumem nos seguintes tópicos e respostas:

1º O Maracanã faria diferença no jogo de hoje?

2º O Maracanã é um espaço para (o) torcer/torcedor?

3º O valor dos ingressos era um obstáculo para frequentar o estádio?

1º - Todos novamente afirmaram que o Maracanã faria a diferença naquele jogo decisivo.

2º - Três entrevistados afirmaram ser o “novo Maracanã” um espaço confortável às torcidas. Sete entrevistados disseram não ser o Maracanã um espaço propício para os torcedores organizados.

3º - Oito entrevistados disseram que o preço é um obstáculo para frequentar os jogos. Dois entrevistados disseram que o valor não é um obstáculo.

Adentramos ao estádio e me localizei entre os torcedores organizados com os quais eu havia viajado. A partida transcorreu normalmente e 24 mil pagantes viram o Fluminense F.C. se tornar o primeiro campeão da Copa da Primeira Liga. Ao término do jogo, alguns torcedores bem a minha frente subiram ao alambrado para comemorar com os jogadores que se dirigiam a ela também em comemoração. Também tentavam entregar algumas bandeiras aos mesmo e alguns tentavam

adentrar ao campo. No Rio de Janeiro, após uma vitória em decisão é muito comum as organizadas mandarem bandeiras e alguns de seus líderes para dentro do campo, para comemorar junto aos jogadores. Isso confirma o que o líder havia me dito no ônibus, sobre os ingressos para as organizadas. O Batalhão de Choque da polícia mineira, alheia a esse processo, de pronto começou a tentar conter a movimentação dos torcedores através de “bombas de efeito moral” e gás lacrimogêneo. Lançadas sem parcimônia em direção a arquibancada, repleta também de torcedores não organizados. Alguns membros das organizadas iniciaram um combate com os militares. Lançando alguns objetos em sua direção e fazendo uma cortina com as bandeiras, na tentativa de impedir a passagem do efeito da bomba de gás. O pandemônio estava instaurado e no estádio em que só havia uma passagem para toda a torcida evacuar a área a comemoração do título deu lugar à confusão na tentativa de escapar do gás que fazia arder olhos, nariz, garganta, além de provocar uma imensa sensação de náuseas. Era o *modus operandi* da polícia sendo posto em prática.

Passado aquele momento, o retorno foi de uma longa viagem. Mas a exaustão fez o silêncio soar no interior daquele agitado ônibus.

3.1.3.2 Movimentos Populares de Torcedores

Os movimentos populares de torcedores já foram mencionados anteriormente. Eles são parte de uma nova cultura do futebol onde o apoio ao time e o incentivo nos noventa minutos de jogo se colocam antes das críticas durante a partida. No Rio de Janeiro os quatro clubes de maior expressão possuem esses movimentos. Realizei parte da pesquisa com dois deles, o *Movimento Popular Legião Tricolor* e o movimento torcedor *O Bravo Ano de 1952*, ou simplesmente *Bravo 52*. Ambos do Fluminense F.C.

Segundo seus membros, algumas diferenças entre esses novos movimentos e as torcidas organizadas devem ser considerados. As organizadas possuem uma hierarquia e um aparato burocrático-administrativo. Os movimentos populares são descentralizados. Sua organização consiste em uma ação colaborativa dos grupos componentes para um determinado evento/jogo. As responsabilidades são divididas de acordo com a disponibilidade de cada um. Há organizadas com

funcionários que recebem salários e ajuda de custo para manter os trabalhos da própria, além dos torcedores profissionais, que vivem em prol da torcida. Outra diferença exponencial é o fato dos movimentos terem como seu objetivo o apoio incondicional ao time durante a partida e isso requer movimentação e ação durante todo o jogo. “Ou canta ou sai” mostrava uma faixa em meio a um movimento de torcedores nas arquibancadas do Maracanã. Também não possuem símbolos que reforçam o imaginário da guerra, embora em seus canais de comunicação na internet reproduzam frases como “agora é guerra” ou “vençam essa batalha”. Mas símbolos como tanques de guerra, caveiras, vilões de HQ’s não são encontrados. Não há cadastro de torcedores e muito menos existência de registro do movimento torcedor perante nenhum órgão competente.

Rômulo, sobrinho de Sr. Adenir, faz parte de um desses movimentos populares de torcedores. Nos encontramos nas dependências da UERJ, onde cursa a graduação em Comunicação Social, e ele resumiu o que são o cerne desses movimentos. Para ele, o que os movimentos de torcedores prezam é o apoio incondicional ao time, para além de outras questões, como as rivalidades internas e externas, por exemplo.

Nas organizadas a primeira imagem é a da própria torcida. A veneração é pela torcida. As batalhas são da torcida. Tudo gira em torno da construção da torcida. Pode reparar: a mais sinistra, o terror veste verde, a maior do Brasil, a mais isso, a mais aquilo... “fulana vem aí e o bicho vai pegar. Depois da torcida é que vem o clube. As torcidas não surgiram assim, elas viraram isso. Tem esse apelo violento. A figura do macho, da afirmação pela violência e pelo campo simbólico do terror. É uma reprodução dos batalhões militares. A faca na caveira do BOPE, a caveira com o raio da CORE, a caveira com a boina preta e assim por diante. Os movimentos populares não têm essa pretensão. Nós não queremos violência, rivalidades viscerais com outra torcida. Nosso foco é o clube. Queremos vencer partidas no grito, no canto. Nós não recebemos dinheiro para churrasco de jogador A ou B, não ganhamos ingressos da diretoria. O que fazemos é feito com nossas economias. Juntamos e colaboramos uns com os outros e isso dá certo. Quando é algo para o time até colaboramos com uma ou outra organizada. Um mosaico, algumas bandeiras, mas geralmente eles vêm nossa torcida como menor, menos envolvida com as questões políticas do clube. Não é dessa forma, só nos comportamos de modo mais sóbrio.

Rômulo contou que já foi de torcida organizada por alguns anos. Mas decidiu sair porque não achava que aquele era o caminho para se torcer. As vaias no meio do jogo, quando o time ainda podia virar o incomodavam, de modo que decidiu não mais fazer parte de uma organizada. Até conhecer por meio de colegas da faculdade o movimento de torcedores do qual faz parte atualmente.

Por meio dele outros membros do movimento responderam meus questionamentos. Foram onze respostas às questões:

1º O Maracanã é um estádio moderno?

2º O Maracanã é um espaço para (o) torcer/torcedor?

3º O valor dos ingressos era um obstáculo para frequentar o estádio?

Sobre as respostas elas apareceram da seguinte maneira:

1º - Todos novamente afirmaram que o Maracanã é um estádio moderno.

2º - Todos afirmam que o Maracanã não é um espaço propício para torcer.

3º - Nove entrevistados afirmam que o preço é um obstáculo para frequentar os jogos. Dois, que o valor não é um obstáculo.

O mesmo questionário foi aplicado a membros da *Bravo 52*. Foram 5 participações que resultaram nas seguintes respostas:

1º - Todos novamente afirmaram que o Maracanã é um estádio moderno.

2º - Todos afirmam que o Maracanã não é um espaço propício para torcer.

3º - Todos afirmam que o preço é um obstáculo para frequentar os jogos.

Os movimentos torcedores são uma forma diferenciada de encarar o próprio jogo, tanto a vitória como a derrota. É um comportamento diferencial na arquibancada e na própria representação do torcer. Há neles um aspecto romântico, tanto nos seus nomes como nos símbolos que usam. Geralmente se dizem contra o “futebol moderno” e conseqüentemente aos estádios modernos onde um “processo de gentrificação” e “criminalização das atividades torcedoras” abafa o que o futebol pode ser de melhor, um “espetáculo popular”, como me afirmou Rômulo.

3.2 Famílias e mulheres. O estádio de todos?

Durante a pesquisa de me chamava atenção a pouquíssima adesão feminina nas torcidas organizadas. No estádio a presença de mulheres era maior, mas em caravanas e em meio às organizadas me parecia muito tímida. Porém, no contato com os movimentos torcedores pude reparar um aumento da participação feminina nesse nicho de torcedores. Também me chamava atenção o relativo aumento e propagação das torcidas exclusivamente femininas. No Rio destacam-se a Alvi-Girls (Botafogo) e a Flu-mulher (Fluminense). Não nos enveredamos pela questão da inserção feminina no futebol por se tratar de um tema de grande extensão. Aqui queremos tão somente mencionar e fazer justiça a participação da mulher nesse espaço onde a construção histórica declarou ser um *locus* masculino.

Juliana Dias é torcedora do Botafogo e já foi membro da torcida feminina do alvinegro carioca. Segundo ela

as pessoas ainda olham torto para mulheres em organizadas. Como somos poucas fica aquele sentimento da mulher indefesa estar em meio a um monte de homens. Pura bobagem. A torcida feminina surge justamente para mostrar que somos tão capazes quanto os marmanjos. Que também entendemos e amamos o futebol, um clube e etc. Quebrar esse preconceito é essencial. Mostrar que o esporte é assexuado e deve ser igualitário e promover a inclusão. Nele cabem todos. Há espaço para torcidas mistas, femininas, queer e masculinas. Sem discriminação da diferença.

Outro fator que abrimos espaços para mencionar, é o retorno de famílias aos estádios de futebol. Ao observar o Maracanã durante esse tempo de pesquisa pudemos observar esse fenômeno que havia arrefecido nos estádios brasileiros durante a década de 1990. Principalmente devido às constantes precariedades dos estádios de futebol. Com algumas melhorias nas estruturas é possível ver nas arquibancadas bem mais crianças do que se via nas décadas passadas. Um bom sinal, para um esporte que mesmo secular pretende ser moderno.

4 Conclusão

Como analisar o futebol? Uma imensidão profunda, que por diversas vezes arrasta seu “analista” por um caminho no qual ele não pretendia adentrar? Provavelmente, sim. Mas isso outros temas de pesquisa também são capazes. Um tema impossível de estudar, justamente pela sua diversidade e volatilidade? Obviamente, não. Talvez a melhor forma de definir o futebol seja de dar a ele o substantivo *universo*. É de fato uma grande imensidão de temas e propostas e mesmo um recorte teórico e metodológico bem definido pode dar ao trabalho um caminho que a princípio não era o escolhido.

Quando demos início à “partida”, saímos com a bola recuada. Jogamos na defensiva, ou seja, com a possibilidade de que as nossas expectativas sobre a modernização capitalista do espaço fossem de fato uma realidade de extensa segregação dos torcedores. Essa segregação é existente. Visualizamos isso em algumas entrevistas e na observação. O estádio do Maracanã sofreu intensas perdas de público devido a essa modernização dos espaços. Uma delas adveio da constante diminuição dos próprios espaços internos. Menos arquibancadas, menos cadeiras, menos pessoas. Se menos pessoas, menos renda. A conta matemática parece não fechar. O que se observa, entretanto, é um fenômeno onde a presença de menos torcedores no estádio não significa necessariamente “menos renda”. O segredo dessa equação está justamente no aumento dos valores dos ingressos. Ou seja, menos pessoas, porém, pagando mais caro pelo acesso ao estádio. Isso gera

uma certa segregação de uma parcela da população que anteriormente frequentava os espaços torcedores e mesmo com uma melhora aparente da condição financeira nos últimos anos, não têm mais condições de, com relativa frequência, fazer parte de uma massa presente nos estádios de futebol. O Maracanã é só mais um nessa matemática cruel. Os espaços antes populares, como a geral, deram lugar às cadeiras numeradas, que possuem valores na faixa dos R\$ 30. Uma precificação consideravelmente alta para partidas de pouca expressão e mesmo as de grande porte, como as decisões de campeonato. A exclusão financeira é sim notável. O torcedor que fazia do Maracanã um dos locais de entretenimento por diversas vezes na semana e no mês, hoje escolhe alguns poucos jogos para acompanhar de perto, no estádio, exibindo e exalando sua paixão *in persona* pelo seu clube.

Outro fator que por vezes é extremamente considerável são as formas de transmissão dos jogos pela TV e hoje também pela internet. Sabemos que o impacto é grande nas arquibancadas, que muitas das vezes se encontravam consideravelmente esvaziadas. Os jogos são transmitidos em tempo real pelo sistema de *pay-per-view*, simultaneamente há várias partidas de um mesmo campeonato e há aqueles torcedores que preferem o aconchego do lar a ter de se deslocar pela cidade, frequentando estádios em horários tardios para ver seus times. Essas constatações poderiam se desdobrar em um trabalho sobre a cultura do consumo no futebol. Mas não é o nosso caso e possivelmente algumas pesquisas quantitativas já estejam em andamento. Porém, vale ressaltar que as narrativas encontradas nesse trabalho são antes de tudo fruto de uma experiência vivida dentro dos estádios. Com alegrias, tristezas, provocações e sentimentos que tão somente a participação e a vivência podem dar aos torcedores.

Se no Brasil uma modernização capitalista dos espaços populares de fato existe, ela, entretanto, não é tão capaz de tolher toda a mágica popular do futebol. Acompanhando todas as experiências dos torcedores pudemos observar e crer na reinvenção dos próprios espaços do torcer. Mesmo modificados, mesmo com as diferenciações dos próprios espaços entre os torcedores, o ato de torcer é ressignificado pelos indivíduos. Não havendo a possibilidade da chamada carnavalização das arquibancadas os torcedores fazem de outra forma. Cantam, se põem de pé, se utilizam das próprias cadeiras do estádio para fazer ruídos. Procuram os locais dos ingressos “mais baratos” a fim de permanecerem com sua torcida. Se proibidos de adentrar ao estádio com símbolos de uma determinada torcida, como ocorre constantemente por motivos de violência no estádio, eles se fazem presentes da mesma forma, vestindo as cores do time, mas dentro do estádio fazem

as mesmas menções às suas agremiações torcedoras e são primordiais para o avivamento das arquibancadas.

O Maracanã é de fato ainda muito simbólico para todo torcedor. Mesmo com as constantes descaracterizações que atingiram sim o *modus* torcedor de outrora, ele ainda é uma peça importante para o futebol brasileiro. De fato, muitos torcedores não o consideram o estádio de antigamente, e realmente aquele Maracanã ficou no passado. Hoje ele se faz memória. O estádio refeito para a Copa do Mundo 2014 já não pode ser chamado de “o *Colosso do Derby*”, muito menos de “o maior do mundo”. Essas alcunhas não serão mais encontradas nos jornais do nosso tempo. Elas ficaram no período pré-Copa. Se em 1950 ele foi construído para uma Copa do Mundo, seu desfazimento também o foi para o mesmo evento, sessenta e quatro anos depois. O discurso de que o Maracanã é por ora um estádio “sem alma”, “frio” e que não reflete a cidade do Rio pode ser refeito a partir do argumento de que o estádio moderno reflete essa era “pós-moderna” na qual vivemos. A cidade refeita para os grandes-eventos é a cidade da grande especulação financeira, do discurso da mobilidade urbana tão necessária após longo período de deslocamento de populações inteiras para os lugares mais distantes do centro da cidade. A cidade olímpica é também a cidade da exclusão. Uma contradição, já que “reza o senso comum”, ser o esporte o agregador de valores e de cidadania.

Enquanto revíamos o texto da dissertação, as notícias sobre um grande esquema de corrupção, envolvendo políticos e empresas ligadas à construção civil e à exploração de petróleo chegava aos estádios da Copa de 2014, conseqüentemente sobre o Maracanã. Uma crise financeira e política havia levado o conjunto de empresas que formaram o consórcio de administração do estádio a devolvê-lo à administração pública. O Maracanã voltaria a ser administrado em breve pelos órgãos do governo estadual, como feito até sua privatização, pela Suderj. A prefeitura do Rio de Janeiro também manifestara interesse na administração do mesmo. Seria o retorno do Estádio Municipal? Quais os impactos aos torcedores e à cidade? Esperamos que as descaracterizações não tirem do estádio carioca o que ela tem de essencial, os torcedores.

5 Referências Bibliográficas

AGIER, Michel. Situações e comunidade: a cidade em movimentos. In: _____. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGOSTINO, Gilberto. Futebol, mundialização e mídia. In: _____. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AIDAR, Antonio Carlos Kfourri. O torcedor como cliente: uma solução para aumentar a receita dos clubes brasileiros. **Cadernos FGV Projetos**. Dossiê *Futebol e desenvolvimento econômico social*. nº 13, jun., 2010.

ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras**. Um ano de futebol na Inglaterra. São Paulo: [s. n], 2013.

_____. A madeira da lei: *gerir* ou *gerar* a violência nos estádios brasileiros. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo (Org). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7letras.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob perspectiva cultural. Niterói: EdUFF, 2008.

BAGGIO, Luiz Fernando. **A enciclopédia das Copas do Mundo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2013.

BARRETO, Túlio Velho. Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol: o que pode mudar com a adoção do “padrão FIFA” para a Copa de 2014? **ANPOCS**, 2011.

BORJA, Jordi. Revolución y contrarrevolución em la ciudad global. **Revista geográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2005, v. 10, nº 578.

BOTELHO, André Ricardo M. Da Geral à Tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol (1900-1920). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org.)

Memória social dos esportes. Futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **A distinção.** Crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. **O clube como vontade e representação.** O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

_____. Torcidas, *ultras* e *hooligans*: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França. In: _____. (Org). **Hooliganismo e Copa de 2014.** Rio de Janeiro: 7letras, 2014.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei geral da Copa.** Brasília: Edições Câmara, 2012.

CASTAÑO PEREZ, Guillermo Alonso. **Barra bravas en el fútbol:** consumo de drogas y violencia. Bogotá: Funlam, 2014.

CAMPOS, Andreino. **Do quilombo à favela:** a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Maurício da Silva Drumond da. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org.) **Memória social dos esportes.** Futebol e política: a construção de uma Identidade Nacional. Vol. 2. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

CURI, Martin. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. **Horizontes Antropológicos.** n. 40. p. 65-88, 2013.

DAMO, Arlei Sander. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos.** n. 40. p. 19-63, 2013.

_____. O desejo, o direito e o dever. A trama que trouxe a Copa ao Brasil. **Movimento.** n. 02. p. 41-81, 2012.

DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação. In. RODRIGUES, José Albertino. (Org.). **Émile Durkheim.** 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador.** 2 vol. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FIFA. Fédération Internationale de Football Association. **Estádios de futebol.** Recomendações e requisitos técnicos. 5. Ed. 2011.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo.** Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In. _____ . **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GASTALDO, Édison. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. **Horizontes antropológicos**. n. 24, 2005.

GAFFNEY, Christopher. Mega-events and sócio-spatial dynamics in Rio de Janeiro. **Journal of latin american geography**. n.1, v.9, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

GÓIS JR. Edivaldo et. al. Para a construção da Nação: debates brasileiros sobre educação do corpo na década de 1930. **Educação e Sociedade**. n. 131, v. 36, 2015.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GRABIA, Gustavo. **La doce**. A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo. São Paulo: Panda Books, 2012.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições e A produção em massa das tradições. In. _____ (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Frederico. **O espaço de exceção**. Brasília: UNB, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. **Estudos históricos**. n. 23, v. 13, 1999.

_____. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

_____. 2014 e o desenhar conflituoso de uma nova geografia do futebol. In: SÁNCHEZ, Fernanda (Org.). **A Copa do Mundo e as cidades**. Políticas, projetos e resistências. Niterói: Ed. UFF, 2014.

KUPER, Simon. **Soccernomics**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência. In: FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil republicano**. O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Vol. 2 . 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

LIMONAD, Ester. Estranhos no paraíso (de Barcelona). Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona. **Revista geográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2005 , v. 10, nº 610.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Violência urbana, sociabilidade violenta e agenda pública. In:_____. **Vida sob cerco**. Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e estado**, jan./jun, 2004, v. 19, n. 1, pp. 53-84.

MAGALHÃES, Alexandre. O “legado” dos megaeventos esportivos: a reatualização da remoção de favelas no Rio de Janeiro. **Horizontes Antropológicos**, 2013, Porto Alegre, ano 19, n. 40, jul./dez.

MARX, Karl, **O Capital: Crítica da Economia Política**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. (Livro I, volume 1, Capítulo I - A mercadoria)

MELO, Victor de. A cidade “*sportiva*”: os primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 2007, ano 168, n. 435. pp. 135-160.

MOURA, Gisella de Araújo. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2012.

_____. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

NEVES, Marcos Eduardo. **O maquinista**. Francisco Horta e sua inesquecível máquina tricolor. Rio de Janeiro: Maanaim Editora, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. v. 10, 1993.

PEARSON, Geoff. **An Ethnography of English Football Fans: cans, cops and carnivals**. Manchester: Manchester University Press, 2012.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas *queer* e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**. n.14, 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas: Unicamp, 2000.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. **Simmel**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. In **Revista Mana**, nº 11, vol. 2, p. 577 a 591, Rio de Janeiro, 2005.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão**. Visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TSOUKALA, Anastassia. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo (Org). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7letras, 2014.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional. In: DaMATTA, Roberto (Org.) **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

6 ANEXOS

A – Tabelas

B – Caderno de imagens

C – Questionários

A - Tabelas

Tabela 1 – Renda do campeão e vice (Bilheteria / Cota de TV)

Colocação	2013			2014			2015		
		Ganho com público*	Cota de televisão**		Ganho com público*	Cota de televisão**		Ganho com público*	Cota de televisão**
1	Cruzeiro	27.524.479	45 mil.	Cruzeiro	27.585.105	45 mil.	Corinthians	38.740.817,45	110 mil.
2	Grêmio	14.438.797	45 mil.	São Paulo	14.098.081,00	80 mil.	Atlético - MG	16.225.490,50	45 mil.

*Jogos como mandante no Campeonato Brasileiro. Renda bruta.

**Valores em milhões (R\$).

Tabela 2 – Opinião de torcedores-consumidores (Comerciais retirados do ar após a derrota da seleção brasileira)



*Em %

Tabela 3 – Opinião de torcedores-consumidores (Comerciais mantidos no ar ou refeitos após a derrota da seleção brasileira)



*Em %

B - Caderno de Imagens



Imagem 1

A presidenta Dilma Rousseff discursa enquanto é vaiada na abertura da Copa das Confederações (2013)



Imagem 2

Merenda, monopólio e ingressos caros. Protesto da Gaviões da Fiel (2016)



Imagem 3

“Todo apoio aos professores!” Mostra a faixa da torcida organizada. (2015)



Imagem 4

Carnavalização nas arquibancadas. As torcidas organizadas e os movimentos torcedores. Apoio incondicional (?)



Imagem 5 - Derby Club (Sem data)



Imagem 6 – Preparação para as marquises

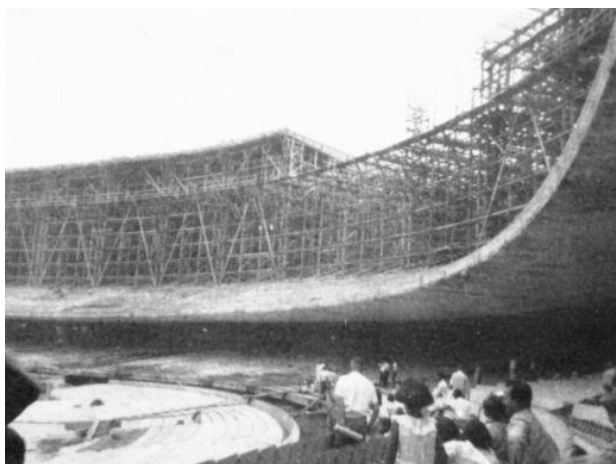


Imagem 7 – Construção (marquises)



Imagem 8 – Maquete do complexo Estádio Municipal

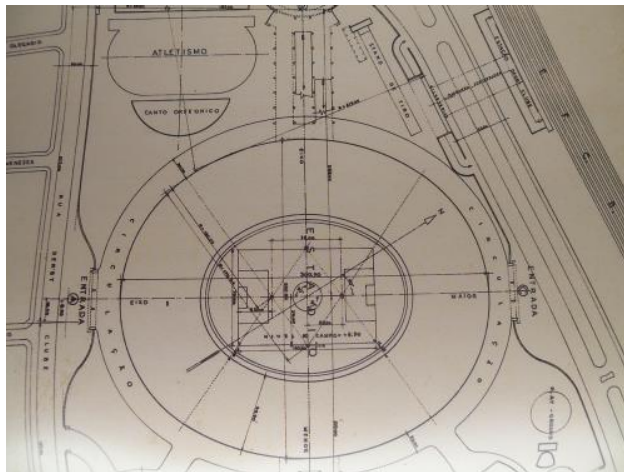


Imagem 9 – Planta (Estádio Municipal 1950)

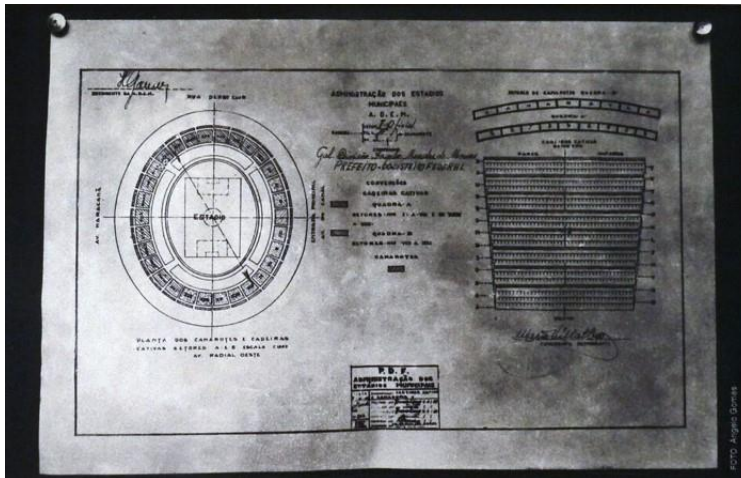


Imagem 10 – Estádio Municipal (Planta baixa)



Imagem 11 – Reforma para a Copa de 2014



Imagem 12

CÂMERAS FIXAS - Posicionamento

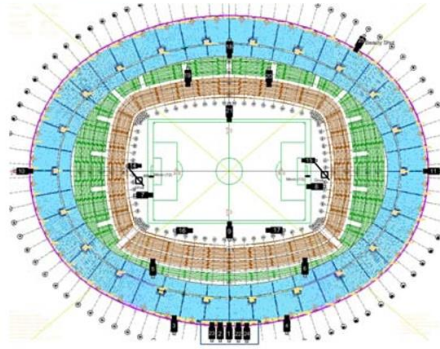


Imagem 13



Imagem 14 - *New Maracanã*

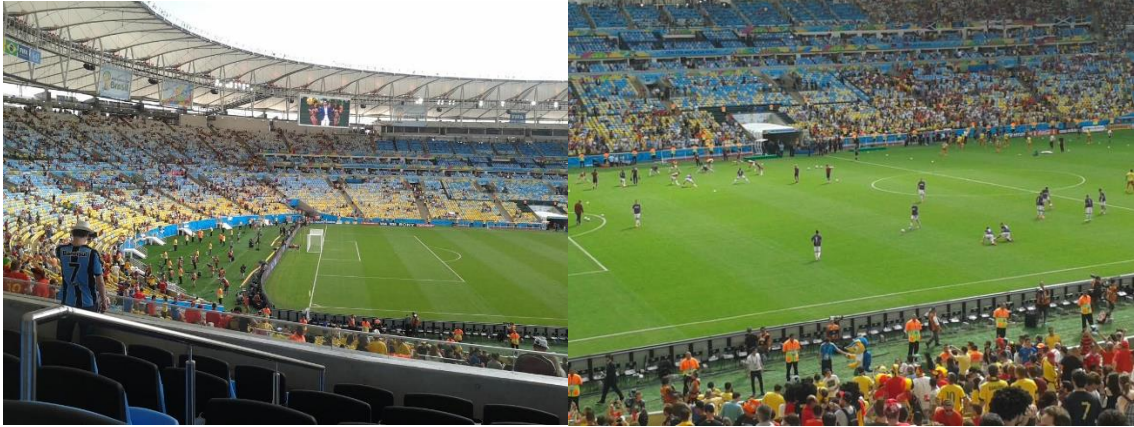


Imagem 15 – O Maracanã em dia de Copa



Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS)

Questionário 1

Torcidas, grupos e movimentos torcedores

Informações gerais

- 1 - Nome do grupo:
- 2 - Ano de fundação:
- 3 - Quantidade aproximada de membros:
- 4 - Quantos homens:
- 5 - Quantas mulheres:
- 6 - Membro com a menor idade (menor ano de nascimento):
- 7 - Membro com a maior idade (maior ano de nascimento):
- 8 - Há cargos no grupo?
() Não () Sim > Quais:

Breve histórico do grupo (Se possível descreva como o grupo surgiu)

Informações específicas: O Maracanã

- 1- O grupo ocupa algum setor específico? Qual?
- 2- É um estádio confortável?
- 3- O grupo é bem recepcionado pela Polícia quando chega ao estádio?
- 4- O grupo é bem recebido pelos funcionários do estádio?
- 5- O grupo é bem recepcionado por outros grupos torcedores?
- 6- O grupo já foi vítima de violência policial?
- 7- O grupo já foi vítima violência ou foi hostilizado por outro grupo torcedor do mesmo time?

As informações desse questionário são de uso restrito em pesquisa acadêmica. Os dados serão disponibilizados em uma dissertação e artigos acadêmicos, sem fins lucrativos aos pesquisadores, entidades e etc. Sendo preservada, quando assinalado o campo abaixo, a identidade da torcida como um todo.

() Desejo preservação do nome do grupo autorizando somente os dados.



Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS)

Questionário 2
Torcedores

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS (orais e impressas)

- 1- Nome:
- 2- Idade:
- 3- Cidade:
- 4- É/foi membro de alguma torcida/movimento organizado?
- 5- É frequentador do Maracanã?
- 6- Vê como positivas as modificações no espaço do Maracanã? (Cadeiras, banheiros...)
- 7- É um estádio confortável?
- 8- Tem lugar preferido para ficar no estádio?
- 9- Sente falta de algo no Maracanã antes das reformas?
- 10- Qual a importância do estádio para a cidade do Rio?